



Educação e educadoras na Paraíba do século XX:

um balanço da produção acadêmica



Organização

Charliton José dos Santos Machado
Maria Lucia da Silva Nunes

Ed
UECE



Financiamento



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR - Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL - Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diataty Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco José Camelo Parente • Gisafra Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Liduina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

Organização

Charliton José dos Santos Machado

Maria Lucia da Silva Nunes

Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica

ADRIANA OLIVEIRA URBAN MARIA JANILMA PEREIRA NOGUEIRA
AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES
BRUNA GOMES DE OLIVEIRA DORNELAS MARIA LUCIENE FERREIRA LIMA
CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO NATHALLY GIOVANNA SANTOS DE OLIVEIRA
CHARYA CHARLOTTE BEZERRA ADVÍNCULA NIEDJA FERREIRA DOS SANTOS
EMANUELLA SANTANA VIEIRA PIÉTRA GERMANA CARVALHO DE ANDRADE PORPINO
ENOQUE BERNARDO SANTOS RAQUEL DO NASCIMENTO SABINO
FERNANDA DANIELLA DE FRANÇA BEZERRIL RAYANE DAYSE DA SILVA OLIVEIRA
FRANCAINDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA
GABRIEL ALVES DO NASCIMENTO SARA RAPHAELA MACHADO DE AMORIM
GILVETE LIMA GABRIEL SHIRLEY TARGINO SILVA
GLÓRIA ESTEFANIE SANTOS SILVANO FIDELIS DE LIRA
IOLANDA DE SOUSA BARRETO SIMONE JOAQUIM CAVALCANTE
ISABELA NATHÁLIA NUNES TRISTÃO STELLA MARCIA DE MORAIS SANTIAGO
JOMAR RICARDO DA SILVA THAIS JUSSARA DE OLIVEIRA GUEDES
JOSECLEA DA SILVA NASCIMENTO PORFÍRIO THAYANA PRISCILA DOMINGOS DA SILVA
JULIANA APARECIDA LEMOS LACET VANUSA NASCIMENTO SABINO NEVES
LIA MACHADO FIUZA FIALHO (PREFÁCIO) WANDERLÉIA FARIAS SANTOS
MANUELLE ARAÚJO DA SILVA



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2023

**EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX:
UM BALANÇO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA**

© 2023 *Copyright* by Charliton José dos Santos Machado
e Maria Lucia da Silva Nunes (Orgs.)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 - *Campus* do Itaperi - Reitoria - Fortaleza - Ceará
CEP: 60714-903 - Tel.: (85) 3101-9893 - Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece - E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Maria Lúcia da Silva Nunes

Bibliotecária Responsável: Doris Day Eliano CRB-3/726

M149e Educação e educadoras na Paraíba do século XX [recurso eletrônico]: um balanço da produção acadêmica / Charliton José dos Santos Machado, Maria Lucia da Silva Nunes (org). - Fortaleza: EdUECE, 2023.

257 p. il.

E-book

ISBN: 978-85-7826-896-1

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1>

1. Educação. 2. História da Educação. 3. Educadoras. 5. Machado, Charliton José dos Santos. 6. Nunes, Maria Lucia da Silva. I. Título.

CDD 370

SUMÁRIO

PREFÁCIO - 11

Lia Machado Fiuzza Fialho

PARTE I

OBRAS QUE MARCARAM O LUGAR DA PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

1 MUITAS PESQUISAS, MUITAS VOZES - 23

Charliton José dos Santos Machado

Maria Lúcia da Silva Nunes

2 A DIMENSÃO DA PALAVRA: PRÁTICAS DE ESCRITA DE MULHERES - 30

Jomar Ricardo da Silva

3 MULHER E EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES - 39

Sara Raphaela Machado de Amorim

Francinaide de Lima Silva Nascimento

4 MARIA JOSÉ MAMEDE GALVÃO: TESSITURAS DE MEMÓRIAS - 48

Charya Charlotte Bezerra Advíncula

Niedja Ferreira dos Santos

5 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO CONSERVADORISMO FEMININO NO BRASIL: DO GOLPE AOS PRIMEIROS ANOS DA DITADURA MILITAR QUESTÕES POLÍTICAS E EDUCACIONAIS (1962-1967) - 55

Piêtra Germana Carvalho de Andrade Porpino

- 6 ZILA MAMEDE: TRAJETÓRIAS LITERÁRIAS E EDUCATIVAS** ▪ 63
Nathally Giovanna Santos de Oliveira
Glória Estefanie Santos
Bruna Gomes de Oliveira Dornelas
- 7 O BARÃO E O PRISIONEIRO: BIOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA EM DEBATE** ▪ 68
Shirley Targino Silva
Isabela Nathália Nunes Tristão
- 8 GÊNERO, MOVIMENTOS SOCIAIS E ONGS: REFLEXÕES DE PESQUISAS** ▪ 77
Thayana Priscila Domingos da Silva
- 9 DINAMÉRICO SOARES DO NASCIMENTO: UMA HISTÓRIA DE POESIA, PAIXÃO E DOR** ▪ 87
Juliana Aparecida Lemos Lacet
- 10 CATHARINA MOURA E O FEMINISMO NA PARAHYBA DO NORTE** ▪ 98
Wanderléia Farias Santos
- 11 MARGARIDA, MARGARIDAS** ▪ 104
Raquel do Nascimento Sabino
- 12 TUDO AZUL COM DONA NEUZA: PODER E DISPUTA LOCAL EM 1968** ▪ 109
Gabriel Alves do Nascimento
- 13 (AUTO)BIOGRAFIA DA EDUCADORA MARIA FERNANDES DE QUEIROGA (IRMÃ ANA, OSF): A GUARDIÃ** ▪ 116
Maria Luciene Ferreira Lima
- 14 MARIA CAMÉLIA PESSOA DA COSTA: EDUCAÇÃO COMO MISSÃO DE VIDA** ▪ 122
Silvano Fidelis de Lira

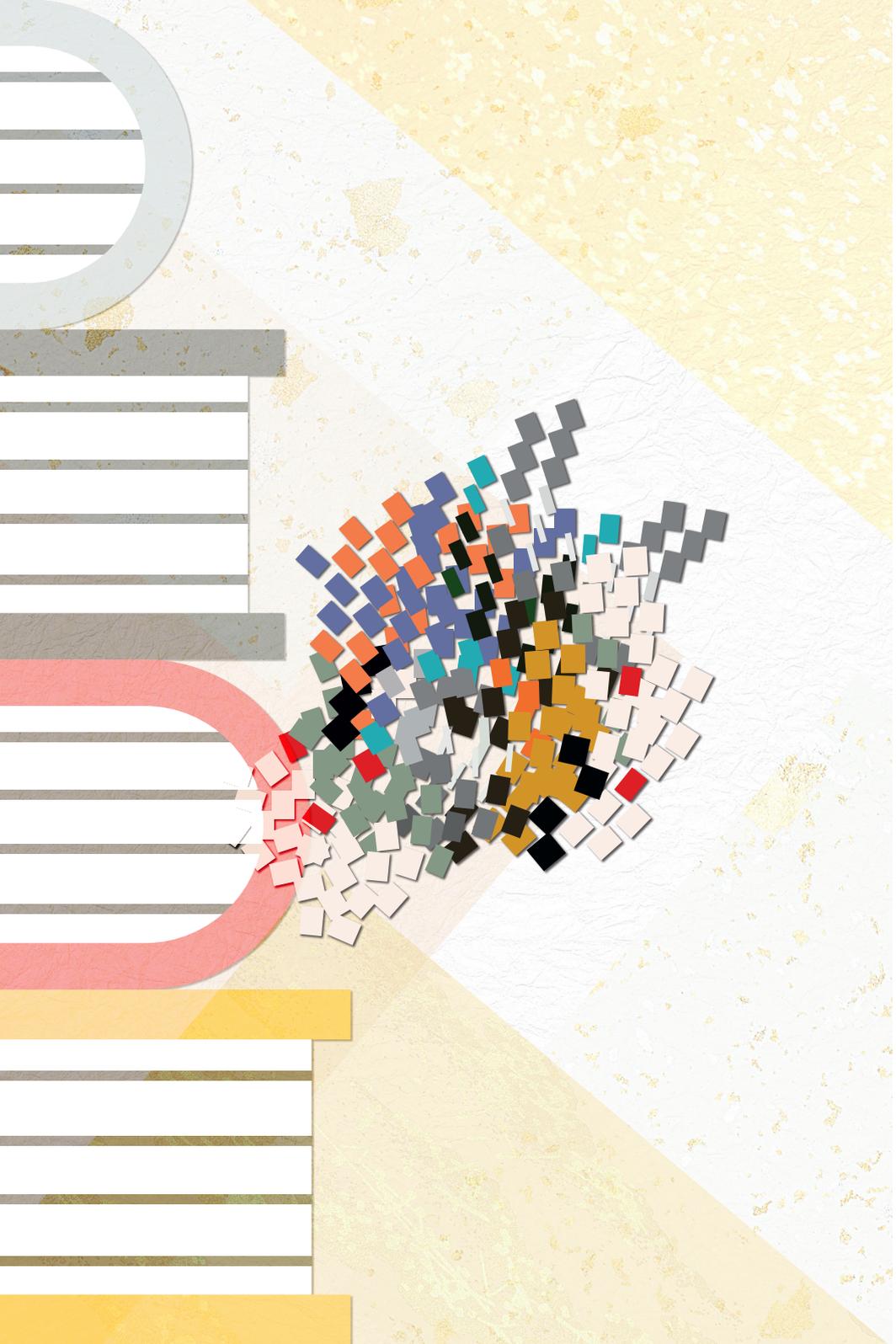
PARTE II
**COLETÂNEAS COMO DESAFIOS
DO PENSAR COLETIVO**

- 15 GÊNERO & SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS EM DEBATE** ▪ 131
Gilvete Lima Gabriel
- 16 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX:
PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES I** ▪ 138
Iolanda de Sousa Barreto
- 17 DO SILÊNCIO À VOZ: PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL E
MEMÓRIA** ▪ 148
Thais Jussara de Oliveira Guedes
- 18 GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: DESAFIOS HISTÓRICOS E
SABERES INTERDISCIPLINARES** ▪ 158
Vanusa Nascimento Sabino Neves
- 19 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX:
PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES II** ▪ 166
Enoque Bernardo Santos
Adriana Oliveira Urban
- 20 OLHARES: GÊNERO, SEXUALIDADE E CULTURA** ▪ 171
Joseclea da Silva Nascimento Porfírio
- 21 ENSAIOS EM MEMÓRIA E ORALIDADES** ▪ 178
Rosicleide Henrique da Silva
- 22 PELOS FIOS DA MEMÓRIA** ▪ 187
Stella Marcia de Moraes Santiago
Simone Joaquim Cavalcante
- 23 DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO, CULTURA E HISTÓRIA** ▪ 197
Maria Janilma Pereira Nogueira

- 24 EU CONTO, VOCÊ CONTA:** LEITURAS E PESQUISAS (AUTO) BIOGRÁFICAS - **206**
Emannuella Santana Vieira
- 25 DESAFIOS DA ESCRITA BIOGRÁFICAS:** EXPERIÊNCIA DE PESQUISA - **215**
Fernanda Daniella de França Bezerril
- 26 GÊNERO E CULTURA:** QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS - **223**
Manuelle Araújo da Silva
- 27 EXERCÍCIO DA ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA** - **232**
Rayane Dayse da Silva Oliveira
- 28 PAISAGENS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:** MEMÓRIAS, IMPRENSA E LITERATURA - **237**
Ajanayr Michelly Sobral Santana

DEDICATÓRIA

À Maria Arisnete Câmara de Moraes,
cujo percurso acadêmico foi uma
inspiração em nossas trajetórias.



PREFÁCIO

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Vice-presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO. Editora da Revista Educação & Formação do PPGE/UECE. Pesquisadora produtividade CNPq. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE).

E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4614894191113114>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

N o mundo do aceleramento, eu estava tentando organizar minha agenda para dar conta das várias atividades que me haviam sido impostas em decorrência da atuação na pós-graduação brasileira: bancas, artigos, pareceres de revista e de projetos submetidos a órgãos de fomento, organização de evento, aulas, palestras, orientações, atividades de pesquisa e tantas outras. Também estava refletindo sobre o sentido de tudo o que fazia profissionalmente e ponderava a inviabilidade da sobrecarga de trabalho que me invadia o cotidiano, já que eu havia decidido não renunciar ao lazer e aos momentos de troca de amor e carinho com a família e os amigos. E, foi justamente num desses momentos de introversão, que me chegou o “lindo” convite para prefaciar o livro *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*, organizado pelos amigos Charliton José dos Santos Machado e Maria Lucia da Silva Nunes.

“Lindo” entre aspas, propositalmente, porque a recepção do convite, a priori, despertou em mim um sentimento de preocupação e angústia: era mais uma demanda acadêmica quando já nem tinha tempo para o que deveria ser prioridade, em minha concepção, as pessoas que amo. Tentei relutar, mas fui vencida pela insistência do amigo Charliton Machado, o melhor parceiro que encontrei em toda a minha vida acadêmica. Eu não poderia lhe negar esse pedido que deveria ter me chegado como um prestígio, afinal, em meio a tantos pesquisadores renomados eu havia sido a escolhida para prefaciar esta obra.

Alguns dias se passaram sem que eu parasse as atividades já agendadas para ler a obra. Não tardou para o lembrete chegar em forma de mensagem pelo WhatsApp. Nessa noite, eu dormi pensando que já não poderia mais adiar a “obrigação” da escrita e que teria que começar a preparar o prefácio. Foi nesse instante, preparada para dormir, que me veio a ideia de fazer diferente, de deixar de lado minha escrita acadêmica, sempre no impessoal (como bem sabe quem já leu meus escritos), libertar-me das amarras acadêmicas que me aprisionam em normas, sejam linguísticas – de concordância, gramaticais, ortográficas – ou seja da ABNT, para de fato produzir uma escrita (auto)biográfica prazerosa e repleta de sentido para mim, porque poderia ser desenvolvida permeada pelos meus sentimentos desnudos, pelo meu olhar sincero e pela minha escrita livre, aquela que realmente dá prazer, mas que tenho deixado de lado para que minha produção seja aceita e validada pelos meus pares acadêmicos.

O entusiasmo da escrita (auto)biográfica me tomou de assalto, o gosto para a escrita do prefácio invadiu meus pensamentos noturnos, e, ao despertar o dia, já estava agarrada ao computador para dizer que eu estava errada, que não era um fardo, mais um trabalho, ao contrário, era uma oportunidade única de registrar o meu amor e carinho a duas pessoas que tanto admiro e, ao mesmo tempo, valorizar a pesquisa qualificada produzida no seio do grupo de estudos e pesquisas “História da Educação da Paraíba (HISTEDBR/GT-PB)”.

“Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!”

Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura”
(PESSOA, 1995, p.244).¹

É isso mesmo! Uma epígrafe no meio do texto! Desobriguei-me de cumprir regras! E não haveria melhor maneira de “começar” o prefácio de um livro organizado por Charliton Machado e Lúcia Nunes que não fosse por um excerto de poema. Isso porque a amiga Lúcia, além da pedagoga, também é formada e mestra em Letras, e a poesia sempre lhe encantou a alma e refletiu em sua maneira de escrever e ler o mundo. Já Charliton, é tão aficionado por poesia, em especial a de autoria do citado Fernando Pessoa, que chegou a tatuar o corpo em sua homenagem. Ademais, o teor da estrofe refletia perfeitamente meu estado de espírito... Como foi bom ter um livro para ler e não o fazer por obrigação! Ao invés de lê-lo de maneira maçante, pude deixar a literatura me inspirar para transformar o labor em um prazer genuíno.

Charliton Machado é um homem de coragem, pois há décadas dedica-se a estudar mulheres e lançar visibilidade ao feminino, tensionando a sociedade machista e patriarcalista que relegou a mulher ao espaço privado, às atividades domésticas e às profissões de menor prestígio social, a exemplo da educação de crianças. Mesmo sendo homem, o que gera críticas de algumas feministas que reivindicam a história das mulheres escrita por mulheres, tornou-se um pesquisador de relevo incontestante no campo da Educação. E, acredito que seu maior

¹ Poesias. Lisboa: Ática. 1942 (15ª ed. 1995). p. 244. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTg1NzQ0/>. Acesso: 12 set. 2023.

legado foi possibilitar a formação de várias gerações de mulheres, pesquisadoras da história da educação, que se dedicaram a prosseguir com a pesquisa nesse campo, graças a sua influência, aos seus ensinamentos teóricos, metodológicos e, acima de tudo, permeados por muita leveza, amizade e incentivo. Inclusive, fui sua vítima (risos). Hoje, dou prosseguimento a um legado de pesquisa e formação de recursos humanos que aprendi a desenvolver com Charliton e Lúcia. Sou, de alguma maneira, cria desses dois experts em historiar a vida educacional e profissional de mulheres, problematizando as tensões experienciadas pelo feminino, especialmente as do século XX, que ainda reverberam na desigualdade de gênero e oportunidades atualmente.

Lucia, ao ler o parágrafo acima, diria em meio a uma boa gargalhada: “Um homem a frente de seu tempo!”. Óbvio que ela sabe que cada pessoa é do seu próprio tempo, mas quem teve/tem o prazer de conviver com Charliton não perderia a oportunidade de parafraseá-lo com um de seus chavões, usado de maneira descontraída para estimular as mulheres que o rodeiam, injetando-lhes autoestima para romper paradigmas que limitam o feminino.

E olha que curioso! Lucia é essa mulher que não refletiu nos holofotes da academia com a intensidade que merecia, não por falta de competência (a propósito, considero que ela escreve e pesquisa muito melhor do que eu e Charliton), mas porque sempre foi sábia o bastante para priorizar o que realmente importa nessa vida, investindo em pessoas e projetos que lhe faziam mais sentido. Sempre atenciosa, ética, disponível, responsável e competente, Lúcia, com sua racionalidade ímpar, seu pulso forte e sua determinação, era a mulher que completava Char-

lito na academia e vice-versa. Não consigo pensar a trajetória do grupo e desses dois pesquisadores de maneira isolada, uma parceria permeada por muita lealdade que originou diversos projetos executados com excelência.

Depois dessa delonga, mediada por adjetivismos, pois me dei o direito de escrever o que sinto e penso sobre essas duas pessoas incríveis, dedico-me a discorrer sobre um desses projetos de muita qualidade, que reflete parte dos estudos desenvolvidos no grupo por eles coordenado, o livro em tela denominado oportunamente de *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*.

O título é apropriado porque corresponde com objetividade ao que se propõe: fazer um balanço das inúmeras produções desenvolvidas no grupo de estudo com a pesquisa *Educação e educadoras na Paraíba do século XX*, de tal maneira que a obra não apenas faz uma compilação dos livros produzidos pelo grupo, o que organiza e facilita a localização desse acervo, mas permite ao leitor um conhecimento prévio acerca das pesquisas desenvolvidas, convidando-o a aprofundar a leitura na obra original e ampliar a dimensão compreensiva de cada uma delas. Posso dizer que é um livro de muitos livros, pois a cada capítulo desperta o interesse em ler e conhecer ainda mais sobre as temáticas trazidas, estimulando o prosseguimento da leitura e da aquisição de conhecimentos no campo da educação das mulheres na Paraíba, em especial aquelas que se dedicaram à profissão docente. É um registro de parte importante do legado do grupo de pesquisa.

O livro, que celebra os 15 anos das produções do projeto *Educação e educadoras na Paraíba do século XX*, é dividido em duas partes: a primeira traz à tona os li-

vros autorais produzidos no seio do grupo de pesquisa, e a segunda lança lume às coletâneas, organizadas com capítulos de autorias diferentes. A apresentação, que segue a este prefácio, conta como se deu a origem do grupo e as articulações para o desenvolvimento das 27 obras revisitadas nesta coletânea. Cada uma dessas obras foi analisada por um integrante do grupo, em muitos casos que são ou foram alunos/as de mestrado ou doutorado formados/as pela dupla organizadora.

No âmbito das produções integrais temos os livros:

- A dimensão da palavra: práticas de escrita de mulheres
- Mulher e educação: história, práticas e representações
- Maria José Mamede Galvão: tessituras de memórias
- Histórias e memórias do conservadorismo feminino no Brasil: do golpe aos primeiros anos da ditadura militar – questões políticas e educacionais
- Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas
- O barão e o prisioneiro: biografia e histórias de vida em debate
- Gênero, movimentos sociais e ongs: reflexões de pesquisas
- Dinamérico Soares do Nascimento: uma história de poesia, paixão e dor
- Catharina Moura e o feminismo na Parahyba do Norte
- Margarida, margaridas
- Tudo azul com Dona Neuza: poder e disputa local em 1968
- (Auto)biografia da educadora Maria Fernandes de Queiroga (irmã Ana, OSF)

- Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida

No que concerne às produções coletivas, em forma de coletânea de capítulos temos:

- Gênero & sexualidade: perspectivas em debate
- Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações. Vol. I
- Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória
- Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares
- Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações. Vol. II
- Olhares: gênero, sexualidade e cultura
- Ensaio em memórias e oralidades
- Pelos fios da memória
- Diálogos sobre gênero, cultura e história
- Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas
- Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas
- Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais
- Exercício da escrita (auto)biográfica
- Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura

Como é possível perceber pelo título dos livros, esta obra proporciona um apanhado valoroso da história da educação da Paraíba, a partir do levantamento de fontes

orais, documentais, legais, imagéticas e impressos, entrecruzadas com um aporte teórico e metodológico rigoroso para preservar memórias e registrar uma narrativa singular sobre a história da Paraíba. Dessa maneira, ler este livro é conhecer a história desse estado, majoritariamente, a partir da lente de mulheres que contribuíram significativamente para a formação educacional de várias gerações.

Diferente da história tradicional, aqui os homens figuram em segundo plano, pois as mulheres são as protagonistas, o que dá a ver uma história contada pelo olhar feminino, valorizando os feitos e as colaborações das mulheres para o desenvolvimento social, cultural, econômico e, principalmente, educacional da sociedade paraibana no século XX. Uma obra indispensável, inclusive, para melhor compreender não apenas a Paraíba, mas a própria história da educação no Brasil, já que o micro não se explica sem a compressão do macro e vice-versa.

Neste livro, em uma leitura técnica, é possível robustecer seu arcabouço teórico e metodológico no campo da história da educação, ao tempo que permite, em uma leitura sensível, sentir como foi se constituindo, amadurecendo e crescendo um dos principais grupos de pesquisa da história da educação do Brasil. Convido, então, à leitura integral da obra.

Bom proveito!

Fortaleza, setembro de 2023.



The background features a complex geometric design with overlapping triangles and quadrilaterals in shades of white, light beige, and gold. The surfaces have a crinkled, paper-like texture, and the gold areas are speckled with darker gold spots, creating a shimmering effect.

PARTE I

OBRAS QUE MARCARAM O LUGAR DA PESQUISA
NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

1 MUITAS PESQUISAS, MUITAS VOZES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap1>

CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO

Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, lotado no Departamento de Metodologia da Educação – DME no Centro de Educação/CE. Investigador Convidado do Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD) da Universidade do Algarve/Portugal (<https://cead.ualg.pt/site/investigadores-convidados/>). Pós-Doutorado em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra/Portugal (2021). Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/2009). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/2001). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/1997). Licenciado em Ciências Sociais (UFPB/1994). Professor com atuação permanente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Educação (PPGE) e Sociologia (PPGS), ambos da UFPB, atuando como orientador (Mestrado e Doutorado), principalmente nos seguintes temas: Educação, História, Cultura e Gênero. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1C – CA ED – Educação. Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), desde a fundação, em 1999. Sócio Permanente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM). Membro do Comitê de Assessoramento de Educação (CA-ED) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e docente pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas “História da Educação da Paraíba” (HISTEDBR/GT-PB), desde 2005. Autor e coautor de vários livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais.

MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestra em Letras, graduada em Pedagogia e em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora aposentada do Departamento de Metodologia e Educação da UFPB. Atuação docente desenvolvida na educação básica ao ensino superior. Pesquisadora associada à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e membro do HISTEDBR – GT PB, com orientações concluídas, pesquisas e textos publicados no campo da História da educação, com ênfase na história das mulheres, história da leitura, memória, (auto)biografia, literatura e relações de gênero. Integrante do projeto de pesquisa Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: escrita e leitura na República em ascensão. Autora e coautora de artigos em periódicos nacionais e internacionais, coautora e organizadora de livros e coletâneas.

A pesquisa “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX” tem a sua origem no ambiente de formação acadêmica criado no final dos anos de 1990, na então Base de Pesquisa “Gênero e Práticas Culturais: abordagens, históricas, educativas e literárias”¹, sob a supervisão da professora Maria Arisnete Câmara de Moraes, que tinha acabado de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/UFRN, formando seu primeiro grupo de orientações do mestrado e doutorado.

O protagonismo do citado grupo foi projetar no campo dos diversos estudos de orientações e pesquisas a visibilização da mulher nos espaços de construção de uma sociedade letrada, entre os séculos XIX e XX. Revisitando as produções da época, a líder do grupo assim apontava como objetivos norteadores da formação:

Configurar e analisar os perfis de pedagogas e escritoras que contribuíram para a formação da sociedade letrada brasileira e norte-rio-grandense, a partir da segunda metade do século XIX; enfatizar a prática docente de professoras componentes da primeira turma da Escola Normal de Natal; catalogar periódicos femininos, destacando a participação das mulheres que atuavam como editoras, cronistas, repórteres e colaboradoras de jornal; analisar a atuação de mulheres, em espaços estratégicos do poder, como sindicatos, associações e partidos (MORAIS, 2001, p. 09).

Nessa perspectiva, a primeira formação da Base de Pesquisa “Gênero e Práticas Culturais: abordagens, histó-

¹ Após adequações, hoje é denominado no Diretório do CNPq: “História da Educação, Literatura e Gênero”, tendo como líder Maria Arisnete Câmara de Moraes e vice-líder Maria Inês Sucupira Stamatto, ambas docentes aposentadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

ricas, educativas e literárias” ocorreu em 2001, com a tese de doutorado intitulada “Práticas de escrita e representações de mulheres do Seridó paraibano (1960-1980)”, autoria de Charliton José dos Santos Machado e, em 2022, a tese intitulada “Fases de Mulher no Brasil das décadas de 1960 e 1970”, autoria da professora Ilane Ferreira.

A tese inaugural da Base de Pesquisa “Gênero e Práticas Culturais: abordagens, históricas, educativas e literárias” foi posteriormente lançada em 2005 como livro pela Editora da UFPB, com o título “A dimensão da palavra: práticas de escrita de mulheres”.

Essa obra publicada em 2005 convergiu com a elaboração do projeto formulado por Maria Lúcia da Silva Nunes no Departamento de Metodologia da Educação – DME/CE e por Charliton José dos Santos Machado no Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, abrindo, portanto, caminhos para diversos estudos sobre a mulher no século XX, em diferentes tempos e espaços, mas principalmente na história da educação da Paraíba.

Em prefácio à publicação do volume 1 da primeira obra do grupo, intitulada “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX”, organizada por Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes, em 2009, assim se referiu a professora Ana Maria Gonçalves de Freitas:

A experiência e a maturidade intelectual dos organizadores da coletânea permitiram a seleção criteriosa dos textos. As lições apreendidas pelas mulheres investigadas e aprendidas pelos pesquisadores desta obra ultrapassam os limites geográficos e os marcos temporais estabelecidos a priori (FREITAS, 2009, p. 14)

Converge com esse período de lançamento do referido trabalho do grupo, as primeiras teses e dissertações defendidas em 2005, 2006, 2007 e 2008, além da criação do 1º Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais (SNGPC) na UFPB², evento que mobilizou diversos pesquisadores brasileiros, da Iniciação Científica ao doutorado e movimentos sociais, interessados na realização do diálogo e da formação acadêmica mediada pelo projeto “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX”.

Os impactos dos primeiros quatro anos da pesquisa foram fundamentais para o reconhecimento da sua relevância nas instituições de fomento, em particular, em 2009, com a conquista de Bolsa de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Nível/PQ2 para um dos coordenadores do projeto³, o que permitiu ampliar a divulgação dos inúmeros estudos realizados sob o projeto “guarda-chuva”.

Cabe lembrar que o espaço de formação e referencial da pesquisa iniciada em 2005 com Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes foi de fato no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR/PB⁴, na linha História Intelectual e dos Intelectuais, (auto)Bio-

² O SNGPC ocorreu em 7 edições, tendo sido a última realizada em novembro de 2019 no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

³ O projeto de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq foi aprovado na Chamada PQ 10/2009, com a concessão de bolsa ao professor Charliton José dos Santos Machado – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Aprovado por sucessivas edições, na última chamada, em 2021, o projeto progrediu para o nível – PQ- 1C. Agora com o título “A MULHER E A EDUCAÇÃO NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: ESCRITA E LEITURA NO CENÁRIO DO ESTADO NOVO (1937-1945)”

⁴ O GT – HISTEDBR da Paraíba é o mais antigo grupo de pesquisa organizado na Universidade Federal da Paraíba, criado em 1992, sob a liderança de Maria de Lourdes Barreto de Oliveira.

grafias e Estudos de Gênero”. Certamente a pesquisa ora em análise contribuiu numa saudável renovação, como reconheceu Oliveira (2012, p. 29), por se tratar:

[...] de uma convivência saudável dos novos e velhos participantes do grupo e nela a continuidade do empenho dos pesquisadores com a socialização do conhecimento [...] como a história das mulheres, a literatura como fonte da história, a crise dos paradigmas, a história do tempo presente [...].

Essa convivência saudável também foi decisiva na criação em 2007 da Linha de Pesquisa História da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPB, abrindo, assim, caminhos para o fortalecimento de estudos e dezenas de orientações acadêmicas de dissertações e teses, sob a orientação de Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes, tendo como preocupação central e predominante “[...] os debates, as pesquisas e os estudos sobre a mulher, educação, e relações de gênero” (MACHADO; NUNES, 2012, p. 187), campo temático cada vez maior da produção, como atestado em levantamentos recentes⁵.

Não menos importante, a pesquisa também foi decisiva no campo de articulação, intercâmbios e trocas de experiências regionais e nacionais, a exemplo dos trabalhos compartilhados nos últimos 16 anos, com pesquisadores do Núcleo de História e Memória/NHIME da UFC, de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades/PEMO da UECE e História da Educação, Literatura e Gênero/HELG da UFRN. Tais parcerias resultaram em orientações e inúmeras publicações em eventos, mesas redondas, ban-

⁵ Levantamento realizado por alunas da disciplina Pesquisa em História da Educação do PPGE em 2022 e que será publicado em 2023.

cas de avaliações, orientações compartilhadas, produções de obras em coautoria e nas constantes publicações em periódicos regionais, nacionais e internacionais.

Além dos livros autorais, a maior parte em parcerias, a diversidade de textos das coletâneas ora resenhadas, com autoria de professores/as e/ou pesquisadores/as oriundos/as de várias instituições brasileiras reflete o esforço desse grupo/projeto e suas ações em prol do diálogo, da abertura ao novo, às questões emergentes e urgentes da sociedade contemporânea, a vontade e disponibilidade em ouvir e aprender com outrem sobre suas reflexões, saberes e conhecimentos. Tal perspectiva remete-nos às ideias do grande mestre Paulo Freire quando reflete sobre saberes que devem compor a prática educativa:

A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas (FREIRE, 1996, p. 153).

Portanto, as 26 obras revisitadas nesta coletânea e que celebram os 15 anos das produções da pesquisa “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX” é, antes de tudo, mais um encontro de muitas pesquisas, muitas vozes, num percurso de formação e contribuições acadêmicas que há muito tempo saiu das universidades e ganhou as ruas.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 (Coleção Leitura).

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Mulher e educação: experiências no HISTEDBR-PB. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; ANANIAS, Mauricéia (Orgs.). *História da Educação da Paraíba: lembrar e comemorar – Edição Comemorativa dos 20 anos do HISTEDBR – PB*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

MORAIS, Arisnete Câmara de. Relações de gênero: um tema controverso. In: MORAIS, Arisnete Câmara de (Org.). *A mulher em nove versões*. Natal: EDUFRN, 2001.

FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. Para que(M) contar a história das mulheres professoras/literatas paraibanas? In: MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Orgs.). *Educação e educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Barreto de. A pesquisa em História da Educação na Paraíba. In: FERRONATO, Cristiano; MORAIS, José Jassuípe; ANANIAS, Mauricéia; NUNES, Ramsés, LIMA, Rosângela C. F. de. (Orgs.). *Trilhas da pesquisa em História da Educação*. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

2 A DIMENSÃO DA PALAVRA: PRÁTICAS DE ESCRITA DE MULHERES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap2>

JOMAR RICARDO DA SILVA

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (atualmente Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Campus I), graduado em História e especialista em Brasil República. Professor Associado da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, atuando nos temas cidadania e participação social, como também desenvolve pesquisas e projeto de extensão nas áreas de questões étnico-raciais e de gênero.
jomarricardosilva@hotmail.com

No princípio era o Verbo, Ele se fez carne e habitou entre a gente. Foi assim no princípio, hoje e sempre, no semiárido do Nordeste. As mulheres transformam a dor, seca, sofrimento em poesia, pão e folgado; numa terra em que o sol calcina sem piedade todo ser vivente. A palavra clama à dimensão mais alta, trazendo do céu o alento de esperança e deixa o espírito repleto de beleza e graça. É da transubstanciação da vicissitude humana em poesia, pelo dom mais caro da palavra, que ora este texto trata.

O livro resenhado é resultado da trajetória do professor doutor Charliton José dos Santos Machado que remonta ao seu trabalho de assessoria no Centro de Defesa da Vida da Mulher do Curimataú (CEDVIMUC), localizado numa área abrangendo municípios da microrregião do Seridó Ocidental paraibano, particularmente Nova Palmeira, Pedra Lavrada e Cubati, cidades onde se concentravam os serviços da organização. A pesquisa iniciou-se logo após o término da dissertação de Mestrado, intitulada *A Política de cara nova (?): estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira – PB*. O tema discorria sobre a atuação das mulheres nas atividades políticas institucionais e nos novos espaços da sociedade civil, tais como sindicato, Organizações Não Governamentais (ONGs), associações de agricultores e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As interrogações para a presente tese de doutorado promanam dessa pes-

quisa, que o inquietaram a ponto de conduzi-lo a singrar por outros mares, em busca de outros referenciais teóricos que possibilitassem “o entendimento local das atuações femininas, bem como a valorização específica dos seus discursos e das práticas culturais” (2005, p.16).

Machado encontrou um porto seguro para arrefecer as angústias acadêmicas, quando abeirou a base de pesquisa Gênero e Práticas Culturais – abordagens históricas, educativas e literárias, vinculada ao Núcleo Nísia Floresta de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero / NEPAM / UFRN. A preocupação da referida base é reconstruir a prática de leitura e escrita de mulheres, através da trajetória de professoras, literatas e intelectuais, que a partir do século XIX, “contribuíram para a formação e cultivo de gerações ao longo do período estudado no Brasil” (2005, p. 21).

Os questionamentos adquiriram redimensionamentos à medida que o pesquisador interagiu com os membros do grupo sobre a viabilidade de enveredar com a temática por concepções que contemplassem as representações e práticas cotidianas, consideradas banais por certa historiografia tradicional. As interlocuções com as professoras Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes e a Dra. Rosanália de Sá Leitão Pinheiro foram decisivas para a consolidação do objeto, que se constituiu na análise das práticas de escrita das mulheres educadoras e literatas da cidade de Nova Palmeira. O período abarca duas décadas, 1960 a 1980 do século XX, justificado pela democratização do ensino e ingresso da mulher no mercado de trabalho.

Na parte destinada às fontes de pesquisa, são apresentados os perfis educacionais e literários das mulheres

pesquisadas com as respectivas obras. O critério para a escolha se deveu à constante participação dessas mulheres na vida local do município e no caso específico de uma delas, Zila Mamede, nas repercussões literárias em âmbito nacional. Segue-se a ordem de apresentação das quatro mulheres, suas aptidões e obras.

Zila Mamede, poetisa e biblioteconomista, nasceu em 1928, Nova Palmeira. Ainda pequena mudou-se com a família para Mossoró e no ano de 1943 foi morar na cidade de Natal. Escreveu *O arado* (1959), *Luiz Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual* (1970) e *Navegos* (1978) entre outros. Maria da Paz Bezerra de Medeiros (Marisinha), nascida e criada em Nova Palmeira. Engajada nos movimentos sociais; professora aposentada, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, com mandato vigido até 2001. Autora do livro de poesia *Etiquetas de amor* (1995). Maria da Guia Bezerra de Medeiros, nascida em 1946, mudou-se para a cidade de Picuí e posteriormente para Campina Grande. É poetisa, parodista, compositora. Compôs o hino da padroeira de cidade, *Nossa Senhora da Guia*. Maria da Luz Bezerra de Medeiros (Maluza), veio à luz em 1949. Professora do ensino básico e ginásial. Conhecida pelos seus dotes artísticos, nos quais se destacam o cartum, a paródia, a composição. Deu a lume o livro *Nova Palmeira: prosa e verso*. Dessas selecionadas todas exerceram a função de professora, exceto a primeira.

Em relação à profissão docente, são assinalados os primórdios da formação, na primeira metade da década de 1960, ocorrido no Centro de Formação de Professores, no município de Alagoa Grande, daquelas que iriam fazer parte do quadro de professoras na região. Maria da Guia Bezerra asserta: “passou na região um grupo de pessoas

procurando saber quem tava interessada em fazer esse curso, pra depois de formada ser contratado (sic) pra dar aula nas escolas da região” (MACHADO, 2005, p.91). Verifica-se o caráter aleatório da triagem das aspirantes a professoras. A mudança foi sentida pelas antigas professoras que passariam a lecionar em séries individuais, deixando o atualmente denominado multisseriado.

Uma obra correlata, mas que se distingue deste pela abordagem, é o livro de Graça Aquino, *A memória como evocação: um estudo crítico da obra O Arado*, de Zila Mamede (Natal: A.S. Editora, 2005). Originalmente apresentado como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). O objetivo de Aquino é contribuir com o preconício da obra da escritora paraibana, que se ressentia de “reconhecimento a nível nacional e a pouca divulgação de sua poesia” (AQUINO, 2005, p.11).

O objeto de estudo centra-se na memória, tradição literária e intertextualidade como características da criação poética da nova-palmeirense. O referencial teórico para a interpretação dos poemas d’*O Arado* baseia-se no conceito de memória, a partir de uma discussão entre Henri Bergson e Ecléa Bosi. A tradição está imbricada com a intertextualidade no que se refere à influência de Manuel Bandeira sobre Zila Mamede, na medida em que ambos procuram nas experiências do passado a matéria-prima para elaboração de suas poesias. A incidência da linguagem literária do escritor pernambucano, na produção da poetisa, reflete uma tradição comprovada através da análise comparada de textos dos autores mencionados.

A possível crítica ao elenco dessas quatro mulheres d'*A dimensão da palavra* (2005), para efeito de investigação, por não revelar a regra do universo cultural estudado, Charliton Machado antecipa-se com o argumento de que fez a opção por uma singularidade que transcende as perspectivas individuais de cada uma delas e da importância das trajetórias dessas vidas, por apontarem através da prática da escrita, novas possibilidades de estar mulher, influenciando assim, a formação de comportamentos e mentalidades num determinado tempo e lugar (2005).

Além das obras e textos das mulheres anteriormente citadas, foram consultados desenhos e fotografias que traduzem os valores, as representações e os costumes da sociedade e época analisadas. Fez-se uso também da entrevista para o conhecimento do objeto que paulatinamente se configurava em nuances da realidade feminina, a saber, mais precisamente, na análise da investigação por intermédio das categorias cotidiano, família, religião, movimentos sociais e seca.

O cotidiano foi reconhecido pela história cultural como um espaço privilegiado, por possibilitar as problematizações acerca do conhecimento das experiências culturais, expressas através de representações e práticas dos sujeitos envolvidos em determinado contexto histórico-cultural. Para Chartier (apud MACHADO, 2005, p. 103), as percepções do social não são discursos neutros, mas implicam em estratégias que se impõem às custas de outros, utilizando a autoridade para “[...] legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” A realidade que se dá a ler, por intermédio do poema de Maluza Bezerra (apud

MACHADO, 2005, p.107), *Fim de feira*, demonstra uma visão social pela perspectiva do pobre que não tem voz nem vez: “Pouco lucro / por causa da inflação / é difícil a situação / pobre não tem voz nem vez.” Pode-se apreender que, tanto a consciência adquirida quanto a capacidade de designá-la em verso e por escrito foram forjadas no processo de socialização em tenra idade, ainda no regaço do lar.

Segundo Machado (2005, p. 119), os Bezerra de Medeiros foram diligentes com a instrução das únicas descendentes. Narra o autor que na educação doméstica constavam a instrução religiosa e artística: “Nesse sentido, a aprendizagem elementar da escrita era necessária para se ter o contato com as paródias elaboradas em casa, com os versinhos rascunhados nos cadernos, com as orações da Igreja”. A leitura e a escrita passaram a ser, por parte das crianças, uma necessidade para a participação das relações interpessoais no interior do grupo familiar.

Também na família confirma-se a preponderância do poder do pai sobre todos os membros. A imposição do medo é uma das maneiras de gerar corpos disciplinados. A esse respeito, Ivonete Mamede, irmã caçula de Zila, reportou-se ao sentimento que seu pai, Josafá, infundia na irmã: “Papai era uma pessoa muito rígida, foi muito rígido a vida toda e ela [Zila Mamede] tinha muito medo dele; mas era uma criança muito responsável” (SANTOS *apud* MACHADO, 2005, p 123).

Preocupado com o poder exercido nas relações entre pais e filhos, Michel Foucault, em *Vigiar e punir* (1999, p.177-78), alertava para a necessidade de perquirir a família, enquanto instituição a absorver de outras estruturas sociais (quartel, escola, hospital) esquemas de controle,

com a finalidade de saber como se disciplinaram essas interdependências, “[...] que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal”. A presente obra, como também todas as pesquisas da base *Gênero e Práticas Culturais* – abordagens históricas, educativas e literárias, direciona seu esforço para este escopo, ou seja, elucidar as formas de dominação existentes na sociedade, a partir das categorias de gênero e educação que perpassam pelo interior da organização familiar.

Concomitante à aprendizagem da escrita e da leitura, havia a transmissão de princípios religiosos arraigados na família de tradição rural, de forma tão espontânea, que Zila Mamede afirmou em uma entrevista, ter percebido a consciência de si ao experienciar a ideia de Deus. “A primeira noção de estar viva, de estar no mundo, foi naquele momento, na Igreja, em que eu vi, pela primeira vez, sendo dada a comunhão” (*apud* MACHADO, 2005, p.137).

A década de 1960 trouxe no campo religioso mudanças no modo dos cristãos experimentarem a sua fé religiosa. A Teologia da Libertação representou a resposta de setores progressistas da Igreja Católica, “[...] a uma situação social marcada pela pobreza e a injustiça social da maioria da população de excluídos, contrariando, assim, a Igreja mais espiritualista e menos envolvida em assuntos seculares” (MACHADO, 2005, p. 138). A novidade veio na sua realização prática com a formação das CEBs e da articulação dos seus membros com os movimentos sociais. Marisinha precisa bem a participação na condição de um imperativo, no poema *Mulher libertação*: “Ergue-te! / Levanta-te! / Quebra-te as correntes

da opressão / – o julgo que te esmaga! / Firma-te na luta! [...] Nas CEBs, / sindicato / na política / Associação” (apud MACHADO, 2005, p. 157).

Machado, ao transcórre na análise das unidades temáticas, resultado da busca sistemática das representações registradas nos escritos das mulheres, termina por discorrer sobre a seca. Para a interpretação dos textos femininos, apoia-se na concepção de Albuquerque Júnior para quem a seca é a genitora do Nordeste, pois ele é “[...] produto imagético-discursivo de toda uma série de imagem e textos produzidos a respeito deste fenômeno” (apud MACHADO, 2005, p.161). Dialoga com os textos de José Américo de Almeida, *A bagaceira* e de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, cotejando-os com os de Zila Mamede e das irmãs Bezerra. Chega à conclusão que estes não fogem à regra, por retratarem a mesma situação de miséria e fome. Os homens e mulheres, habitantes da região, sopesam as consequências de privação, em bocas sedentas e estômagos vazios, secularmente habituados a práticas culturais, que fazem do espaço e do fenômeno climático sua própria identidade.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos. *A dimensão da palavra: práticas de escrita de mulheres*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2005.

3 MULHER E EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap3>

SARA RAPHAELA MACHADO DE AMORIM

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com Estágio Doutoral na Universidad de Alcalá de Henares (UAH - Madrid). Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação (UERN/CNPq).

saraamorim@uern.br

FRANCINAIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Estágio Doutoral na Universidade de Lisboa. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Tecnologia (IFRN/CNPq).

francinaide.silva@ifrn.edu.br

O Projeto Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX, em seus quinze anos de existência, contribuiu de modo singular com a produção historiográfica da educação paraibana, constituindo-se como referência na realização de estudos acerca da história da educação no estado e oferecendo visibilidade para a atuação de mulheres educadoras nos mais diversos lugares e instituições, impactando o campo da História da Educação no Brasil. No cerne das produções derivadas das incursões intelectuais dos(as) pesquisadores(as) emerge a obra *Mulher e educação: história, práticas e representações*, de autoria de Charliton José dos Santos Machado, publicada pela Editora Universitária UFPB no ano de 2006.

Nela, o autor conduz seus leitores pelos muitos encontros acadêmicos entre ele e as mulheres pesquisadas em seus percursos investigativos. De modo mais amplo, o livro apresenta travessias do educador entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, que se evidenciam tanto em sua formação acadêmica, quanto nas produções que dela derivaram. É válido destacar a relação estabelecida com a Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mais precisamente nos estudos desenvolvidos na Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias, coordenada pela Profa. Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes, orientadora de doutorado do professor Charliton Machado.

Os quatro artigos reunidos no livro se imbricam nas teias investigativas tecidas a partir dos estudos subsidiados pelas discussões teórico-metodológicas e conceituais da Nova História Cultural. Tal escolha permitiu a apreensão dos aspectos mais subjetivos de trajetórias biográficas, práticas e representações da educação, sobretudo, levando em conta a atuação de mulheres, com relevo para os aspectos socioeconômicos e culturais, bem como as lutas políticas tão presentes nos limites e perspectivas de atuação profissional do referido gênero em análise. Ao longo de seu texto, utiliza e entrecruza diversas fontes documentais, como as revistas do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Revista *Era Nova* (1980) e os jornais *A União* (1930) e *Jornal do Brasil* (1930).

Com as *Anotações sobre História, História Cultural e Micro-História*, o livro recebe seus leitores em suas primeiras páginas, conduzindo-os a um mergulho no referencial teórico-metodológico que oferece suporte para todas as investigações que permeiam a construção textual da obra. O destaque para a compreensão do passado em sua complexidade, com vistas à apreensão de sentidos e significações de histórias e atuações singulares de determinados sujeitos históricos, dá-se pela realização do que o autor denomina de “transgressão historiográfica”. Ela permite a mudança de enfoque nos estudos que se deslocaram da história social da cultura para a história cultural da sociedade. Esse movimento afetou significativamente a escrita da história ao passo que viabilizou a dilatação das possibilidades nos campos da pesquisa histórica, possibilitando que as reflexões acadêmico-científicas trouxessem à tona as contribuições de outros personagens históricos, suas experiências sociais e

suas práticas culturais. Com tais mudanças, as análises macrocentradas e que seguiam em curso até o início do século XX cederam espaço a outros temas e objetos, que têm permitido a “[...] reconstituição do vivido por homens e mulheres da vida comum, nos diferentes campos de atuação cultural ao longo da história e tem ajudado a preencher as lacunas deixadas pela convicção de análise global dos fenômenos sociais” (MACHADO, 2006, p. 21).

Fundamentado nas perspectivas dos estudos histórico-culturais, nos apresenta seus estudos acerca das *Práticas e representações de educadoras paraibanas em 1930*, em diálogo com as questões de gênero em busca de outras/novas formas de compreensão da sociedade paraibana nas primeiras décadas do século XX, sobretudo no período que compreende profundas transformações políticas e socioeconômicas no cenário nacional. Dialoga com a historiadora francesa Michelle Perrot (1998), com o intuito de estudar as trajetórias de mulheres que viveram e pensaram suas relações com seus respectivos espaços de inserção sociocultural a partir dos limites que lhes eram impostos pela ordem social de seu tempo.

Propondo alternativas para o rompimento dos silêncios estabelecidos nas narrativas oficiais, Machado (2006) dedica-se a lançar luz para as contribuições de educadoras que ultrapassaram os territórios que lhes eram reservados, contrariando códigos culturais na sociedade vigente e ocupando espaços de agremiação em prol de lutas como o direito ao voto feminino. Em seu texto, utiliza diversas fontes documentais, a exemplo da *Revista Era Nova* (1930) e do jornal *A União* (1930), que apontam a grande presença de professoras na formação

de comitês femininos de efetiva participação nas discussões políticas do período.

Das pesquisas inscritas no livro surgem também conexões biográficas. Ao longo do escrito, é perceptível aos leitores que os vínculos entre os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte não se limitam à trajetória formativa do autor, mas emergem, também, das *Trajetórias literárias e educativas de Zila da Costa Mamede (1920-1985)* cuidadosamente tratadas e apresentadas aos leitores. A poetisa e bibliotecária paraibana, radicada norte-rio-grandense, em entrevista ao programa “Memória Viva” da TV Universitária em 1981, afirmou: “[...] me sinto tão norte-rio-grandense que tenho um susto quando olho a minha carteira de identidade [...]” Tais conexões aproximam pesquisador e pesquisada, um encontro que nos permite conhecer um pouco mais sobre a formação de Zila Mamede e os seus muitos (des)encontros, um deles, em especial, com o mar que a fascinou e a levou da vida em 1985. A profundidade de seus escritos e suas relações com a vida da escritora são tratadas de modo envolvente e instigante em Machado (2006), que a partir dessa intrínseca relação representa algumas das contribuições educativas e literárias dessa personagem intelectual.

Ainda no campo das discussões sobre mulheres e educação, o escritor debruça-se sobre o *I Congresso Sul-Americano da Mulher em Defesa da Democracia – 1967*: questões políticas e educacionais, ao trabalhar com a recuperação histórica de teses políticas e educacionais disseminadas no referido evento. Na busca por compreender o ideário conservador atribuído ao ensino e à educação brasileira no período de vigência do regi-

me ditatorial, nos primeiros anos após a efetivação do Golpe Militar de 1964 e que permeou a organização do congresso em questão, são realizadas relevantes problematizações e análises acerca dos objetivos desta iniciativa organizada por diversas entidades femininas do país, caracterizada pela forte presença de debates conservadores que envolviam temas como conscientização cívica da mulher, princípios sagrados da família, educação, fé e religiosidade.

Os conteúdos temáticos em suas dimensões políticas e ideológicas eram consonantes às ações autoritárias desenvolvidas no país. Deus, pátria e família constituíam a tríade dos princípios que orientavam as discussões das mulheres de classe média, as quais comemoravam a política golpista pós-64, como é expresso por Machado (2006) ao apresentar trechos dos Anais da Campanha da Mulher pela Democracia/CAMDE. Estes versavam sobre a importância da atuação feminina em defesa dos perigos das “[...] teorias esquerdistas que ameaçaram seus lares e os futuros de seus filhos” (ANAIS CMADE, 1967, p. 21 *apud* MACHADO, 2006, p. 92).

Tal investigação histórica que destaca propostas educacionais atravessadas por projetos políticos autoritários e pelos ideais conservadores constitui-se como algo de extrema atualidade e relevância, principalmente no contexto atual brasileiro que suscita cada vez mais o conhecimento acerca de um passado antidemocrático que insiste em fazer parte de discursos e projetos produzidos no cenário político e educacional brasileiro.

A obra de Charliton Machado é concluída com a beleza de poemas e canções escritos por Maria da Luz Bezerra de Medeiros, nascida em 1949 no sertão do Seridó

paraibano. Professora, poetisa, cartunista e compositora são algumas das facetas dessa mulher que, assim como as demais personalidades pesquisadas, tiveram suas vozes e ideias ecoando por entre as linhas e entrelinhas do manuscrito. Práticas de escrita e representações são identificadas e analisadas através da produção literária de uma educadora comum, como assim é intitulada por aquele que se dedicou a conhecê-la. As problemáticas da vida no nordeste brasileiro integraram as produções que revelam também possibilidades de atuação das mulheres nos diferentes segmentos sociais, assim como revelam aspectos de resistência e rupturas com normas e estereótipos de tradições e costumes predominantes na sociedade em questão.

Os poemas de Maria da Luz, evocados por Machado (2006), revelam a intensa referência à participação feminina nos campos políticos e sociais da cidade de Nova Palmeira, que é reconhecida nesta obra como palco de grande visibilidade política e cultural das mulheres. A leitura crítica da seca permitiu a elucidação não apenas como uma problemática nordestina histórica, mas como uma elaboração identitária da região. A arte de uma mulher que retrata imagens de fome e miséria, traduzindo a dor na forma de poemas e canções, é examinada com maestria, produzindo e fomentando outros tantos caminhos possíveis na investigação das diversas esferas que se relacionam com as histórias das mulheres, da educação e da sociedade.

Ler a obra de Charliton Machado é ingressar em um universo rico de problemáticas e criticidade sobre os cursos da história da educação nacional. O recorte que aponta para os olhares voltados ao estado da Paraíba

não retira do leitor a possibilidade do conhecimento de aspectos mais amplos, visto que a narrativa correlaciona os enfoques estabelecidos com as realidades socioeconômica, cultural e política do país nos referidos contextos. As temáticas e pesquisas apresentadas no corpo do texto possuem um fio condutor que transpassa tempos, espaços, sujeitos e questões. São práticas, escritas, atuações e representações de mulheres que estiveram ligadas à educação, seja de modo direto ou indireto, no interior de espaços escolares ou na formação em demais espaços culturais. Mulheres que protagonizaram ações em distintos momentos históricos, mas que se entrelaçam por meio da defesa de seus interesses e lutas.

Na escrita, seu criador destaca uma das dimensões mais fortes e que historicamente perpassa a educação brasileira: a questão de gênero. Ao escrever sobre diferentes mulheres e seus espaços de ocupação numa sociedade patriarcal, ensina sobre a necessidade do surgimento de mais estudos sobre mulheres. Mostra também o quanto ainda é possível descobrir, se trouxermos à tona trajetórias femininas que, por tantas razões, podem ter sido silenciadas.

A atualidade da obra, publicada há mais de um decênio, reflete-se na pertinência não só das discussões, mas nas contribuições que ofereceu durante esse período ao campo da História da Educação. Conhecer Zila Mamede, Maria da Luz e outras mulheres educadoras pelos olhos de Machado, nos inquieta na procura por conhecer as histórias e atuações de tantas outras personagens que de algum modo indicam outros olhares possíveis para a educação.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos. *Mulher e educação: história, práticas e representações*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.

4 MARIA JOSÉ MAMEDE GALVÃO: TESSITURAS DE MEMÓRIAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap4>

CHARYA CHARLOTTE BEZERRA ADVÍNCULA

Doutora e mestra em Educação, graduada em Pedagogia pela mesma instituição, Universidade Federal da Paraíba. É servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Associada ao Histedbr-PB. Atualmente desenvolve pesquisa na área de história da educação com ênfase nas relações de poder, política e educação na Paraíba na primeira metade do século XX.
charyabadvincula@hotmail.com

NIEDJA FERREIRA DOS SANTOS

Doutoranda na linha de História da Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, mestra pelo mesmo Programa e graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Membro do Grupo História das Instituições e dos Intelectuais no Brasil (PUC-SP). Pesquisadora no campo da História da Educação, História das mulheres, História intelectual e dos/das intelectuais. Docente do quadro efetivo da Prefeitura Municipal de João Pessoa.
niedjafantos@gmail.com

Normalista, eleva afeito ao sacrifício,
Teu coração, que é pleno de amor.
Para dar a alguém, em seu benefício,
Ao teu ideal “Ser um dia PROFESSOR”
(Canção da Normalista –
Maria José Mamede Galvão)

s mulheres que se propunham seguir a carreira de normalista tratavam seu ofício não só como uma prática profissional; demonstravam amor, devoção e grande idealismo em ser “professora”. Esse texto traz considerações a respeito da obra de Machado, Silva e Nunes (2012), que desenhou a trajetória de uma normalista, a professora Maria José Mamede Galvão. Mediante os usos das ferramentas e métodos da História Oral e Memória, a trajetória pessoal e profissional da educadora foi traçada.

O livro resenhado é resultado de uma trajetória de pesquisas e publicações vinculadas ao projeto *Educação e Educadoras na Paraíba do século XX*: práticas, leituras e representações, que busca trazer a público a trajetória de professoras que contribuíram para a educação nesse estado: “Contar as histórias das educadoras é insistir no rompimento de um silêncio histórico que perdurou tempo demais” (MACHADO, SILVA E NUNES, 2012, p. 8).

O encontro dos autores com a educadora Maria José Mamede Galvão deu-se em uma pesquisa realizada anteriormente, que tinha por objetivo traçar a trajetória da sua irmã Zila Mamede (MACHADO, 2010), poetisa e biblioteconomista. Maria José não só contribuiu com suas memórias, como também disponibilizou fontes que foram fundamentais para o estudo. Nesse contato, os autores perceberam que a educadora tinha uma trajetória ligada à educação, com diferentes produções que serviram como escrita para compor sua (auto) biografia.

Maria José Mamede Galvão, nascida em 28 de março de 1932, na cidade de Nova Palmeira-PB, é a quarta filha de oito irmãos, concluiu o magistério aos 19 anos em 1950, na Escola Normal de Natal-RN. Iniciou a carreira profissional em 1957, em uma escola multisseriada na zona rural. Fez o curso de Pedagogia (1967) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atuou em diversas funções ligadas à educação, tanto na docência – em vários níveis-, quanto em funções administrativas. No seu percurso de vida, essa educadora escreveu sobre suas memórias pessoais e profissionais em forma de versos, poemas, crônicas e músicas: “[...] que busca de forma incessante reconstruir os acontecimentos vivenciados, transmitidos às novas gerações o legado das experiências adquiridas ao longo de toda uma trajetória de vida pessoal e profissional.” (MACHADO; SILVA; NUNES, 2021, p. 8).

Esse estudo focalizou a narrativa oral, a memória, os documentos escritos e iconográficos, o que permitiu a visualização da trajetória pessoal, profissional e intelectual da educadora, juntamente com as suas redes de sociabilidade. O trabalho se insere no campo da história da

educação, trazendo a público fontes e textos produzidos pela educadora, instigando estudos e pesquisas sobre essa importante personagem da educação paraibana, norte-rio-grandense, nordestina e brasileira.

A obra apresenta uma organização sequencial que possibilita ao leitor uma compreensão panorâmica da vida familiar, formação e prática profissional, como também com a sua escrita. Amparados pela entrevista realizada com a educadora e acessando um acervo documental e (auto) biográfico produzido e arquivado pela própria entrevistada ao longo da sua vida, foi possível perceber e tornar público que ela merece um lugar de destaque na historiografia da educação, pois sua prática diferencia-se da representação comum da ação docente.

Fazendo um breve passeio pelos capítulos, no *Fazer-se escritora*: das práticas de escrita no/do cotidiano escolar, foi dado destaque ao planejamento e organização da educadora em produzir e arquivar documentos e fontes variadas que possibilitam a visualização de sua vida pessoal e profissional, nos quais a biografada tem o principal destaque, tendo em vista a diversidade de áreas de atuação. Com isso, os autores perceberam “[...] alguns indícios dessa prática de escrita associada “naturalmente” ao próprio exercício cotidiano da sala de aula ou das outras atividades sempre no campo da educação” (MACHADO; SILVA; NUNES, 2012, p. 15).

Em *Origem, família e cotidiano*, através das entrevistas realizadas com a educadora, a descrição das memórias familiares e suas origens, é possível perceber os detalhes desse período da sua vida e as influências exercidas pelos seus pais e irmãos para sua educação e tra-

jetória acadêmica, ademais, Maria José Mamede Galvão transformou suas memórias em escritos, alguns deles disponíveis na obra resenhada.

No capítulo *Origens da formação educacional*, observa-se como as memórias da educadora em relação a sua inserção no mundo das letras é uma fase significativa para sua vida, tendo em vista a riqueza de detalhes que ela descreve, desde a experiência de ter sua mãe como mestra para alfabetizá-la, até a sua trajetória no curso primário e ensino complementar. Nesse capítulo ainda podemos ver através dos relatos da educadora como se configurava a rotina escolar da época, a metodologia adotada e as matérias/conteúdos que se destacavam. É nítido como essa vivência foi determinante em sua trajetória:

Sob minha ótica, ao analisar meus escritos publicados e/ou arquivados, poderia dizer que as influências da formação primária e o contexto sociocultural e político aí inseridos, estão dispersos em cada texto, poema, discurso, crônica, carta, relato, programa de festas, e suas palavras, e em suas linhas e entrelinhas” (*apud* MACHADO; SILVA; NUNES, 2012, p. 47- 48).

Junto com as memórias da *Formação do Magistério e atuação profissional*, podemos ver algumas questões sociais da época quando esta demonstra qual percurso acadêmico gostaria de ter cursado ao término ginásial: “gostaria de ter cursado o científico”, mas foi encaminhada para o magistério por vontade do seu pai: “Não posso dizer que fui influenciada, porque a escolha foi dele, valendo-se da autoridade paterna” (*apud* MACHADO; SILVA; NUNES, 2012, p. 51). Aqui se evidencia a falta de

autonomia feminina para a condução da própria vida pessoal, acadêmica e profissional, reafirmando o patriarcalismo imponente dessa época. Ao rememorar essa fase da sua formação, conseguimos visualizar a organização pedagógica de suas aulas, o material utilizado pelos professores, quais conteúdos elegia como mais importantes na formação de seus alunos, bem como os autores que a guiaram em sua formação acadêmica e as influências em sua prática pedagógica:

A partir do entendimento sobre a vertente sociológica – dialética, poder, dominação, escola democrática, minha ação na sala de aula mudou radicalmente, apesar de nunca ter sido uma professora com métodos radicais de ensino (*apud* MACHADO; SILVA; NUNES, 2012, p. 55).

A obra ainda traz *Imagens Biográficas*, que nos possibilita contemplar, por meio das fontes iconográficas, alguns aspectos da vida da educadora, além de *Memórias de escrita*, que apresenta textos como: cantigas, paródias, discursos, crônicas, dentre outros produzidos pela educadora. Machado, Silva e Nunes, por intermédio da publicação da obra proporcionam aos estudiosos e profissionais em educação conhecer uma mulher, educadora, intelectual que soube transformar suas vivências em escritos, organizando um acervo (auto) biográfico, produzindo fontes valiosas para os estudos da história da educação, favorecendo uma melhor compreensão de várias questões históricas, sociais e culturais de sua época.

Referências

MACHADO, Charliton J. dos S. *Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas*. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2010.

MACHADO, Charliton José dos Santos; SILVA Fabiana Sena da; NUNES, Maria Lúcia da Silva. *Maria José Mamede Galvão: tessituras de memórias*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

5 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO CONSERVADORISMO FEMININO NO BRASIL: DO GOLPE AOS PRIMEIROS ANOS DA DITADURA MILITAR QUESTÕES POLÍTICAS E EDUCACIONAIS (1962-1967)

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap5>

PIÊTRA GERMANA CARVALHO DE ANDRADE PORPINO

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFPB), licenciada em História pela Universidade Federal da Paraíba e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas "História da Educação da Paraíba (HISTEDBR/PB).
pitraporpino@gmail.com



década de 1960 foi um período fervilhante da história mundial. O contexto de Guerra Fria abalou os países de todo o globo, fomentando embates políticos e radicalismos. No caso do Brasil não foi diferente, a chegada ao poder de um presidente simpático às pautas da esquerda no ano de 1961 causou um terror generalizado na ala conservadora que passou a se mobilizar em prol da sua derrubada. Dentre os diversos atores que se movimentaram para tirar o presidente João Goulart do poder e instituir um regime de exceção, estavam as agremiações femininas conservadoras, que atuaram firmemente na articulação e consolidação do golpe militar. A obra *Histórias e memórias do conservadorismo feminino no Brasil: do golpe aos primeiros anos da ditadura militar, questões políticas e educacionais (1962-1967)* vem no sentido de explorar ainda mais a complexidade desse período a partir da investigação da ideologia e ação desses grupos de mulheres conservadoras.

Quando pensamos em mulheres nos anos de 1960 e 1970 no contexto de ditadura é comum vir à mente uma perspectiva progressista: movimentos feministas, participação feminina na luta armada e ações de resistência ao governo autoritário. A obra resenhada vai nos mostrar um outro tipo de movimento de mulheres que se materializou na época: os grupos de mobilizações femininas que lutavam em defesa da família, da moral cristã e pregavam o anticomunismo, protagonizando atos

cruciais para a história brasileira como as *Marchas da Família com Deus pela Liberdade*.

O livro foi desenvolvido no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB), do programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e publicado pela Editora Universitária da UFPB no ano de 2009. A autoria é do professor Dr. Charliton José dos Santos Machado, autor e coautor de vários livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais e com formação nas áreas de Sociologia e Educação, trabalhando principalmente com os temas de educação, história, cultura e gênero.

A obra teve como objetivo resgatar o conjunto da ideologia e representações mobilizadas pelas agremiações femininas conservadoras no país entre os anos de 1962 e 1967, dedicando especial atenção à Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), uma entidade política feminina conservadora nascida em 1962, de atuação decisiva para a articulação e concretização do golpe militar de 1964. Um de seus objetivos específicos foi o de identificar os ideários contidos nos discursos presentes em eventos como as *Marchas da Família com Deus pela Liberdade* e o *I Congresso Sul-Americano da Mulher em Defesa da Democracia*, organizados pela CAMDE. Além disso, pretendeu detectar objetivos e metas que orientavam as ações dos movimentos femininos conservadores no plano político, educacional e cultural. E por fim, reconhecer o significado político das demandas desses movimentos, suas especificidades e as representações que provocavam junto à sociedade.

Para o cumprimento desses objetivos foram mobilizadas fontes históricas diversas, compreendendo as etapas de localização, organização e análise. Foram estes os documentos pertinentes disponíveis no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV); os Anais do “principal evento político feminino conservador do período”, o I Congresso Sul-Americano da Mulher em Defesa da Democracia de 1967; publicações de jornal do período trabalhado; e pesquisa bibliográfica em livros, teses, dissertações e artigos sobre a temática do conservadorismo feminino e regime militar.

O livro tem 105 páginas e é dividido em cinco capítulos: Capítulo 1. O golpe e a consolidação da ditadura militar; Capítulo 2. O momento histórico do conservadorismo; Capítulo 3. O que era a CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia?; Capítulo 4. As ideias conservadoras em ação; Capítulo 5. Propostas educacionais: um debate conservador. Além do prefácio escrito pelo Professor Titular em História da Educação – DEFHE/FE/UNICAMP e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR, Dr. José Luís Sanfelice, a obra conta (além da Introdução e da Conclusão) com uma seção de Cronologia e Anexo com imagens ilustrando os acontecimentos relatados.

A obra tem uma rica base histórica, contextualizando bem o período trabalhado a fim de situar o leitor e fazê-lo compreender o pano de fundo sob o qual surgiram e atuaram as agremiações de mulheres conservadoras. Os dois primeiros capítulos são dedicados a descrever a conjuntura sob a qual emergiram esses grupos. O primeiro capítulo, *O golpe e a consolidação da ditadura*

militar, trata de fazer um resgate histórico desde o golpe até o fim do segundo governo em exercício. Esse resgate é pertinente e objetivo, sempre tratando de relacionar a construção cronológica do enredo ao objeto de investigação do livro.

Já o segundo capítulo, *O momento histórico do conservadorismo*, retoma a conjuntura pré-golpe, buscando elencar os elementos que levaram ao golpe militar de 1964 e ressaltando a atuação das organizações conservadoras de mulheres, em especial, da CAMDE. Essas agremiações tiveram um papel decisivo na mobilização para a derrubada do governo de João Goulart e instituição de um regime ditatorial. Um dos pontos mais expressivos de atuação desses grupos foi a organização das Marchas com Deus pela Família e pela Liberdade que ocorreram em todo país e mobilizaram milhares de pessoas, inicialmente clamando pela intervenção militar e posteriormente comemorando o golpe. Além da defesa da religião, família e propriedade, o ideário dessas agremiações e dos movimentos organizados por elas tinham uma forte agenda anticomunista.

A entidade conservadora feminina de maior peso e consistência no período foi a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE). O capítulo 3 trata de destrinchar melhor o que foi esse movimento, como surgiu, qual sua ideologia e suas principais formas de atuação. A CAMDE nasceu em 1962 no estado da Guanabara na casa de uma professora primária aposentada, esposa e irmã de generais. A agremiação atuava na defesa dos “valores tradicionais” e contra o “perigo comunista”. Isso se dava a partir da organização de conferências, “campanhas de esclarecimento”, elaboração de cartilhas e manifestações. Rece-

beram apoio e investimento de meios de comunicação, políticos e entidades importantes, como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), os jornais *O Globo* e *O Estadão* e os governadores Carlos Lacerda e Ademar de Barros. A CAMDE influenciou a organização de diversas outras agremiações de mulheres conservadoras no país com a mesma agenda. O capítulo é exitoso nos seus objetivos de detalhar a história, os princípios e as formas de atuação da CAMDE e localizar a sua relevância para o regime militar.

O quarto capítulo dedica-se a perscrutar as ideias e discursos que circularam no I Congresso Sul-Americano da Mulher em Defesa da Democracia ocorrido em abril de 1967 no Centro de Convenções do Hotel Glória (RJ). A organização do evento esteve sob comando de diversas entidades conservadoras de mulheres, sobretudo da CAMDE, com apoio de militares, políticos, imprensa, industriais, entre outros. O evento propagou as mesmas teorias defendidas pela CAMDE e similares: a proteção dos valores tradicionais da família, nação e fé católica e a sustentação da bandeira do anticomunismo ferrenho. Esta parte é mais sucinta, mas rica em informações.

Ainda discutindo o I Congresso, no quinto e último capítulo, o autor se detém sobre a problemática que afirma ser mais instigante discutida no evento, o debate educacional contido nos discursos propagados durante o encontro. Dentre as teses sobre educação defendidas no congresso destacavam-se sobretudo: a ideia de que a educação deveria utilizar os meios de comunicação (sob controle do governo) para a instrução dos jovens; a defesa da educação moral e cívica; e a sustentação da impor-

tância da oferta de educação religiosa a fim de preservar os valores tradicionais. O fundamental para as congressistas era que a educação se voltasse para uma formação cívica, religiosa e moral, mas também mencionavam a necessidade de uma melhoria e crescimento geral do ensino, considerando a educação como elemento fundamental para o desenvolvimento econômico do país.

A obra *Histórias e memórias do conservadorismo feminino no Brasil* é fundamental para compreender as diversas formas de atuação feminina na sociedade durante a época do regime militar e bastante significativa para compreender a complexidade social e ideológica da década de 1960 no contexto nacional. O texto é bem escrito, objetivo e acessível, podendo ser indicado tanto para pesquisadores e estudiosos da área de História, Gênero e Educação quanto para o público em geral que tem um interesse especial pelo período da ditadura.

O livro faz uso de referências atualizadas e pertinentes e dialoga muito bem com as fontes consultadas. Os objetivos gerais e específicos foram atingidos com sucesso, sem se perder de vista em nenhum momento do texto. Ponto positivo para a seção de cronologia, com os principais fatos desde 1961 com a renúncia de Jânio Quadros até o acontecimento do I Congresso em abril de 1967; e as imagens em anexo ilustrando os eventos pré-golpe, do regime militar e das mobilizações conservadoras femininas. A temática é pertinente nos dias de hoje dado que investiga um período ainda polêmico e que mobiliza fortemente a sociedade brasileira contemporânea. Essa investigação é feita do ponto de vista da História das Mulheres, buscando resgatar sua trajetória, protagonismo e relevância histórica, em consonância com as

perspectivas historiográficas atuais. Uma concisa, objetiva, porém, grandiosa obra.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos. *Histórias e memórias do conservadorismo feminino no Brasil: do Golpe aos primeiros anos da Ditadura Militar questões políticas e educacionais (1962-1967)*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

6 ZILA MAMEDE: TRAJETÓRIAS LITERÁRIAS E EDUCATIVAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap6>

NATHALLY GIOVANNA SANTOS DE OLIVEIRA

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba e pesquisadora da Iniciação Científica (PIBIC- UFPB).
nathallyoliveirajp@gmail.com

GLÓRIA ESTEFANIE SANTOS

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba e pesquisadora voluntária da Iniciação Científica (PIBIC- UFPB).
gloria.estefanie@academico.ufpb.br

BRUNA GOMES DE OLIVEIRA DORNELAS

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba e em Pedagogia pela UNINTER. Atualmente é professora da Rede Pública de Ensino do estado da Paraíba.
brunagoliveira2009@hotmail.com

Empossei-me dos caminhos
convergentes para o mar.
Três dias nasci areias
depois, conchas esquecidas
na memória dos rochedos
que julgavam ser navios
carregados de luar
(Zila Mamede, 1978).

A obra “Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas”, autoria de Charliton José dos Santos Machado, é o resultado da sua pesquisa pós-doutoral em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a supervisão acadêmica do Dr. José Luís Sanfelice (*in memoriam*), o prefaciador e, também, conta com a apresentação da educadora Maria José Mamede Galvão (*in memoriam*).

Lançado em 2010 pela EDUEPB – Campina Grande, a obra foca em três estudos com perspectivas de construções biográficas sobre a paraibana Zila Mamede, ressaltando a relevância da referida personagem nos desafios da escrita poética e educacional no Brasil.

Considerando a personagem Zila Mamede como já estabelecida na história regional, nos três estudos transformados em capítulos, Machado procurou se afastar de

uma proposta biográfica que Bourdieu (2006) alcunhou como “ilusão biográfica”, ou seja, na contramão da ideia de uma identidade pessoal unitária, coerente e invariável no tempo, que se esgota no absoluto do seu eu.

O ponto de partida da incursão investigativa são as seguintes problematizações apontadas pelo autor logo no início da obra:

Quais as efetivas contribuições educacionais e literárias da escritora Zila da Costa Mamede ao processo de expansão das bibliotecas no Brasil e, particularmente, no Rio Grande do Norte? De que forma sua atuação profissional influenciou no universo da educação e da leitura regional pós-1945? Qual o impacto da sua obra para o campo da biblioteconomia, da educação e da literatura nacional? (MACHADO, 2010, p. 21).

Assim, no curto espaço de tempo dispensado ao estudo pós-doutoral (um ano), Machado cuidadosamente levantou nos acervos privados e nas instituições públicas, uma diversidade de fontes que possibilitaram indagar Zila Mamede na história do tempo recente, perscrutando livros, cartas, fotos, entrevistas etc., sem com isso avocar para si a pretensão de esgotar a história de uma intelectual engajada, seja como poeta, seja como bibliógrafa, seja como bibliotecária.

Como diz o próprio autor, tais fontes: “possibilitaram compreender parte da atuação dessa escritora [...] no cenário intelectual regional nordestino e brasileiro, em especial nas áreas educacional e literária” (MACHADO, 2010, p. 33). Compreendendo, portanto, que à época, seria efetivamente desafiador preencher todas as lacunas e silêncios ligados à trajetória de Zila Mamede, uma tarefa impossível na pesquisa empreendida.

Nos três estudos realizados, a principal fonte para “ouvir a voz” de Zila Mamede são, certamente, as suas obras de realização técnica e, principalmente literária, trajetória de escrita oficialmente inaugurada com o livro *Rosa de Pedra*, publicado em 1953, na temperatura cultural que marcou um estilo de escrita da “Geração Pós-45” na poesia brasileira. Essa obra de estreia, recebeu, inclusive, uma menção honrosa de Manuel Bandeira, ao afirmar ser “um dos melhores livros de versos brasileiros”.

No primeiro estudo, Machado lança o olhar analítico sobre os múltiplos caminhos de Zila, desde sua origem até sua consolidação nos círculos intelectuais da época, conhecendo, portanto, um pouco do tempo por ela vivido. Para tanto, mergulha nas análises de entrevistas realizadas, nas matérias publicadas na imprensa, nos percursos da formação profissional e nas poesias. Por isso não foi fácil evidenciar o que Câmara Cascudo chamou de transição poética na trajetória da Zila Mamede, entre a terra, o cheiro do chão de sua origem, lá em Nova Palmeira/PB e as águas do mar norte-rio-grandense que a encantou.

No segundo estudo, o autor faz uma escolha de exercitar uma leitura sobre as memórias familiares na escrita de Zila Mamede, reconhecendo o significado dessa instituição social na sua formação como educadora e poeta. Nesse particular, faz-se necessário destacar o rico cruzamento com as fontes, trazendo à baila uma leitura da representação da família Mamede através de cartas, entrevistas, imagens e poemas, “nas diferentes formas de sociabilidade cotidiana” (MACHADO, 2010, p. 91).

O terceiro estudo, por fim, particulariza uma inovação na perspectiva de leitura biográfica, pois toma como ponto de partida uma indagação: “Por que Zila da Costa Mamede?”. A resposta para tal indagação vem do

esforço de Machado em “inventariar” as diversas contribuições da personagem biografada como profissional protagonista na difusão da leitura, com destacadas contribuições educacionais que se traduzem na formação das bibliotecas, especialmente no Rio Grande do Norte. Machado percorre no último estudo os caminhos da formação de Zila Mamede como Bibliotecária de formação pela Universidade do Rio de Janeiro e a influência daquele contexto na sua inserção nos círculos intelectuais dos agitados anos 50 do século XX no Brasil. No texto o autor conclui que Zila teve uma singular contribuição na expansão “dos espaços dos livros e das leituras no Brasil [...] seja como pesquisadora bibliógrafa, bibliotecária e escritora” (MACHADO, 2010, p. 121).

Portanto, como disse o renomado prefaciador, Dr. José Luís Sanfelice, o livro de Machado chegava às mãos do leitor em 2010, “em condições de lhe ocasionar o prazer da leitura”. Mas também indicamos a relevância dessa obra para as pesquisas que dele poderão se originar com temas ligados à literatura e própria biografia de Zila da Costa Mamede.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

MACHADO, Charliton José dos Santos. Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

7 O BARÃO E O PRISIONEIRO: BIOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA EM DEBATE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap7>

SHIRLEY TARGINO SILVA

Doutoranda em Educação e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal da Paraíba, e Pedagoga pela mesma instituição. Atualmente, é bolsista da Capes e atua como pesquisadora no grupo de estudos HISTEDBR- PB.

targinoshirley@gmail.com

ISABELA NATHÁLIA NUNES TRISTÃO

Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior pelo Centro Universitário Internacional, graduanda no curso de Bacharelado em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba e licenciada em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Nutre interesse de pesquisa na área de História da educação, especificamente História da Educação no final do século XIX e início do século XX, em Pernambuco.

tristaoisabela@gmail.com



livro *O Barão e o Prisioneiro*: biografia e história de vida em debate é apresentado enquanto um trabalho biográfico que possui grande importância social. Ambas narrativas trabalham com histórias, memórias e trajetórias de vida – com uma escrita balizada pelas fronteiras da interdisciplinaridade. Assim, apresentam um debate histórico que privilegia memórias de sujeitos distintos, demarcando os seus diferentes contextos e singularidades.

Em outras palavras, podemos atentar para o enfoque dos autores na individualização e na socialização dos sujeitos, determinando as especificidades destes, mas sempre demarcando suas inserções em diferentes espaços sociais, assim como os desdobramentos a partir disso. E é justamente a partir desses contextos específicos que os autores buscam compreender e analisar um contexto social mais amplo.

No próprio início do livro, Charliton Machado familiariza os (as) leitores (as) de forma breve e objetiva sobre aspectos da metodologia das pesquisas e produções no âmbito da Biografia e/ ou Histórias de Vidas, apresentando suas potencialidades e possíveis contribuições para as pesquisas. É uma leitura que nos faz pensar nas possibilidades de trabalhos para além da “História dos grandes heróis”, ou uma história unilateral e cronológica.

Intitulado *Na cadeia também se aprende a ler e escrever*: histórias e memórias de Francisco Siqueira de

Lima, o texto do professor Dr. José Gerardo Vasconcelos analisa e apresenta um processo educacional desenvolvido no Instituto Penal Professor Olavo Oliveira (denominado, segundo o autor como “Caldeirão do Diabo”), e se situa diante de um recorte temporal recente – final da década de 1970 e início da década de 1980.

O texto, construído a partir de uma entrevista feita no ano de 1999, que contabilizou aproximadamente 20 horas de gravação em fita, focaliza as experiências carcerárias de Francisco Siqueira de Lima – ex-detento que alfabetizou outros detentos, utilizando uma linguagem comum entre eles, e desenvolvendo metodologias e práticas próprias –, nascido no dia 21 de fevereiro de 1949, e tratado pelo autor como “O informante”. Este foi preso pela primeira vez no ano de 1975, no Rio de Janeiro, acusado de assalto, formação de quadrilha e resistência à prisão; e no final da década de 1980, quando foi condenado por assassinato, ficou detido em sua cidade natal, no Ceará.

José Gerardo Vasconcelos nos faz refletir sobre a heterogeneidade dos sujeitos que compuseram/ compõem os espaços carcerários no Brasil, dando destaque teórico-metodológico para a importância da memória articulada à oralidade dentro de uma pesquisa histórica, salientando que tanto a primeira, como a segunda não foram utilizadas como ferramentas complementares de uma perspectiva mais positivista, ou seja, de uma História construída unicamente através de uma perspectiva documental. É nesse sentido que os esquecimentos e/ ou as subjetividades, percebidas a partir dos discursos do entrevistado, podem (e foram) ser utilizadas nas análises empreendidas. Esses pontos, portanto, não são colo-

cados enquanto limites, mas como possibilidades para o autor.

A apresentação estrutural da obra é feita da seguinte forma: inicialmente, é abordado o processo pedagógico percebido nos interiores dos grandes presídios do Rio de Janeiro, a partir do contato entre “presos comuns” e “presos políticos” na década de 1930 e nos anos posteriores a 1964. E, seguidamente, o autor discorre sobre o processo de alfabetização de detentos que ocorreu no interior do Instituto Penal Professor Olavo Oliveira, no final da década de 1980.

Nessa primeira parte, Vasconcelos situa o (a) leitor (a) sobre a História das prisões no Brasil e as situações dos detentos nos interiores dos cárceres. É nesse âmbito que o autor apresenta:

A cadeia como lugar de punição e vigilância atende aos conflitos de múltiplos matizes, encetando ritos de crueldade sob os corpos condenados e retirados do convívio social. O processo pedagógico carcerário, resultante de recomposições moleculares e marginais, podem, ao mesmo tempo, insurgir-se contra a institucionalidade da pena, traçando vielas ou linhas de grandes intensidades propulsoras de minúsculos campos de liberdade no interior da prisão (VASCONCELOS, 2011, 57).

A partir das memórias e narrativas de Francisco Siqueira Lima é possível visualizar algumas das situações enfrentadas pelos presos nos sistemas de cárcere no Brasil de forma explícita. E os relatos apresentados são analisados por uma ótica foucaultiana, de modo que o autor utiliza Foucault (1986) para mostrar que essa experiência pedagógica protagonizada por Siqueira não se apresenta como uma experiência “comum” dentro des-

ses sistemas. O próprio autor coloca os acontecimentos por ele analisados como uma possibilidade de “transgressão” da História – ciência caracterizada por Vasconcelos como uma “representação cuidadosa do que passou nos presentes transmutados e decodificados” (VASCONCELOS, 2011, p. 65). Nesse âmbito, é destacada, mais uma vez, a importância de perceber e enaltecer a História de todos os espaços, que pode ser composta por distintos sujeitos.

O texto oferece ao leitor uma ampliação das representações que podem ser construídas a partir (e diante) dos sistemas carcerários como um todo. E, para esse estudo, especificamente, podemos idealizar esses espaços (também) enquanto um ambiente de abrigo para experiências pedagógicas diversas, concluindo que “[...] é nesse terreno movediço e escorregadio que se pode pensar a cadeia, não somente como um lugar de destituição da humanidade, mas, também, como um *locus* de escolarização” (VASCONCELOS, 2011, p. 68).

Diante da riqueza do material apresentado, vale ressaltar que o texto pode ser indicado tanto para pesquisadores (as) da área da Educação, como também para aqueles (as) leitores (as) com curiosidades diversas sobre questões históricas, sociais, políticas e pedagógicas.

Na segunda parte do livro encontra-se o texto intitulado: *O mundo do Barão de Studart: 1856-1938*, fruto da pesquisa de pós-doutoramento do professor Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior. Neste texto foi analisado o caráter biográfico da história de Guilherme Chambley Studart, o Barão de Studart, bem como suas ações intelectuais e filantrópicas no estado do Ceará. De acordo com Vasconcelos Júnior (2011, p.26), a tra-

jetória de vida do Barão de Studart confunde-se com a história do Instituto do Ceará, pois sendo sócio e fundador deixou cerca de 140 produções escritas, a exemplo: trabalhos de História, Geografia, medicina, conferência e discursos, assim sua importância pode ser vista na revista do Instituto do Ceará. Antes de adentrar nas questões biográficas as quais cercam a vida do Barão de Studart, o autor analisa a importância da biografia para a produção historiográfica, pois ao rememorarmos aspectos de uma trajetória de vida estamos investigando experiências vividas na condição de homem, imersos na cultura e história de um determinado tempo.

É a biografia que possibilita a construção do texto, supracitado, com o foco nas múltiplas facetas do Barão de Studart durante os séculos XIX e XX. Em um período de grandes mudanças histórico-sociais, o Barão catalisou a representação de católico, cientista, filantropo e um intelectual que serviria ativamente à sociedade (VASCONCELOS JÚNIOR, 2011, p.26). Desta feita, o autor coloca a trajetória de vida do Barão alinhada à história do estado do Ceará e afirma que a biografia, enquanto uma fonte de pesquisa, pode ser usada como outras fontes documentais para pesquisas históricas, pois revela a construção de uma memória mais democrática.

Filho primogênito do inglês John Wiliam Studart, Cônsul do Reino Unido no Ceará, o Barão de Studart nasceu em 5 de janeiro de 1856 e concluiu seus estudos primários no Ateneu Cearense. Posteriormente, de acordo com Vasconcelos Júnior (2011, p.29), o Barão foi transferido para Salvador – BA, onde seguiu seus estudos no ginásio baiano. Ainda em sua estadia na cidade de Salvador, ingressou nos estudos de medicina pela Faculdade

de Medicina da Bahia, concluindo o curso no ano de 1877. E, de acordo com o autor, o Barão apresentou ao curso de medicina uma tese bastante inovadora sobre o uso da eletricidade na medicina. Segundo Vasconcelos Júnior (2011, p.29), ele volta ao Ceará depois de formado em medicina, agora, tendo a responsabilidade de cuidar de seus irmãos porque seu pai falecera. Aos 33 anos casa-se com Luísa de Gonzaga da Cunha, filha do visconde de Cauípe. Para o autor, o retorno do Barão ao estado do Ceará deu-se em um momento difícil devido as condições climáticas da estiagem, realidade que criou a necessidade de o Barão colocar em prática sua atuação como médico.

Para Vasconcelos Júnior (2011), durante o ano de 1877 o Barão residiu em Maranguape por seis meses, nesse período enfrentou a epidemia do cólera. Já em 1880, foi convocado pelo presidente da Santa Casa a dar continuidade com a remoção dos enfermos de várias localidades para a própria Santa Casa onde seriam melhor cuidados. Nesse mesmo período o Barão participou do recolhimento de órfãos da epidemia da varíola e devido ao seu esforço profissional e humanitário recebeu do conselheiro da Santa Casa um documento de agradecimento pelo trabalho prestado.

Em consonância com Vasconcelos Júnior (2011, p.33), outro aspecto da vida do Barão de Studart diz respeito ao seu caráter religioso. Sendo um católico fervoroso, tornou-se defensor de sua igreja justamente no período de debate sobre divisão do Estado e a Igreja, respectivamente, entre a laicidade do ensino. Outra questão em destaque é o discurso do Barão, enquanto representante católico de um grupo de intelectuais, em favor dos preceitos morais, conservadores e contra a teorias

científicas. Para o autor, Guilherme Studart, o Barão, estará à frente dessa hegemonia intelectual e seu discurso ideológico cristão aparecerá em jornais, publicações de artigos e outros impressos.

De acordo com Vasconcelos Júnior (2011, p.38), outra faceta do Barão de Studart é o seu engajamento no movimento abolicionista, que tomou forma após a seca de 1877, com o intenso fluxo migratório para as cidades. Assim, diante do aparecimento dos mais pobres nas cidades, os centros urbanos puderam ver a realidade do sofrimento e desassistência que a população do campo bem como a população escravizada enfrentava. Embora, o Barão pertencesse à Sociedade Cearense Libertadora, movimento em favor da abolição, em dezembro de 1884 ele fundou um outro centro abolicionista o qual seria eficaz em atitudes e muito menos discursiva.

Segundo Vasconcelos Júnior (2011, p.45), para aqueles que estudam ou já estudaram vida e obra do Barão de Studart jamais veremos uma única vertente a ser defendida, pois sua atuação passa tanto pelas necessidades de ser humano quanto pelas de representação intelectual, política e filantrópica. O viés intelectual evidencia o modelo ideal da época e o que se preservava era ter o “Bom Senso”. Possivelmente, o que podemos chamar de uma postura mais amena quando se tratava de assuntos políticos um tanto delicados para a sociedade do fim do século XIX. Face ao exposto, o autor justifica as próprias posições enquanto pesquisador, concluindo que nas muitas sociedades em que o Barão participou, este fez sua trajetória de vida um ponto de interesse para os estudiosos de um período da história cearense de grande efervescência cultural, deixando sua marca “como o mais

representativo intelectual desse período” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2011, p.49).

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. *O Barão e o prisioneiro: biografia e histórias de vida em debate*. Fortaleza: Editora UFC, 2011.

8 GÊNERO, MOVIMENTOS SOCIAIS E ONGS: REFLEXÕES DE PESQUISAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap8>

THAYANA PRISCILA DOMINGOS DA SILVA

Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Licenciada em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos pela universidade citada
thaypris@gmail.com



livro *Gênero, Movimentos Sociais e ONGs: reflexões de pesquisas* está dividido em duas partes, e seu campo teórico situa-se em torno das pesquisas de formação dos autores, sendo resultados das Pós-graduações. A primeira parte dedica-se ao debate em torno do *Sindicalismo, movimentos sociais e problemáticas de gênero no século XX*, conduzido pelo professor Charliton José dos Santos Machado. A segunda destina-se às *ONGs no Brasil: conceitos, historicidade e contradições no contexto neoliberal*, com autoria da professora Aline Maria Batista Machado.

Na primeira parte, o professor Charliton Machado traz reflexões históricas do cenário político e social, a principiar pelo século XX, relacionando a exclusão social, a miséria, o preconceito e a discriminação ao contexto da sociedade capitalista. Grupos marginalizados, como mulheres, negros e trabalhadores foram vítimas da cultura de exclusão, baseada na exploração de mão de obra, além do controle ideológico e material.

Diante de um cenário atual de rupturas, o autor reconhece a dinâmica do sistema capitalista que se reestrutura e cria novas condições sociais relacionadas à informatização e às atividades de trabalho. No processo globalizante e de inovações, caracterizaram-se novas contradições como doenças, fome e desemprego em consequência da separação do trabalho manual e intelectual, vinculado a outras relações de poderes

políticos, a meritocracia baseada no saber científico pós-industrial.

Assim, a classe operária desenvolve-se a partir da sua condição de agente coletivo. Especialmente na América Latina, no século XX, registrou-se um crescimento significativo na luta dos operários através dos sindicatos, desenvolvendo reivindicações na cidade e no campo exigindo maior inserção social, melhores salários e condições de trabalho. Todavia, o sindicalismo avançou no plano das reivindicações, ampliando sua responsabilidade para as novas contestações sociais, não se reduzindo às condições operárias, visto que o modelo capitalista contemporâneo e o declínio da sociedade industrial visibilizaram diferentes contradições. Lança-se assim, o novo sindicalismo abordando diversas agendas de lutas e mobilizações emergentes, protagonizando diversos atores sociais e reivindicando uma nova forma de cidadania.

Logo, as questões culturais passam a ser predominantemente tratadas e a luta de classes pela problemática econômica “deixa de ser o lócus nevrálgico do sistema” (MACHADO, C., 2012, p.17). A partir dos anos de 1960 e 1970, movimentos de luta minoritária ganham força, envolvendo questões étnicas, ecológicas, consumidores, indígenas, femininas, entre outras. Logo, o movimento social dinamizou-se partindo para a reconstrução da sociedade pelo interesse plural de diversos grupos e não apenas pelo singular/particular. No Brasil, dos anos de 1960/1970, alguns movimentos abriram as fronteiras para a redemocratização: movimento das donas de casa e dos metalúrgicos, especialmente do ABC de São Paulo (1978).

A resignificação das práticas sociais apresentou novas identidades e sujeitos coletivos. Nos quatro últimos tópicos, o autor se debruça a dialogar mais diretamente sobre a inserção das mulheres no espaço público, a atuação política, o movimento feminista e o estudo de gênero. Assim, contempla a narrativa considerando que numa sociedade capitalista e patriarcal, marcada pela denominação dos papéis sociais masculinos (espaço público) e femininos (espaço privado), as mulheres não tiveram privilégios devido ao sistema de dominação e exploração.

Na atualidade, em torno da resignificação das práticas sociais, apresentaram-se novas identidades e sujeitos coletivos. Assim, verificou-se a crescente participação e presença feminina fora do lar, na vida pública, justificando as suas lutas por inserção nestes espaços. Ainda assim, mesmo ocupando lugares, fazeres e postos intelectuais relativos a outros trabalhadores, tiveram salários reduzidos e as possibilidades de ascensão limitadas, motivados pela lógica de “inferioridade natural”. Para elas caberiam ainda múltiplas jornadas, exercendo também suas funções domésticas: dona de casa, esposa, mãe, educadora.

Conforme Charliton Machado (2012), há décadas, as Ciências Sociais vêm investindo em debates sobre a atuação feminina no campo político, em razão da presente hegemonia masculina. Diante da pouca visibilidade sobre a presença das mulheres neste espaço, a PUC/RJ foi a Universidade pioneira na investigação sobre “mulher e política” na América Latina, possuindo desde 1980 o Núcleo de Estudos Sobre a Mulher (NEM). Como resultado, dialogam que, por mais expressivo que seja o

crescimento das mulheres nos demais espaços, não há alcance semelhante da sua atuação quando verificada as esferas políticas dos poderes executivo, judiciário e legislativo, além de outros espaços institucionais estatais e sindicatos. Trazendo algumas opiniões de cientistas da área, o objetivo do voto das mulheres em outras mulheres ocorre mais pela aprovação das qualidades do que pelas lutas por causas feministas.

Em 1996, a partir da medida legal de 20% de cota mínima para representação feminina nas campanhas municipais, garantiu-se uma maior participação das mulheres. Além disso, observou-se a expansão dos movimentos sociais com atuação política das mulheres nas últimas décadas, por vezes, identificando-se pelas identidades tradicionais. Especialmente nos anos de 1960, assistimos as mulheres na cena política se relacionando com as concepções conservadoras em instituições como a Família, a Igreja, se expandido gradativamente. Todavia, ainda assim, pontuou-se a revolução sexual, o surgimento da pílula anticoncepcional. Em 1970, diante do enfrentamento dos valores conservadores, buscou-se princípios de liberdade, constituindo uma concepção do fim dos tabus. Neste período tivemos marchas, campanhas em defesa da mulher, sendo algumas realizadas pela ONU, o que instituiu em 1975 o Ano Internacional da Mulher e o ano de 1976 o Decênio da Mulher. No Brasil, criou-se o Centro da Mulher Brasileiro que direcionou questões acerca da mulher na sociedade dialogando sobre condições de trabalho, família, corpo etc. Nos anos de 1980, em consequência do processo de redemocratização, assistiu-se à aceleração da participação das mulheres nas lutas de forma distinta e inovadora de fazer política.

Percebe-se, assim, um recuo dos excessos machistas. O autor indica que antes mesmo desses períodos, tivemos o exemplo de Nísia Floresta registrando publicações sobre os direitos das mulheres no período de 1832.

Conclui-se que, diante do quadro de ampliação dos movimentos de luta feministas, os estudos de gênero sobre as mulheres são investigações ainda recentes com enfoque nas injustiças sociais e diferenças nos papéis sociais masculinos e femininos na sociedade. Assim, mediante a definição conceitual, as ciências sociais referem-se a gênero para se aproximar da construção social do sexo. As redefinições em torno deste debate incluíram nas relações de gênero a compreensão das relações de poder nos diferentes espaços sociais numa dimensão histórica e sociocultural.

Na segunda parte do livro, a professora Aline Batista Machado revela considerações acerca das Organizações Não Governamentais (ONGs), tecendo apontamentos sobre a origem, funcionalidade, trajetória histórica e a inserção a partir de um contexto neoliberal.

Segundo a autora, o avanço da sociedade capitalista conjuga-se também com as desigualdades sociais admitindo-se assim políticas assistencialistas, culminando com a “transferência das responsabilidades sociais do Estado para as chamadas entidades privadas com fins públicos” (MACHADO, A., 2012, p.54): fundações filantrópicas, comunitárias, empresas cidadãs e ONGs.

Para o campo de definição conceitual sobre as ONGs, a autora reconhece as indefinições e complexidades. Juridicamente, constituem-se como associações ou fundações registradas como pessoa jurídica, poden-

do pleitear alguns títulos e qualificações, a exemplo da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que geram certificado de assistência social, entre outros, além de isenções de taxas, impostos e benefícios, conduzindo para uma política voltada ao mercado.

Assim, adota-se o perfil heterogêneo, diverso e multifacetado das ONGs, ratificado inclusive pela própria Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, criada em 1991, que não se limita a compreendê-las apenas como não lucrativas, não governamentais e não assistencialistas. Além do mais, Aline Machado (2012) alerta que não se pode confundir as ONGs com os movimentos sociais, considerando que estes últimos são práticas sociopolítico-culturais mais abrangentes.

A pesquisadora se apropria da teórica Gohn (2000) para identificar os tipos de ONGs presentes no Brasil, organizando-as como: caritativas (assistencialistas, atendem a partir de categorias como criança, mulher e idoso), desenvolvimentistas (caráter internacional, intervenção regional em questões como barragens, reservas ecológicas/indígenas), ambientalistas (questões ecológicas no cenário urbano) e cidadãs (surgem e se desenvolvem dos movimentos sociais, reivindicando direitos e atuam com denúncias, fiscalização).

Verifica-se, assim, que as ONGs podem se articular com prestações de serviços assistencialistas e de caridade, voltadas ao conservadorismo, bem como temos outras entidades que atuam e valorizam as lutas populares de um projeto de emancipação, em busca de uma sociedade diferente através de orientações como os neomarxistas, os neo-anarquistas, a teologia da libertação e as articulistas.

Na pesquisa, o debate em torno do surgimento das ONGs firma-se no século XX. Sendo assim, a Organização das Nações Unidas colaborou com a criação da expressão Organização Não-Governamental que tinha a finalidade de atender projetos sociais numa perspectiva de desenvolvimento da comunidade. Seguindo o ideal do sistema capitalista, especialmente na América Latina, verificou-se um modelo de política desenvolvimentista para superar a pobreza, o atraso etc., no “Terceiro Mundo”, financiada por organismos internacionais. No Brasil, por mais que as ONGs já existissem desde os anos de 1960/1970, sendo conhecidas como Centros Populares, atuaram de forma mais reprimida devido ao período ditatorial, por vezes, vinculadas a um financiamento internacional e, em algumas ocasiões, com apoio da Igreja Católica de base progressista. O termo ONG populariza-se nos anos de 1980, a partir do processo de redemocratização, que acompanha a estratégia do Neoliberalismo. Logo, em 1990 os movimentos sociais e as ONGs se voltaram a participar das políticas públicas, colaborando para uma nova forma de participação, a pública não estatal, conforme a autora.

Entretanto, no contexto neoliberal firmam-se projetos hegemônicos diante da manutenção do modelo capitalista. Apesar de a globalização mostrar agilidade nas relações mundiais, esta favorece a expansão do capitalismo relacionado à organização economia global. Frente às crises do capitalismo nas últimas décadas do século XX, a classe trabalhadora, bem como as condições de trabalho, sofreu as consequências. Sendo assim, o neoliberalismo propõe um Estado mínimo, sem intervenção do Estado no mercado e apontando “para desres-

ponsabilização do Estado no âmbito social” (MACHADO, A., 2012, p.95). Diante da “omissão” do Estado, as políticas neoliberais direcionam incentivo político e financeiro às ONGs para tratarem das áreas sociais, saúde e educação, enfraquecendo a consolidação dos direitos por via das políticas públicas.

Neste sentido, como justificativa para sanar uma crise econômica e financeira do campo administrativo estatal, o Estado incumbiu-se por adotar uma reforma estatal livrando-se das demandas sociais e a sociedade civil passa a ser chamada para assumir esta responsabilidade. A autora pontua que a partir dos anos de 1990 é possível observar este tipo de medida no Brasil iniciada através de reformas com reflexos no Estado mínimo. Logo, a descentralização dos serviços sociais redireciona-os para as organizações públicas não estatais (Terceiro setor), num processo denominado de “publicização”. Desse modo, o Terceiro setor corresponderia à sociedade civil que também depende de financiamento, contrapondo assim o disfarce das estratégias neoliberais em defesa do problema estar centrado na instabilidade financeira, o que direciona para algumas armadilhas, a exemplo das privatizações.

A pesquisadora reconhece a importância dessas organizações, contudo, conclui que o Terceiro setor e as ONGs não devem substituir o governo, o que possibilita uma conduta filantrópica e assistencialista para tratar as políticas sociais enquanto direito no plano da cidadania.

Portanto, advindo das pesquisas de pós-graduação dos professores Charliton Machado e Aline Machado, o livro colabora com reflexões essenciais em torno dos movimentos sociais, da inserção das mulheres no campo

da política e a constituição das ONGs no Brasil considerando, especialmente, a segunda metade do século XX no contexto do sistema capitalista/patriarcal e das políticas neoliberais.

Referência

MACHADO, Aline Maria Batista; MACHADO, Charliton José dos Santos. *Gênero, Movimentos Sociais e Ongs: reflexões de pesquisas*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

9 DINAMÉRICO SOARES DO NASCIMENTO: UMA HISTÓRIA DE POESIA, PAIXÃO E DOR

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap9>

JULIANA APARECIDA LEMOS LACET

Doutoranda do Programa de Doutorado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, mestra em História Social pela Universidade Federal da Bahia e licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente se dedica à pesquisa na área de Feminismos e História da Educação no início do século XX, no Brasil e em Portugal.
julianalacet@hotmail.com



livro *Dinamérico Soares do Nascimento*: uma história de poesia, paixão e dor, de autoria de Charliton José dos Santos Machado, Eliel Ferreira Soares e Fabiana Sena da Silva, apresenta quatro capítulos: Uma infância de perdas e solidão; Nasce um poeta; O declínio e a morte de um poeta; e Dinamérico Soares do Nascimento e a dimensão da poesia crítica.

Na introdução os autores descrevem os objetivos da obra, a abordagem metodológica empregada e as fontes com as quais trabalharam. Trata-se de uma narrativa biográfica da trajetória de vida de Dinamérico Soares do Nascimento (1958-2004). Nascido em Cuité, Paraíba, Dinamérico foi poeta, contista, teatrólogo e compositor.

O objetivo principal da obra constitui-se em dar visibilidade a um personagem ainda pouco conhecido, mas de grande importância para a história local. A narrativa situa-se na perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural, que prima pela abordagem de novos temas de pesquisa e pelo despontar de pesquisas voltadas a sujeitos pouco privilegiados pela historiografia tradicional.

As fontes utilizadas para a produção da biografia foram depoimentos orais, documentos escritos, fotografias e a produção de Dinamérico: poemas, contos e literatura de cordel. Como salientado no prefácio da obra, os autores estiveram preocupados em produzir uma biografia que retratasse a vida de uma pessoa comum, com

todas as suas alegrias, conquistas, mas também com as tensões e tristezas, diferente das narrativas positivistas e nacionalistas que procuram construir ícones de heróis desvinculados da realidade.

No primeiro capítulo intitulado *Uma infância de perdas e solidão*, os autores tratam dos aspectos ligados à infância e adolescência do poeta. Dinamérico Soares do Nascimento nasceu em 28 de fevereiro de 1958, em Cuité, Paraíba. Como de costume entre as famílias mais humildes da época, veio ao mundo pelas mãos de uma parteira. Seus pais foram o sapateiro José Elói do Nascimento e a dona de casa Josefa Judite Soares.

O contexto econômico e social da Paraíba dos anos 1950, época do nascimento do escritor, esteve marcado pela falta de recursos básicos para a população mais carente. Apesar do desenvolvimento vivenciado no país, em virtude do governo de Juscelino Kubitschek, a Paraíba, sob o jugo do governador Pedro Moreno Gondim, presenciava uma conjuntura de falta de recursos básicos para a população humilde. E, esta realidade econômica e social impactou de forma significativa a infância e a vida de Dinamérico.

Dinamérico nasceu em um lar humilde desprovido não só de recursos materiais como também afetivos, sendo sua infância assinalada por muitos dilemas familiares. Aos 11 anos de idade, perdeu sua mãe, vítima de tuberculose, uma doença infecciosa que dizimou uma parcela importante da população naquele período. A precariedade das condições sanitárias, a escassez de serviços de saúde e tratamento adequado agravavam a situação dos doentes que, uma vez infectados, estavam quase que sentenciados à morte.

Com a partida inesperada da mãe, sua referência de amor e cuidados, Dinamérico ia se constituindo em um ser melancólico, “distante de si mesmo “. Sua vida turbulenta imprimiu-lhe uma personalidade conflituosa perpassando por momentos de solidão, tristeza e introversão.

Órfão de mãe e sem os cuidados do pai, que sofria com alcoolismo, Dinamérico foi então adotado por seus tios, Filomena Soares da Costa e José Soares da Costa. Já adolescente, começou a trabalhar na barraca do tio, na feira de Cuité. Este trabalho lhe proporcionou o contato com a cultura popular da cidade e como o cordel, influência que Dinamérico soube bem transportar para sua obra.

No segundo capítulo, *Nasce um poeta*, os autores destacaram elementos da vida profissional e intelectual do escritor, com relevo para o nascimento de seus primeiros escritos e sua atuação como docente.

A vida escolar de Dinamérico teve início no Grupo Escolar Vidal de Negreiros, em Cuité e, posteriormente, no Ginásio do Colégio Estadual e no Ensino Técnico em Contabilidade no Colégio Professor Clóvis Lima, onde sempre mereceu destaque por sua inteligência.

Dinamérico foi descrito pelo cordelista Gilberto Cardoso como uma pessoa pouco sociável e introvertida, mas bastante querida. A ironia era uma das características marcantes na personalidade do poeta. Em 1985, quando da morte de seu pai, Dinamérico chegou a vestir uma camisa vermelha como forma de comemoração.

Aos 21 anos, apenas com formação técnica, Dinamérico ingressou no Magistério na condição de professor de História no colegial. Como docente, contribuiu expressi-

vamente no sentido de trazer conteúdos e modernizar as práticas educacionais. Além de inovador, o poeta foi corajoso ao trabalhar atividades questionadoras em uma conjuntura de autoritarismo e repressão política vivida no país. As atividades desenvolvidas com seus alunos incluíam o trabalho com peças de teatro, filmes e músicas que criticavam o contexto histórico daquele período.

Foi nessa fase da vida de Dinamérico que floresceram suas principais produções. Segundo os autores, este foi o momento em que ele começou a produzir poemas, crônicas, peças teatrais e composições musicais. Além disso, iniciou a produção de jornais de cunho crítico às políticas autoritárias da época. Uma das suas publicações, um jornal estudantil chamado Estopim, foi alvo de investigação policial, e pelo teor de crítica logo foi proibido.

Em 1984 Dinamérico foi aprovado em concurso público em uma empresa de telecomunicações, sendo no ano seguinte transferido para Campina Grande, onde iniciou carreira acadêmica no curso de jornalismo, que não chegou a concluir. A vida em Campina Grande foi fundamental para sua produção intelectual, pois nessa cidade Dinamérico produziu jornais, publicou cordéis, recebeu prêmios e esteve em contato com grandes artistas.

No terceiro capítulo, *O declínio e a morte do Poeta*, os autores destacam fatores psicológicos da vida e da saúde mental que teriam levado Dinamérico à morte. Nem mesmo o fervor das vivências e produções culturais vividas por Dinamérico em Campina Grande foram capazes de impedir que ele experimentasse intensas crises depressivas, aliadas a um quadro de esquizofrenia e o abuso pelo consumo de álcool, que culminou com o agravamento de sua saúde como um todo.

Este conjunto de fatores impactaram de forma negativa sua vida profissional. Em 1991, Dinamérico abandonou seu trabalho sob a justificação de considerá-lo como monótono. Nesse mesmo ano, houve o recrudescimento de problemas relacionados à depressão e em sua poesia avolumam-se elementos de dramaticidade, solidão e reflexão.

Percebendo que a saúde mental de Dinamérico corria sérios riscos, sua família, em 2001, optou por interná-lo para tratamento psiquiátrico. Após seguidas internações, Dinamérico já não conseguia manter uma vida cotidiana social adequada. O quadro agravado de sua saúde mental fez com que Dinamérico, de forma trágica, tirasse a própria vida em 31 de dezembro de 2004.

Após sua partida, sua produção intelectual e sua trajetória de vida ficaram registradas em um média metragem, produzido pela Universidade Federal de Campina Grande. O documentário buscou contar a vida do poeta através de suas obras e de depoimentos de pessoas de seu convívio.

Entre as homenagens prestadas ao poeta destacam-se o seu reconhecimento pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a transcrição de suas obras e a atribuição de seu nome a uma das salas do Museu do Homem do Curimataú, denominada por Espaço Literário Dinamérico Soares.

No último capítulo, *Dinamérico Soares do Nascimento e a dimensão da poesia crítica*, os autores dedicaram-se à interpretação da obra de Dinamérico. Merecem destaque na análise empreendida pelos autores à obra do escritor o caráter de denúncia das desigualdades sociais, da vida difícil dos trabalhadores, especialmente os

trabalhadores do sisal, na região do Curimataú paraibano, que enfrentavam situações graves de acidentes de trabalho.

A crítica social e o deflagrar da condição de pobreza vivida pela população de sua terra foram marcas presentes em suas crônicas, além da denúncia de desigualdades, falta de direitos básicos e consequente ausência de cidadania.

Dinamérico também deixou, segundo os autores, importante legado para a literatura de cordel, que foi uma de suas grandes paixões. Como cordelista utilizou-se desse meio para se posicionar frente a um mundo de desigualdades e pobreza. No cordel, de forma contundente, mas ao mesmo tempo irônica, o escritor deu vazão à crítica da vida do povo nordestino. O cordel de Dinamérico foi uma janela aberta para o conhecimento da cultura material dos lugares por onde ele viveu. Através de sua obra é possível vislumbrar personagens, objetos, memórias e vivências do mundo popular. O poeta materializou em seus escritos expressões regionais como o cangaço e o universo das feiras populares, elementos importantes para a compreensão das identidades regionais. Nas palavras dos autores, Dinamérico foi um “leitor/escritor fascinado por interpretar o mundo cotidiano”.

Interpretação

A narrativa biográfica é um gênero que ao longo da história se apresentou sob variadas perspectivas metodológicas. As formas de relatar a trajetória de vida de um homem ou de uma mulher sofreram revezes ao longo dos séculos. Na antiguidade grega a biografia se

constituía como uma forma de engrandecimento de personagens políticos ou religiosos, tendo como objetivo fornecer exemplos morais que podiam ser negativos ou positivos e que deveriam ou não ser seguidos. Bem mais tarde, no século XIX sob influência do positivismo e da chamada História Nacional, a biografia priorizou o relato de vida de grandes homens e seus atos de heroísmo políticos e militares (BORGES,2005).

No início do século XX, a historiografia sofreu grande influência marxista e conseqüentemente questões como as classes sociais, o operariado, as revoluções e as grandes massas tiveram mais espaço do que relatos de trajetórias individuais. Já nos anos 70, a Escola dos *Annales*, um movimento intelectual francês que propunha a renovação dos métodos e das fontes utilizadas pelos historiadores, não privilegiou logo de início o debate de questões ligadas à biografia. Entretanto, a partir dos anos 80 os principais expoentes dessa escola reconheceram a importância da pesquisa biográfica para a historiografia e passaram a encará-la como uma forma complementar de análise do coletivo e das estruturas sociais (BORGES,2005).

Atualmente, a narrativa biográfica retomou lugar privilegiado no debate historiográfico. O “retorno” da biografia, se assim podemos dizer, deveu-se essencialmente ao avanço de disciplinas que tinham como interesse a compreensão do papel do indivíduo na sociedade. Estudos quantitativos e seriais passaram a dividir espaço com análises mais pormenorizadas que favoreceram a percepção de experiências individuais. Nesse sentido, a literatura e a psicanálise foram importantes contribui-

ções para que a biografia recuperasse o status de método de investigação.

Além disso, a narrativa biográfica moderna abriu espaço para a abordagem de trajetórias de vida de pessoas comuns e em vista disso aproximou-se de sujeitos pouco conhecidos ou despercebidos pelos biógrafos, tais como mulheres, homossexuais, negros, enfim para os até então excluídos e vencidos da história. Hoje a biografia pode ser considerada como uma das ferramentas para o trabalho de historiadores, etnólogos, sociólogos, pedagogos, entre outros.

Atentos a todas essas discussões teóricas e metodológicas recentes acerca do tema da biografia, os autores da obra aqui analisada souberam produzir um trabalho relevante sob diversos aspectos.

O primeiro desses aspectos tem relação com a questão da linearidade da narração. Em um texto a respeito dos erros e perigos que incorrem os biógrafos, Bourdieu, chamou a atenção para este tema tão caro ao biógrafo. Segundo este autor, a história de vida não pode se traduzir em um conjunto simples e linear de episódios sequenciais com uma finalidade específica. Fazer uma biografia linear e factual é para ele “[...] quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (BOURDIEU, 2002. p. 189).

O que podemos observar na leitura da biografia de Dinamérico é que seus autores souberam conduzi-la de forma que a trajetória de vida foi apresentada de maneira dinâmica, permeada por tensões entre a ação do sujeito biografado e as estruturas sociais. Dinamérico foi

retratado como homem comum, um personagem que certamente passaria despercebido pela história oficial. No entanto, as formas com as quais seus biógrafos recolheram, selecionaram e analisaram as fontes de pesquisa trouxeram à tona um homem que produziu e muito contribuiu para a história e para a cultura dos lugares por onde passou.

Através da leitura da biografia de Dinamérico é possível perceber uma relação dialética entre o sujeito biografado e o contexto histórico da Paraíba e do Brasil dos anos 70 até o final do século XX.

Por meio da análise dos episódios da vida do poeta desvelam-se aspectos econômicos e sociais, tais como pobreza e falta de condições básicas de saúde vivenciadas pelas populações mais carentes. A análise da atuação de Dinamérico como professor no cenário de autoritarismo político brasileiro revelou aspectos importantes da conjuntura política brasileira naquele período.

A vida de Dinamérico, seu trabalho, sua presença em ambientes de imensa riqueza cultural, suas ações frente a diversas situações, sua postura política e sua indignação perante as péssimas condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores de sua terra foram fios condutores puxados pelos autores que nos fazem entender melhor o contexto político e econômico da época.

Outro ponto importante que se destaca nessa narrativa é o seu caráter interdisciplinar. No decorrer da leitura podemos verificar que as várias áreas do conhecimento as quais pertencem seus autores trouxeram ganho substancial ao texto. A maneira com que os biógrafos lidaram com os dados revelou diferentes formas de compreensão da investigação e da escrita. Durante a

leitura foi possível perceber como temas de história de vida, micro-história, história oral e história cultural estão presentes e se inter cruzam com a narrativa biográfica.

Por fim, a sensibilidade dos autores fez com que o relato de vida do poeta não terminasse com sua morte. O último capítulo do livro trata justamente de sua poesia, do cordel, da paixão do escritor pela cultura popular, elementos que Dinamérico deixou como legado.

Referências

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. Trad. Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. p. 183-191.

MACHADO, Charliton José dos Santos; SOARES, Eliel Ferreira; SILVA, Fabiana Sena. *Dinamérico Soares do Nascimento: uma história de poesia, paixão e dor*. Fortaleza – CE: Editora da UFC, 2013.

10 CATHARINA MOURA E O FEMINISMO NA PARAHYBA DO NORTE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap10>

WANDERLÉIA FARIAS SANTOS

Doutora e mestra em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisas na História da Educação com ênfase em relações de gênero, memória, história de vida de professoras, instituições e formação docente.
wanderleiabr@hotmail.com

A presente resenha tem por objetivo trazer à tona o discurso de Catharina Moura, proferido no teatro Santa Rosa, na capital da Parahyba e, posteriormente, publicada no renomado jornal *A União*. Fruto do Projeto de Pesquisa Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações, a obra original foi escrita pelos professores Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes, ambos professores efetivos da Graduação e Pós-Graduação, do Departamento de Metodologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba, em parceria com a aluna Márcia Cristiane Ferreira Mendes. A obra é oriunda do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB), do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal da Paraíba.

A escassez de fontes acerca da referida escritora nos deixou com muitas lacunas sobre a vida dela. No entanto, o que se conseguiu investigar foi o suficiente para constatar que Catharina era uma mulher destemida, inteligente, ousada, sábia nas palavras e muito corajosa quando o assunto era a emancipação da mulher através da educação, enfrentando toda uma sociedade patriarcal da época. Filha de Francisca Rodrigues Chaves Moura e Misael do Rego Moura, Catharina Moura é natural da capital paraibana, nascida em 20 de dezembro de 1882. Professora formada na Escola Normal Oficial e diplomada

em 1902, enveredou também pelos caminhos acadêmicos do Direito e se constitui a primeira mulher a concluir o Curso na Faculdade de Direito do Recife, no século XX, na turma do ano de 1912.

Catharina Moura transitou nas duas áreas escolhidas por ela profissionalmente. Enquanto professora, lecionou na Escola Normal da capital, em cadeiras como Português, Desenho, Francês e História da Civilização. Enquanto bacharelanda, fez partes de vários júris criminais no Estado de Pernambuco. Pouco se sabe acerca da vida pessoal da autora, os escritos originais apontam que ela se casou, informação captada de uma licença médica encontrada, que constava o nome como Catharina de Moura Amstein. O contexto vivido por ela foi marcado por transições sociais e políticas que propagavam ideias modernas de educação. Na Parahyba, o então presidente do Estado em 1912, Castro Pinto, político ligado às oligarquias locais, priorizava os ideais educacionais e fazia questão de divulgar na imprensa oficial as obras de escritores paraibanos. Foi em sua gestão que nasceu a ideia de promover as Conferências da Universidade Popular, cujo objetivo era criar uma universidade popular e encaminhar a Parahyba para o progresso da modernidade. Nessas conferências, intelectuais e educadores se reuniam para debater sobre os mais variados temas. Entre os organizadores do evento, em sua maioria homens, estavam o nome de duas mulheres, Angela Moreira Lima e Catharina Moura, mas apenas Catharina estava entre os conferencistas.

Assim, há 109 anos, há mais de um século, Catharina discursava entre homens e desafiava a sociedade local, proferindo em seu discurso *os direitos da mulher*.

Em meio a um cenário (final do século XIX e início do século XX), no qual a nível nacional e mundial os debates sobre os direitos civis e políticos da mulher ganhavam forma, aqui na Parahyba ainda era muito forte o modelo de sociedade patriarcal, a qual não aceitava a presença da mulher nos espaços públicos, limitando-a à esfera privada do lar. Dessa forma, Catharina desafiava a sociedade local, ao dizer que lugar da mulher era participando da vida pública junto com os homens. Este foi o foco do seu discurso durante os 50 minutos em que esteve como conferencista.

Catharina inicia o seu discurso falando sobre as lutas das feministas, deixando claro o quanto admirava as sufragistas que se arriscavam pela emancipação das mulheres. Ela defende em seu discurso a mulher como um sujeito político que, assim como o homem, também tem o direito de participar da vida política e de escolher seus representantes através do voto. A conferencista ressalta ainda que a mulher é considerada pela sociedade como sexo frágil, mas que ela é altamente inteligente e se por acaso o cérebro dela está “atrofiado” (grifos da autora), é porque ela não faz parte das discussões acerca do espaço público, estando resignada apenas a cumprir as tarefas de mãe, esposa e filha, dentro de um lar. Criticou fortemente a condição inferior da mulher, afirmando que era uma teoria ideológica colocada como verdade incontestável por entidades religiosas, a exemplo da igreja católica, de que a mulher era símbolo de pecado e inferioridade ao sexo masculino.

Dessa forma, não via outro meio de emancipação, a não ser pela educação, como condição primordial para a liberdade da mulher. Catharina antecipou em sua con-

ferência questões que, posteriormente, especificamente em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino empunhou, como o direito ao voto e o acesso à educação como imprescindível para a emancipação feminina. É curioso que ela não apenas critica os homens no pensamento retrógrado em relação à mulher, mas tece críticas ferrenhas àquelas mulheres que se recusavam a lutar contra a opressão, não possuindo consciência histórica acerca da sua condição atual. Catharina vai além em seu discurso e aponta diretamente a instituição família, ao falar que é exatamente o casamento que propaga as desigualdades entre homens e mulheres, quando dá ao homem o poder de cuidar dos negócios e fazer parte da vida pública, e à mulher o dever de cuidar das lides domésticas, restringindo-a à esfera privada. Catharina conclui o seu discurso, acreditando na igualdade entre homens e mulheres como fator importantíssimo para fortalecer a instituição família.

As repercussões da conferência geraram comentários e críticas a respeito do pensamento emancipador que Catharina Moura trazia em seu discurso. Confirmando cada vez mais o que ela enunciava em sua fala, que homens e mulheres precisavam urgentemente repensar seus papéis na sociedade. O fato é que a conferência de Catharina Moura abriu espaços para que discussões acerca dos direitos da mulher acontecessem com frequência nas esferas públicas paraibanas. Sem dúvida, Catharina foi uma mulher muito ousada e que lutava bravamente para que a sua classe pudesse ter visibilidade. Mesmo sem ter tantas informações acerca dela, é inegável seu legado na história da educação paraibana, especificamente, na história da educação das mulheres.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira. *Catharina Moura e o feminismo na Parahyba do Norte*. Fortaleza: UFC, 2013.

11 MARGARIDA, MARGARIDAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap11>

RAQUEL DO NASCIMENTO SABINO

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, licenciada em Pedagogia e em Letras pela citada instituição. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba-HISTEDBR/PB. Professora da Educação Básica na Rede Pública Municipal de João Pessoa. raquelsabino26@gmail.com



Margarida, Margaridas trata-se de uma obra na qual Ana Paula Romão de Souza Ferreira lança as lentes da história para a história de vida de uma mulher, uma sindicalista, Margarida Maria Alves. Desvela as narrativas de mulheres camponesas sobre a líder sindical, instigando-as a relembrem e ressignifiquem as ações de Margarida presentes na memória coletiva. É um livro que para além da proposta de tratar sobre a trajetória de atuação sindical da líder camponesa, traz um debate atual e necessário numa sociedade na qual homens e mulheres seguem tecendo as relações sociais culturalmente enraizadas no patriarcalismo.

A obra em foco é fruto da pesquisa de Mestrado da autora, intitulada *MARGARIDA, MARGARIDAS: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) e as práticas de mulheres camponesas na Paraíba, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, em 2005*. Nos cinco capítulos que compõem a obra, a autora, uma professora, pesquisadora e militante feminista, buscou nos mostrar o perfil biográfico de Margarida, como sua história de vida e suas práticas estavam sendo concebidas pelas mulheres camponesas e as transformações gestadas a partir da trajetória de intervenção e lutas da sindicalista no contexto político e educativo.

A pesquisa que resultou na obra em análise teve sua gênese quando Ana Paula cursava Licenciatura em

História e participou do projeto *Modernização Agrícola na Paraíba- 1ª e 2ª Partes*, no âmbito do grupo *Questão Agrária* no Núcleo de Documentação e Informação História Regional (NDIHR), ocasião na qual sua atenção voltou-se para os estudos agrários e camponeses. Outros eventos foram divisores de águas na opção por enveredar pelas trilhas da temática sobre a luta das mulheres camponesas, quais sejam: a participação da autora no movimento estudantil, o engajamento nas lutas pela igualdade de gênero e a participação na Marcha das Margaridas em 1999, da qual participou como militante.

Guiando-se pelas premissas da Nova História Cultural, transitando pelas categorias gênero e memória coletiva, a autora do estudo realizou uma pesquisa participante na qual lançou mão de fontes documentais e buscou participar dos diálogos entres trabalhadoras/es rurais, sindicalistas, feministas e religiosos na intenção de perquirir a história e a memória de Margarida Alves.

Na constituição da narrativa da obra, recupera o relato histórico dos movimentos feministas, destacando o movimento contemporâneo de mulheres, cuja identidade pode ser caracterizada como a “[...] luta contra todas as formas de discriminação à mulher no trabalho e na sociedade” (FERREIRA, p. 46), articulando a discussão sobre as relações do movimento feminista com os pressupostos da Nova História Cultural, que fez emergir o estudo biográfico acerca das mulheres, antes excluídas, silenciadas, invisibilizadas na História.

Maria Margarida Alves, filha de agricultores, nasceu em Alagoa Grande/PB, no ano de 1933, forjada na vida do campo, no labor da agricultura, tendo cursado apenas o ensino primário, enveredou pelo movimento sindical

em 1970, ao qual dedicaria sua vida, contra as opressões sofridas pelas/os trabalhadoras/es rurais, defendendo direitos constitucionais, organizando campanhas salariais, fomentando a organização coletiva das mulheres contra a opressão de gênero e por educação, dentre outras bandeiras de luta. Sua participação no movimento sindical estendeu-se até 1983, quando brutalmente teve sua vida ceifada ao ser assassinada, “[...] vítima de uma emboscada patrocinada por usineiros e latifundiários da região do Brejo paraibano” (FERREIRA, 2006, p.77).

Concomitante ao despontar de Margarida Alves no sindicalismo, um espaço majoritariamente masculino, outras mulheres foram contemporâneas nessa jornada, a exemplo de Elizabete Teixeira e Maria da Penha Nascimento cuja atuação despontava no sindicalismo e as vozes se faziam presentes no Congresso Nacional dos/as Trabalhadores/as Rurais (CNTR).

Ana Paula assevera que no panorama de exploração, mitigação dos direitos trabalhistas e ameaças, no qual se deu a atuação de Margarida, houve o alvorecer da percepção de que a educação era arma dos excluídos. Trabalhadoras/es rurais, sindicalistas envolvidas no Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU), tornaram o Centro forte instrumento de educação e política contra os latifúndios. Margarida Alves, como integrante desse grupo de sujeitos, inspirou a auto-organização dos/as trabalhadores/as, resultando em aprendizagem popular.

De modo que, mesmo depois de sua morte seu legado e sua representação de mulher de luta permanecem presentes na memória dos/as trabalhadores/as, como se pode observar no fragmento: “Todos os direitos tra-

balhistas, Margarida lutava por eles, e Margarida lutava para que nós tivesse acesso a eles, porque primeiro se luta pela lei, depois tem que lutar pelo acesso” (BREJO *apud* FERREIRA, 2006, p. 110). E inspirou-as/os a prosseguirem com suas formas de organização: [...] “os latifúndios pensaram, os patrões pensaram que ao matar Margarida calaria, só que eles se enganaram, porque do sangue daquela mulher brotou muitas e muitas Margaridas” (NORTE *apud* FERREIRA, 2005, p.115). Prosseguiram atuando em sindicatos, em movimentos sociais, em movimentos populares, movimentos de mulheres, manifestando-se, realizando ações coletivas em prol de direitos trabalhistas, contra as opressões sofridas pelas mulheres.

Mergulhar na leitura do livro resenhado mostrou-nos que a trajetória de vida de Margarida Alves se constituiu em vigoroso pioneirismo da mulher no campo da política e da educação. Margarida foi uma liderança política e protagonista de práticas educativas que questionava tanto as desigualdades de gênero, como a violência que os/as trabalhadores/as sofriam dos latifúndios; representando um pilar na construção de uma geração na qual mulheres e homens, contagiadas/os por sua tenacidade de ideias e ações, construíram saberes, romperam o silêncio, enfrentaram seus algozes e lutaram por direitos.

Referência

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. *Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

12 TUDO AZUL COM DONA NEUZA: PODER E DISPUTA LOCAL EM 1968

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap12>

GABRIEL ALVES DO NASCIMENTO

Mestre e doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e graduado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo pela mesma instituição. Publicações nos campos do Ensino, Educação, História da Educação, Imprensa, Gênero, Instituições Escolares e Paradigma Indiciário.
gabrielalves.educ@gmail.com



misterioso Azul sempre esteve presente em nossas vidas, e é na natureza indomável que a sua predominância se revela: as águas oceânicas, refletidas através da luz do sol, transformam o céu em mar; o Azul misterioso do céu traz a ilusão e a boniteza de uma cor vívida e perceptível; é através do olhar para o céu que confundimos o real e o imagético. A pergunta mais frequente da humanidade, durante nossa meninice, conserva todo o seu peso ao longo das gerações: “*Por que o céu é azul?*”. Este questionamento, ao ser respondido pela ciência, traz à tona a rígida relação humana com a natureza, mas a criança continua a enxergar o Azul imaginando um oceano no céu, com nuvens de algodão doce, onde tudo é possível.

O Azul do céu e do mar, representado pela criança, aqui se transforma, não mais figura o campo da imaginação, apesar de estar presente nas teias da memória da entrevistada. Nesta obra, o Azul é transmutado a um lugar jamais representado antes: a luta política e o poder feminino em pleno século XX – durante a ditadura militar e o seu mais duro golpe contra a democracia, que foi o Ato institucional nº 5. É no campo da luta política feminina, da memória e história de vida de Dona Neuza Bezerra Santos que os autores Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes resolvem transitar. Os autores são possuidores de lastreada capacidade discursiva e analítica na elaboração desta obra.

A vasta experiência profissional dos autores confere ao leitor desta obra um verdadeiro misto de sentimentos, a começar pelo enigmático título, a ser desvendado apenas durante a afetuosa leitura. A entrevistada, Dona Neuza Bezerra, foi a primeira prefeita eleita de Cuité, na Paraíba. Esse feito por si só é de se admirar, pois, em uma sociedade patriarcal, machista, desigual e muito afei-ta ao poder masculino, uma mulher, em uma cidade do interior do Nordeste, rompe, de alguma forma, o círculo vicioso do poder masculino, no ano de 1968.

Cuité, durante o período estadonovista, a partir de 1936, possuiu variadas figuras políticas, todas masculinas. Após a redemocratização, em 1946, a lógica permanece a mesma: as eleições e as disputas partidárias sempre restritas ao masculino e oligarcas. Elegem-se fazendeiros, ruralistas, médicos, personagens sempre alinhados a figurões da política paraibana. Apenas em 1968 é iniciado um intenso debate na cidade, ao especular quem seria candidato à Prefeitura de Cuité, e Jaime Pereira parecia ser o mais “forte” (MACHADO; NUNES, 2019).

A disputa política havia sido definida com Jaime Pereira (ARENA), Euclides Bezerra (MDB) e Dona Neuza Bezerra (MDB), esta filha de Euclides Bezerra e esposa do ex-prefeito, Orlando Venâncio. Dona Neuza Bezerra “[...] reunia três essenciais atributos para a disputa: o carisma da oratória do marido, o respaldo financeiro do pai e a própria qualidade de mulher, configurando assim o novo na política de Cuité [...]” (MACHADO; NUNES, 2019, p.14-15).

O fato é que a candidatura inesperada de Dona Neuza Bezerra, mesmo estando presente na vida política de um adversário – seu próprio pai – e de um prefeito

anterior – seu marido – conferia a ela a capacidade de mobilizar o próprio patriarcado a seu favor, talvez sem ao menos ter consciência desse sistema. O slogan da campanha é uma afronta às cores de seu principal adversário, o Jaime Pereira, representado pelo “alvirrubro” do arenismo. Dona Neuza passa a entoar o entusiasmo: *“Tudo Azul com Dona Neuza”*. É daí que surge o Azul e a sua representatividade; era tudo e todas formando uma unidade entre homens e mulheres.

A narrativa adotada para a exposição dos fatos, na obra, é a (auto)biográfica. Dona Neuza viveu a infância e adolescência em Esperança/PB, mudando-se com a família para Cuité em 1951. O texto aborda a trajetória de vida de Dona Neuza, narrada por ela desde a sua infância até a sua vida política. Um ponto importante a ser destacado são os “objetos ativadores da memória” (*apud* MACHADO; NUNES, 2019, p. 26), em que, ao ser entrevistada, Dona Neuza recorria a determinados objetos, que a auxiliavam nas lembranças; tais objetos são responsáveis pela “reativação da memória”. Entre as falas e os objetos existe a manutenção de um vasto arsenal documental indiscutível.

Durante o pleito de 1968, Dona Neuza relata a dificuldade que sofreu por ser mulher, aponta que a campanha adversária discriminava a mulher com insultos e desqualificava a sua candidatura afirmando que não tinha competência para a administração pública. O lugar da mulher, na política, não era bem quisto aos mantenedores do poder masculino e, quando esse lugar sofre “ameaças” de ser destituído, ao menos que simbolicamente, os ataques se intensificam.

É verdade que Dona Neuza Bezerra estava na política de Cuité através de duas figuras masculinas, mas a sua representação feminina, seu corpo, seu discurso e a ocupação deste lugar, geravam incômodos. Durante a sua campanha, Dona Neuza abraçou o discurso da religiosidade e das mensagens voltadas para as mulheres. Ela não possuía a aprovação do Governador João Agripino, que apoiava o seu rival, Jaime Pereira, um dos discursos mais fortes do governador era: “Doa a quem doer, lasque a quem se lascar, mas o prefeito de Cuité será Jaime Pereira” (MACHADO; NUNES, 2019, p. 58).

Em plena ditadura militar, o governador alinhado aos militares, ao fazer essa fala, coloca em risco as eleições locais, gerando dúvidas se Dona Neuza conseguiria assumir a prefeitura, caso fosse eleita. Sobre isso, Dona Neuza afirma: “Não, não tive medo. Apesar de saber que naquela época havia uma interferência muito grande dos governadores nas políticas locais, eu não acreditava que eles pudessem mudar a vontade do povo [...]” (MACHADO; NUNES, 2019, p. 58).

A campanha termina e a eleição é encerrada com a vitória de Dona Neuza com 2.587 votos (54,58%) contra 2.153 votos de Jaime Pereira (45,42%), uma diferença de 434 votos, dados registrados pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) (MACHADO; NUNES, 2019). A vitória de Dona Neuza marca duas situações: o efervescente discurso feminino mobilizador – Dona Neuza consegue aglutinar o povo de Cuité em favor de seu pleito – e a continuidade do projeto de poder do MDB. Dona Neuza passa a ser a segunda mulher eleita à prefeita na Paraíba através do voto direto, tomando posse aos vinte e nove anos de idade. Dona Neuza passa a cunhar o discurso da “Madrinha

Neuza”, “[...] prefeita, mulher, esposa e mãe que passaria para a história de Cuité como uma liderança política preocupada com o social e com a atenção à pobreza [...]” (MACHADO; NUNES, 2019, p. 62).

Após ser empossada, Dona Neuza empossa sua equipe e, ao ser indagada sobre a participação das mulheres no seu governo, afirma que: “Fátima Lima foi secretária de Educação [...] Ilze Alexandre, Marleide Fonseca e Violeta Barbosa trabalhavam na administração [...], mas as mulheres, em sua maioria, eram professoras” (MACHADO; NUNES, 2019, p. 64).

O cenário de Cuité dos anos de 1960-1970 é de uma atividade econômica baseada na agricultura de tradição familiar, com o sisal como mola propulsora do desenvolvimento regional. Os conflitos entre a campanha e a realidade começavam a surgir: a pobreza assolava os municípios do interior da Paraíba de forma avassaladora e Cuité não estava de fora. A arrecadação da prefeitura era insuficiente para propagar as políticas assistenciais prometidas durante a campanha de Dona Neuza: “[...] as condições de vida eram muito precárias e o Município não tinha recursos para mudar aquela situação [...]” (MACHADO, NUNES, 2019, p. 68). Para amenizar o sofrimento da pobreza na região, o convênio DIACONIA com entidades religiosas trouxe para Cuité uma ajuda de alimentos e roupas recebidas de dois em dois meses. Para Dona Neuza, essa foi “[...] uma das melhores coisas que fizemos no nosso governo” (MACHADO, NUNES, 2019, p. 70).

O Azul, nesta obra, simbolizou a árdua tarefa de ocupar um espaço historicamente negado para as mulheres. Dona Neuza traz consigo um “abre-alas” de possibilidades: em pleno Ato Institucional n° 5 é eleita e toma

posse, tornando-se a segunda mulher prefeita eleita pelo voto popular da Paraíba, simbolizando a esperança de dias melhores e a luta incessante em defesa da participação feminina.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. *Tudo Azul com Dona Neuza: poder e disputa local em 1968*. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará – EDUECE, 2019.

13 (AUTO)BIOGRAFIA DA EDUCADORA MARIA FERNANDES DE QUEIROGA (IRMÃ ANA, OSF): A GUARDIÃ

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap13>

MARIA LUCIENE FERREIRA LIMA

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (UFPB), mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela mesma universidade. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal da Paraíba. Experiência de pesquisa em Educação, com ênfase nos seguintes temas: história das instituições escolares, história e educação das mulheres, escolarização rural, educação em direitos humanos. luciene@prpg.ufpb.br

Este texto trata de um desafio biográfico que a pesquisadora Iolanda de Souza Barreto assumiu, ao buscar registrar uma realidade a partir de uma história de vida, com a consciência de que a partir do seu trabalho uma porta foi aberta, e que esta permanecerá “escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das frações individuais e de seus traços no tempo.” (DOSSE, 2015 apud BARRETO, 2021).

O livro (Auto)Biografia da Educadora Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana, Osf), publicado em 2021 pela Editora Appris é resultado da tese de doutorado desenvolvida por Dra. Iolanda de Sousa Barreto entre os anos de 2016 e 2019. Foram quatro anos dedicados a estudar, interrogar e descortinar as especificidades de uma práxis educativa e a constituição identitária pessoal e profissional de uma educadora. O estudo realizado no âmbito do Projeto Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a História da Educação da Paraíba – HISTEDBR/PB, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nos proporciona a reflexão sobre o quão complexa pode ser uma operação historiográfica para a compreensão de uma história de vida; já que esta não se apreende, nem se finda em uma narrativa.

Em busca de seus objetivos, Barreto bebe da fonte dos referenciais teóricos da Nova História Cultural,

apoiando-se no suporte metodológico da História Oral, através das narrativas de memória da biografada e de professoras que foram suas alunas. Ao adotar essa metodologia de pesquisa, a autora demonstra que procurou unir dois paradigmas da modernidade: “o modo de pensar hermenêutico e a ideia do indivíduo como valor” (ALBERTI, 2004). Fontes escritas e imagéticas também foram utilizadas, como cadernos, textos documentos oficiais do colégio, livros, fotografias e outros materiais referentes à história da biografada, à história de Catolé do Rocha, das Irmãs Franciscanas de Dillingen e do Colégio Normal Francisca Mendes (CNFM). Esse encontro de fontes primárias e secundárias se articula e revela o cuidado que a autora teve ao explorar cada fonte.

Estruturado em cinco capítulos, o livro nos apresenta com um resgate histórico de fatos importantes sobre a educação paraibana, a partir da trajetória de vida da educadora Maria Fernandes de Queiroga, Irmã Ana, como é conhecida. Centrada nessa experiência individual, a autora reconhece a complexidade do seu desafio ao procurar construir os estados sucessivos do campo no qual essa trajetória se desenrolou, bem como o conjunto das relações objetivas que uniram o sujeito biografado ao conjunto dos outros agentes envolvidos nessa trajetória (BOURDIEU, 1986). Assim, a partir desse contexto sócio-histórico particular, Barreto nos fornece “[...] elementos, vestígios e fontes que nos ajudam a compreender a organização sociocultural e educacional catoleense a partir de meados do século XX à atualidade” (BARRETO, 2021).

A leitura atenta de cada capítulo vai nos apresentando uma personagem de personalidade forte, que foi construindo sua identidade enquanto sujeito, educa-

dora e freira, a partir das experiências compartilhadas com os grupos de referências que integrou e conviveu. A educadora Maria Fernandes de Queiroga nasceu no município paraibano de São João do Rio do Peixe, à época de seu nascimento, denominado de Antenor Navarro. Em 1941 migra para Catolé do Rocha, tendo ela apenas cinco anos de idade. Aos 13 anos, começou a estudar no Colégio Normal Francisca Mendes, fundado pelas Irmãs Franciscanas de Dillingen, onde concluiu o Curso Normal e recebeu o diploma de professora do Curso Primário. A convivência com este grupo de referência despertou nela o interesse pelo magistério e “[...] possibilitou um intercâmbio cultural, envolvendo muitos aspectos, entre as mestras alemãs e as aprendizes brasileiras, provavelmente tendo aquelas o cuidado de não forçar um processo de inculturaçã” (BARRETO, 2021). A escolha pelo magistério se conectou com um desejo antigo de seguir a vida religiosa, o que significou para ela um chamado de Deus, uma missão. Em seu compromisso com a educação estava sempre em busca de aprender, adequar-se às normas vigentes e se reinventar. Ao longo de sua atuação esteve em constante processo de formação, cursou Pedagogia na UFPB e seguiu participando ativamente de cursos de aperfeiçoamento com o objetivo de compreender e acompanhar todas as mudanças políticas e educacionais.

Com esse registro histórico e (auto)biográfico da Irmã Ana, Barreto proporciona ao leitor um exercício de rememoração das reformas políticas educacionais que aconteceram dentro do seu recorre temporal, que vai de 1949 até 2019 e de como a práxis da Irmã Ana foi se adequando a essas reformas ao longo do tempo. A primeira

delas surge no momento que a autora analisa os interesses por trás da instalação de uma escola confessional no município de Catolé do Rocha e traz à tona questões que envolvem a relação estado igreja e as elites econômica e política, e como esses grupos se articularam para alcançar seus interesses. Em um de seus escritos, intitulado *Francisca Mendes: Histórico e Finalidade*, Irmã Ana afirma que a ideia de construção de uma escola no município surgiu quando “[...]o Coronel Antônio Mendes Ribeiro, querendo perpetuar o nome de sua mãe, perguntou ao Pe. Joaquim de Assis Ferreira o que deveria fazer. Ele respondeu: construa uma escola para moças” (apud BARRETO, 2021, p.48). Esse passeio histórico continua ao longo do texto com a contextualização das experiências educativas de Irmã Ana sempre conectadas às mudanças que foram acontecendo com o Curso Normal nos tempos históricos da Reforma Capanema, da LDB 4.024/61, da Lei nº 5.692, da 1971, até chegar à LDB nº 9394/96.

Pode-se afirmar que os caminhos percorridos por Barreto em sua operação biográfica foi um exercício que exigiu muito fôlego e comprometimento. Ao dar por encerrado esse exercício a autora reconhece que as suas problematizações foram em parte respondidas, chegando à conclusão de que a Irmã Ana teve uma atuação destacada à frente do Colégio Normal Francisca Mendes (CNFM) como professora e diretora, além de ter se tornado guardiã e divulgadora dos valores confessionais e saberes educacionais compartilhados em seus grupos de referências, contribuindo até os dias atuais com a instituição. Esse desafio com a operação biográfica levado a cabo por Barreto nos “[...] oferece um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/

exterioridade, do singular/geral, sendo, portanto, o que mais lembra o ideal impossível de globalidade” (DOSSE, 2015 *apud* BARRETO, 2021).

Referência

BARRETO, Iolanda de Sousa. *(Auto)biografia da educadora Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana, OSF): a guardiã*. Curitiba: Editora Appris, 2021.

14 MARIA CAMÉLIA PESSOA DA COSTA: EDUCAÇÃO COMO MISSÃO DE VIDA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap14>

SILVANO FIDELIS DE LIRA

Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba e graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba.
silvanofidelis01@gmail.com



História da Educação tem ganhado importante destaque dentro das atividades do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba¹, além de reunir pesquisas dos estudantes sobre temas que muitas vezes são considerados marginais. O PPGE/UFPB tem congregado docentes preocupados em historicizar a educação paraibana a partir de memórias e histórias de vida de pessoas que viveram a educação como missão, como vocação. Outro ponto que considero interessante dentro dessa rápida análise, é que, essas pesquisas fogem do tradicionalismo das grandes instituições, e partem dos interiores da Paraíba, dos interiores de nossas gentes (no plural) como deve ser a História.

Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes e Juliana Aparecida Lemos Lacet são os responsáveis por arquivar (ARTIÉRES, 1998) a vida e as experiências² de Maria Camélia Pessoa da Costa, a Dona Camélia³ em escrita.

¹ A linha 2 do PPGE/UFPB reúne três importantes grupos de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba – HISTEDBR/PB; Memória, História e Educação e História da Educação no Nordeste Oitocentista – GHENO, segundo o site do mesmo, atualmente conta com cinco professores ligados à linha de pesquisa. Mais informações em: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/contents/menu/institucional/linhas-de-pesquisa>. Acesso em 09 de dezembro de 2022.

² Utilizo o conceito de “experiência” a partir do pensamento de Jorge Larrosa (2002), para quem a experiência não é apenas um acontecimento vivenciado, mas uma ação que modifica de alguma forma a vida humana, para ele a experiência nos marca e nos transforma.

³ Nos anos de 2016 até 2019 atuei como gestor escolar da Escola Cidadã Integral Iolanda Tereza Chaves Lima (Cubati/PB), a qual faz parte da 4ª Gerên-

O gênero biográfico tem encontrado um espaço privilegiado entre os historiadores e demais pesquisadores das Ciências Humanas, sobretudo, com o advento da Nova História Cultural que deslocou a nossa atenção dos grandes nomes e acontecimentos para as experiências individuais e coletivas. Novos personagens passam a ser pensados dentro de um contexto mais amplo. Para Paul Ricoeur (1991), a identidade traçada do biografado passa a ser o ponto de partida para se analisar as transformações acontecidas no seu contexto, e no caso de Maria Camélia essa análise é bastante fecunda, tendo em vista que ao escrever sua biografia, os autores abrangem noventa e três anos de vida, quase um século, onde não só a Serra do Cuité, mas a educação e a própria Dona Camélia, passaram por grandes transformações. De acordo com François Dosse (2020), a biografia não é uma ilusão (BOURDIEU, 1996) do eu, mas é uma travessia no tempo e das experiências: “O surgimento de ‘eu mesmo’ que não é mais um ‘eu’, do fato das alterações provenientes de sua relação com o outro e da sua travessia do tempo, oferece um meio de sair da ‘ilusão biográfica’ denunciada pela sociologia bourdiesiana” (p. 14).

O livro *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*, como o nome já indica, apresenta a

cia Regional de Educação, que tem sede na cidade de Cuité/PB, onde nasceu e viveu Camélia. Para cumprir minhas funções tinha que me dirigir quase que semanalmente à serra de Cuité, onde ouvi muitos de meus colegas de trabalho falarem sobre ela, sempre ressaltando aspectos marcantes de sua trajetória, como a firmeza em suas decisões e a doação total de sua vida à educação. Coincidentemente em 2016, ano de seu falecimento, encontrava-me na cidade de Cuité para uma reunião, a qual foi cancelada devido a necessidade que meus colegas tinham de lhe render homenagens póstumas. Até hoje a biografia de Maria Camélia é usada como exemplo, uma foto sua tem destaque no saguão de entrada da Escola Vidal de Negreiros, onde exerceu grande parte de sua trajetória como educadora e gestora escolar.

trajetória de vida de Dona Camélia, falecida em 2016. O livro foi lançado em 2021, em uma *live* realizada a partir do Centro Cultural Casa de Farinha das Moças, na cidade de Cuité, e contou com a presença de familiares, ex-alunos e colaboradores de Dona Camélia. Devido as medidas sanitárias de segurança, o lançamento contou com um público reduzido e foi transmitido pelas mídias sociais. Certamente, um lançamento presencial atrairia muitas pessoas, que trabalharam ou foram formadas por uma das mais importantes educadoras daquela cidade.

A obra é dividida em oito capítulos, que traçam desde o surgimento da pesquisa, passando pelo nascimento e juventude de Camélia, até a sua morte, últimos dias de vida, marcados pelo recolhimento, pela religiosidade, e por profundas insatisfações no campo da política local. Quem faz o prefácio da obra é José Pereira Sobrinho, o conhecido “Zé Pereira”, renomado educador cuitense, reconhecido por sua seriedade e trabalho, que aponta características marcantes da vida da biografada, e mostra a importância da escrita para a História do município de Cuité. Admirador de Camélia, José Pereira aponta nela uma mulher “revolucionária” que deixou de lado inclusive a maternidade⁴ para dedicar-se totalmente à educação.

Como toda pesquisa, esta também tem suas características teórico-metodológicas, assim, os autores iniciam a escrita contextualizando esses procedimentos. Graças a Myria Pessoa, sobrinha de Camélia, os docu-

⁴ É importante lembrar que no início do século XX, o papel que se destina para a maioria das mulheres é a maternidade e os cuidados domésticos, mesmo com a docência surgindo e sendo uma função eminentemente feminina, os trabalhos domésticos e o cuidado dos filhos vinham antes de qualquer coisa.

mentos referentes à Camélia chegaram até o Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEBR/PB), o que tornou possível o acesso à vida daquela mulher.

O capítulo 3 fala do nascimento e das primeiras décadas de vida de Camélia, em uma pequena vila do interior paraibano. Maria Camélia Pessoa da Costa vem ao mundo a 05 de março de 1927, e ninguém naquela família simples, como tantas outras da Serra do Cuité, imaginava a importância que aquela menina teria para vida de tantas pessoas; que ela seria responsável por tecer sonhos, por formar tanta gente. A menina, tão cuidada por Dona Lica, sua mãe, tornar-se-ia referência para a educação de Cuité e de toda a região.

Creio que será suficiente um voo geral pela obra, publicada pela Editora da Universidade Estadual do Ceará. É um livro não muito extenso e de leitura tão agradável que pode ser lido numa tarde, durante um café, ou num balançar de rede numa manhã de domingo. Considerando a documentação fornecida por sua sobrinha, os autores analisam e dão contornos narrativos à vida estudantil de Camélia, e a sua formação, quando então a mesma passa a exercer a docência nos grupos escolares de Cuité. Sua competência e zelo pela educação transformaram-na não apenas numa professora respeitada, mas numa gestora escolar firme, e que sabia com maestria dialogar com seu tempo. Respeitada por muitos, Dona Camélia também foi vítima das traições e das rasteiras políticas tão comuns em nossas pequenas cidades. Em 2000, recebeu o ofício nº 204/2000, no qual o prefeito eleito a dispensava de suas atividades; os “ajustes administrativos” eram na verdade “ajustes políticos”.

Em 2013, já idosa e sem poder participar de grandes eventos, como sempre gostou, Camélia recebeu do Governador do Estado uma homenagem aos seus longos anos dedicados à educação. Longe das atividades administrativas e pedagógicas, Dona Camélia seguiu até sua morte, como colaboradora da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em Cuité, onde aquelas grandiosas paredes muitas vezes testemunharam a frágil, porém firme professorinha. Camélia Pessoa da Costa se despediu desse mundo em 2016, deixando um grande legado para a educação e para a sociedade paraibana. A sua vida, transformada em biografia, pela escrita sensível de Charliton, Maria Lúcia e Juliana Aparecida, serve-nos de exemplo, para tantas histórias e memórias ainda esquecidas pelos nossos municípios, vidas que merecem ser escritas, biografadas, transformadas em letras, para que fiquemos com um pouco menos de “saúde das professorinhas...”⁵

Não apenas ressalto a importância da leitura da obra, mas recomendo-a que seja trabalhada desde a educação básica ao ensino superior, pois, carecemos de conhecer essas personagens, essas mulheres, que deram sentido à educação.

Referências

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

⁵ Referência a música “Meus Tempos de Criança”, de Ataulfo Alves.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. *Revista Escritas do Tempo*. v. 2, n. 4, mar./jun. 2020. Disponível em <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249/528>. Acesso em 09 de janeiro de 2022.

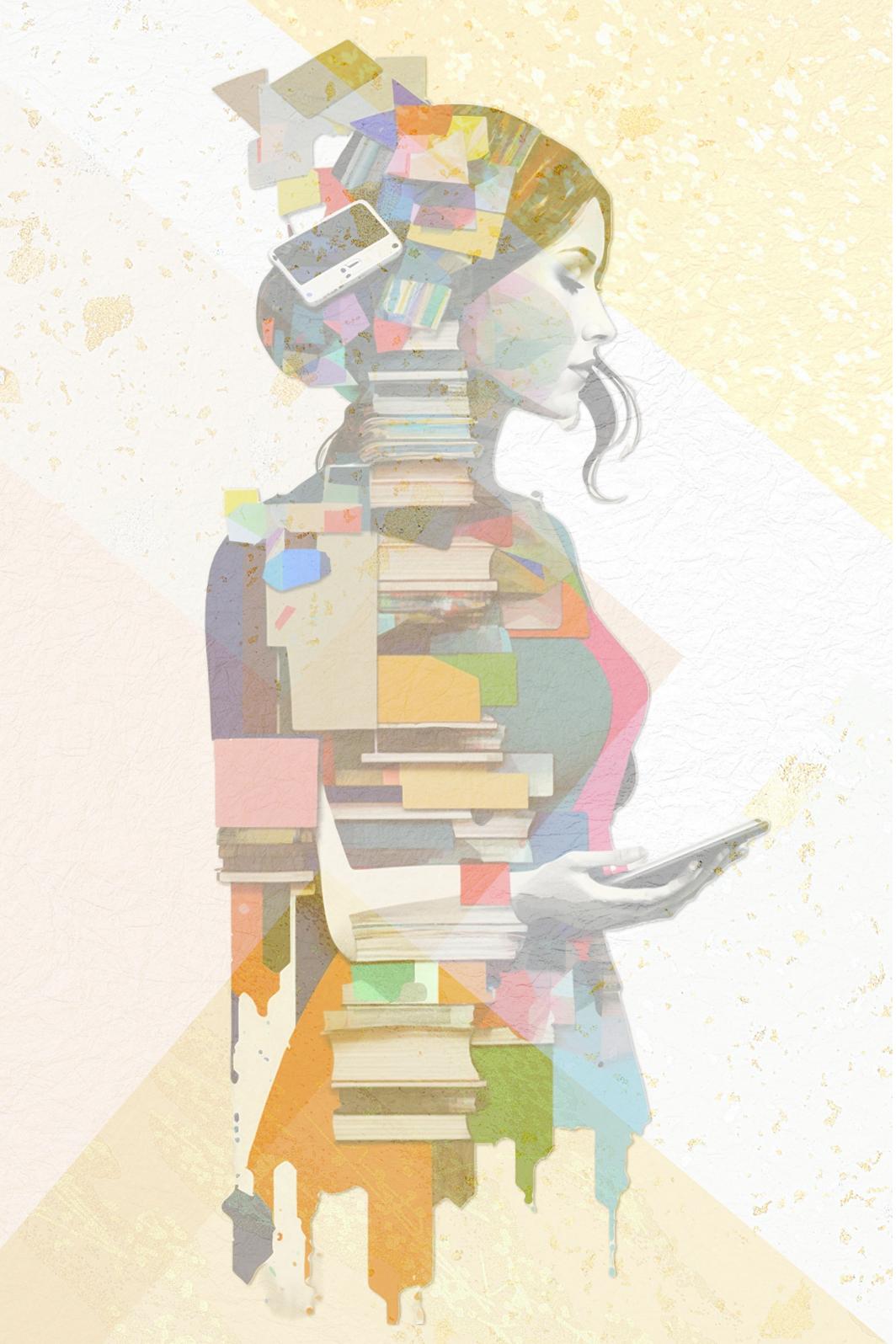
LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr. p.20-28, 2002.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: Editora EDUECE, 2020.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Luci Moreira Cesar. Campinas/SP: Papirus, 1991.

The background features a complex geometric composition of overlapping triangles and quadrilaterals. The colors include a bright yellow, a light beige, a white, and a soft peach. The textures vary, with some areas appearing smooth and others having a crinkled paper or marbled effect. The text is centered within a white triangular area.

PARTE II
COLETÂNEAS COMO DESAFIOS
DO PENSAR COLETIVO



15 GÊNERO & SEXUALIDADE: PERSPECTIVAS EM DEBATE

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap15>

GILVETE LIMA GABRIEL

Pós-Doutora em Educação e Sociologia, doutorado e mestrado em Educação, especialista em Metodologia de Pesquisa e graduada em Pedagogia. Líder do GEPAlIRR. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Roraima. Co-criadora da Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, sócia do FEPAE-NNE, da ANNHIVIF, da BIOGraph e da ANPed. Experiência em formação, narrativa autobiográfica de professores da cidade, do campo, de área indígena, inclusive com crianças indígenas.
gilvete.lima@ufr.br

Este livro é uma antologia de textos de pesquisadores e pesquisadoras que discutem gênero e sexualidade destacando sobretudo a educação e a formação das mulheres. Faz parte de um projeto de pesquisa inovador e de grande relevância para a História da Educação brasileira, intitulado Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, coordenado por Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes, professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Oportunizar aos leitores e leitoras reflexões acerca da educação e formação das educadoras paraibanas do século XX é mergulhar profundamente no que nos constitui como mulheres capazes (RICOEUR, 2006) de ser mais (FREIRE, 2005) mesmo diante dos atravessamentos de gêneros vivenciados por elas/nós (STELLA, 2021), pois estes se configuram como luta cotidiana pela libertação de si e do outro através da formação e atuação pedagógica, política etc. Tomei a liberdade nesse trabalho de transitar pelo livro sem seguir uma linearidade pois “lendo o fim no começo e o começo no fim [aprendi] também a ler o próprio tempo às avessas, como a recapitulação das condições iniciais de um curso de ação nas suas consequências terminais” (RICOEUR, 1994, p. 106).

A história da educação da mulher ao longo do tempo revela a falta de prioridade das políticas públicas para atender essa população que, embora recebesse a atribui-

ção de ser responsável pela vida doméstica (casa, filhos/as, familiares), fora-lhe negado por muito tempo o direito público subjetivo à educação (Constituição, 1988.), sobretudo às mulheres da classe menos favorecida. A questão norteadora que foca minhas análises é: Como gerenciar um grupo-familiar sem ser alfabetizada e letrada em um mundo considerado pós-moderno (COSTA, 2007), que tem favorecido pesquisas significativas para compreensão do ser humano e de sua sexualidade (JÚNIOR, 2007), como também das múltiplas identidades (NÓVOA, 2010) que reivindicam cotidianamente reconhecimento? A insurgência de mulheres a exemplo da líder camponesa Margarida Maria Alves (FERREIRA, 2007), que lutou por sua educação e formação política como também de outras mulheres ao longo de sua vida contribuiu, de forma significativa, na construção da identidade da mulher do campo.

Em se tratando de identidade campesina, o brejo nordestino (ANDRADE, 2007) e a figura do homem 'cabra-macho', ignorante, astuto, pobre e do coronel (todo-poderoso) tem permeado o imaginário do restante da população brasileira por meio da sétima arte, das novelas televisivas ao reafirmar uma história que remete a um tempo passado como inexorável em vez de apresentar as iniciativas de humanização do homem, ou seja, sua transformação por meio da educação. Talvez as repetições desse tipo de produção midiática e cultural contribuam e autorizem a violência simbólica, física e psicológica contra a mulher (BELTRÃO e BRANDÃO, 2007), conforme temos acompanhado os recorrentes assassinatos, suicídios e punições exacerbadas a mulheres que têm convicção de sua identidade e que ousam transcender as relações avil-

tantes e desumanas, seja na esfera doméstica ou pública (ABRANTES; NUNES; SILVEIRA, 2007).

A educação da mulher de outrora e de hoje nos convida alhures a reivindicar uma educação completa em seus grupos-referência (estes são responsáveis pela estruturação do nosso modo de ser, de pensar e de agir) (GABRIEL, 2011) semelhante a *Paideia dos gregos* “[...] que consistia na integração entre a cultura de uma sociedade e a criação individual de outra cultura numa influência recíproca” (GADOTTI, 2005, p. 30). Esta hipótese tem como uma linha diretriz que a mulher constrói sua subjetividade a partir de suas relações com o mundo e suas experiências culturais. Pineau (1988, p. 68) em seus trabalhos sobre a alternância da formação, refere-se à *autoformação*: “[...] como uma estratégia auto-referencial obrigada a autonomizar-se e influenciada pelos riscos e paradoxos do desdobramento do eu”. E esclarece que “essa autonomização provoca um movimento de personalização, de individualização, de subjetivação da formação” (Id., 2004, p. 157). Esse movimento de forma muito particular tem como aliados a *heteroformação*, designando o caráter social da formação, a participação do outro na constituição de si, e a *ecoformação*, destacando a influência do meio ambiente em nossa formação. O autor é enfático: “[...] É só sabendo como o meio ambiente nos forma, nos põe em forma, que saberemos como formar um meio ambiente viável, suportável e vital” (PINEAU, 2004, p. 158-159).

Desconsiderar esse processo de formação formativo e performativo (GABRIEL, 2011) do ser humano culmina na negação completa da dialogicidade. Aliás, outros estudos da antologia em tela apontam que essa negação

do outro favorece a substituição do corpo e da mente da mulher por *Realdolls* (NEPOMUCENO, 2007), o que demonstra a busca por outras formas de satisfação sexual e ao mesmo tempo a rejeição da convivência com mentes pensantes.

Na contramão dessa realidade, é possível encontrar iniciativas de mulheres à frente do seu tempo que sonham/sonham com um mundo melhor. Em se tratando da situação de mulheres que abandonaram os estudos devido enlace matrimonial e maternidade, os trabalhos de Menezes e Santiago *et al* (2007) retratam a realidade de mulheres que reivindicam uma relação mais equitativa com seus parceiros na distribuição dos trabalhos domésticos e criação dos filhos para poderem dar continuidade ao seu processo de escolarização/humanização.

Os estudos de Santos, Machado e Nunes (2007) sobre o Colégio de Nossa Senhora das Neves e a prática educativa da Irmã Margarida Costa retratam que a freira após vários anos educando apenas meninas na referida escola, aceita a matrícula de meninos considerando que em uma família há a convivência de ambos. Outra iniciativa de mulheres que pensaram na educação e promoção social de outras mulheres menos favorecidas ocorreu com a criação da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino no ano de 1933 (MACHADO e NUNES, 2007).

Além dessas iniciativas de outrora, há até os dias de hoje Organizações Não Governamentais “[...] que atuam com as questões de etnia, de gênero, de meio ambiente, entre outras – isto é, que surgiram comprometidas, de fato, com uma função social, seja no sentido altruísta ou ideológico [...]”, é o que enfatiza Batista (2007, p. 106). Nesse conjunto de textos que tratam do acolhimento como

forma de humanização do homem e aqui, principalmente da mulher, Assis (2007) destaca em seus estudos as dificuldades de inclusão educacional de crianças com deficiência e os percalços, angústias e perplexidades das mães para verem os direitos públicos e subjetivos de seus filhos e filhas assegurados no sistema educacional.

Por fim, as discussões em torno de “novas sexualidades” segundo Léon (2007) contradizem o *discurso fundamentalista cristão* porque as “[...] ordenações doutrinárias e éticas derivadas das Escrituras Sagradas devem ser publicamente reconhecidas e legalmente reforçadas [...]” (LÉON, 2007, p. 91), conforme preconizam as autoridades religiosas, destaca o autor. Paul Ricoeur nos convida e convoca em sua obra *O Si-Mesmo como Outro* ao reconhecimento das identidades múltiplas ao considerarmos que “[...] a pessoa, entendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas experiências” pois, “[...] a narrativa constrói a identidade da personagem, que pode ser chamada de sua identidade narrativa, construindo a identidade da história narrada.” (RICOEUR, 2014, p. 155).

Referências

BRASIL. Senado Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GABRIEL, Gilvete de Lima. *Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização*

de si: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação identitária docente. Curitiba, PR: CRV, 2011.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas.* São Paulo: Editora Ática, 2005.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.) *Gênero & Sexualidade: perspectivas em debate.* João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação.* Tradução Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa.* Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento.* Tradução Nicolas Nyimi Campanario. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *O Si-Mesmo como Outro.* Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SANTIAGO, Stella Marcia de Moraes. *Trajetórias e experiências de mulheres na reitoria da UFPB.* 2021. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

16 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES I

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap16>

IOLANDA DE SOUSA BARRETO

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e mestra em Linguística e Ensino, ambos pela Universidade Federal da Paraíba; graduada em Pedagogia e especialista em e para os Direitos Humanos pela instituição já citada. Professora da Educação Básica e orientadora educacional da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa - Paraíba.

iolandasbarreto@gmail.com



obra *Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX*: práticas, leituras e representações propõe descortinar a história de vida e a trajetória educativa e intelectual de educadoras e literatas paraibanas, ou que na Paraíba atuaram, no contexto histórico do século XX. Considera essas mulheres, ao mesmo tempo, enquanto agentes e sujeitos da história, atuantes em diferentes espaços-tempos e com diferentes estratégias, tendo em comum o protagonismo feminino na educação, sobretudo na Paraíba.

Assim, Olivina Olívia Carneiro da Cunha, Analice Caldas de Barros, Argentina Pereira Gomes, Julita Ribeiro, Madre Odila Araújo Pereira, Irmã Margarida Maria Marcelo Costa, Zila da Costa Mamede e Teresa Aquino são retratadas, sequencialmente, em estudos (auto)biográficos que revelam suas histórias de vida, considerando as especificidades relacionadas à identidade pessoal e profissional de cada uma delas, assim como das estruturas socioculturais de seus espaços-tempos.

Nesse sentido, a obra consegue revelar, a partir das narrativas de vida individuais, um significado histórico mais amplo, apresentando nuances e facetas de um passado sócio-histórico fugidio no tempo. Sua relevância é reforçada pela visibilidade dada à atuação feminina e docente, nas pessoas das mulheres destacadas nos diversos textos que a compõem, contribuindo para a constituição do campo da História da Educação paraibana e da

prática docente no Brasil. Afinal, como concebe Nóvoa (1992, p. 24),

A possibilidade de produzir um outro conhecimento sobre os professores, mais adequado para os compreender como pessoas e como profissionais, mais útil para descrever (e para mudar) as práticas educativas, é um desafio intelectual estimulante.

Todos os estudos que compõem a obra foram desenvolvidos no interior do projeto de pesquisa Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações, que faz parte do grupo de estudos e pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba.

Coordenado pelo Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado e pela Prof.^a Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes, organizadores da coletânea, o projeto objetiva investigar testemunhos e registros silenciados de memórias, sobretudo das educadoras paraibanas atuantes no século XX, mulheres de vida comum, mas que deixaram suas marcas na história da educação brasileira, marcas que ao serem prescrutadas revelam a significação da atuação dessas mulheres em seus espaços-tempos, assim como num contexto sociocultural mais amplo, marcado por ideias e interesses muitas vezes conflituosos. Como atuaram essas mulheres, quais representações assumiram e quais táticas utilizaram na constante luta por maior protagonismo intelectual e social em um cenário dominado pela figura masculina são algumas das questões suscitadas nos estudos desenvolvidos no âmbito do referido projeto.

Toda a obra está assentada nos fundamentos teórico-metodológicos da Nova História Cultural a partir da abordagem (auto)biográfica. A Nova História Cultural compreende uma nova configuração historiográfica emergida nas últimas décadas do século XX e forjada com a *Escola dos Annales*, sobretudo a partir de sua terceira geração. Com ela, a historiografia abre-se aos diálogos interdisciplinares e a novas problematizações, contemplado, por exemplo, as relações de gênero, etnia, práticas cotidianas, dentre outras.

As fontes são importantes suportes dessa abordagem de pesquisa e a historiografia renovada junta aos tradicionais documentos escritos e oficiais outros igualmente reconhecidos por sua importância. Afinal, como afirma Certeau (1982, p. 79): “De resíduos, de papéis, de legumes, até das geleiras e das neves eternas o historiador faz outra coisa: faz deles história.” Assim, os relatos orais, os depoimentos de memória, as imagens, os periódicos, os objetos como cadernos e diários etc. têm sido amplamente utilizados nas pesquisas historiográficas, na atualidade. Muitas dessas fontes estão presentes nos estudos dessa obra e receberam tratamentos criteriosos.

De acordo com a estruturação a que foi submetida, a obra está dividida em dez partes, compreendendo o prefácio e nove capítulos subsequentes que analisam as vidas de mulheres paraibanas ou que na Paraíba atuaram no século XX e contribuíram direta ou indiretamente, com o campo da educação.

No prefácio, Anamaria Bueno Gonçalves de Freitas, além de apresentar a obra, situa no contexto histórico do final do século XIX e no século XX a luta feminina não apenas por acesso à escolarização e à cidadania, mas

também por um maior protagonismo social, destacando a importância do registro histórico da atuação de mulheres que, mobilizando-se de diversas formas, atuaram em diferentes esferas da sociedade, empreendendo uma militância que repercutiu de forma positiva para o coletivo feminino do Brasil.

A prefaciadora provoca os leitores com o questionamento: “Para que(m) contar a história das mulheres professoras/literatas paraibanas?” ao mesmo tempo que discorre sobre a tentativa de silenciamento da memória feminina percebida ao longo da história, compondo as mulheres um grupo que historicamente não foi valorizado e investigado e que ainda continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão. Sobre o exposto, já afirmava Le Goff (2012, p.408): “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”.

No primeiro capítulo, *A mulher e a educação: pelos fios da memória*, Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes e Cristiane Sousa de Menezes, além de apresentarem a obra e as questões teórico-metodológicas dos estudos nela contidos, trazem um panorama do contexto nacional e paraibano no século XX, pontuando aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e educacionais e as intenções das pesquisas que se voltam para a mulher enquanto sujeito da história. Na sequência, empreendem uma exposição fundamentada em seu objetivo central: “discutir a interface entre mulher e educação na Paraíba do século XX, através das práticas, leituras e representações, bem como o desejo de explicitar as relações de gênero aí presentes.” (MACHADO; MENEZES; NUNES, 2009, p.15)

Os demais capítulos contidos na obra, oito a saber, trazem, cada um, na sequência já apresentada, a história de vida de uma mulher paraibana ou que não sendo natural desse estado, teve atuação destacada em seu espaço-tempo.

No capítulo *Tecendo memórias educacionais paraibanas*: Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886-1977), Viviane Freitas da Silva e demais autores apresentam o estudo biográfico dessa professora e literata paraibana, compreendendo o recorte temporal de 1886 a 1977. Justificam a escola do sujeito/objeto do estudo e destacam as contribuições educacionais da biografada, revelando que, além de professora de Geografia e Língua Portuguesa, Olivina Olívia, dentre tantas outras atuações, publicou vários artigos em jornais e revistas da época e ainda se destacou como poetisa, tendo escrito três livros: *Pérolas Esparsas*, *Migalhas de Inspiração* e *Barão do Abiahy*, este último dedicado à memória do seu pai.

O capítulo *Histórias da professora Analice Caldas (1891-1945)*, da autoria de Favianni da Silva, traça um panorama biográfico da professora em destaque. Como justificativa de sua escolha, o autor argumenta que, além de transformar-se numa grande educadora paraibana, Analice Caldas atuou ainda como escritora e jornalista autodidata. Nascida na antiga vila de Alagoa Nova, no ano de 1881, essa personagem recebeu expressivo reconhecimento no cenário intelectual de seu tempo e atualmente dá nome a uma escola municipal de João Pessoa-PB, assim como à Biblioteca Municipal de Alagoa Nova-PB.

No capítulo *As contribuições de Argentina Pereira Gomes no cenário educacional paraibano*, Márcia Cristiane Ferreira Mendes e demais autores revelam par-

particularidades da vida dessa mulher que se dedicou ao magistério por quatro décadas em terras paraibanas. Argentina não é paraibana, mas oriunda do vizinho estado de Pernambuco e ainda criança migrou com a família para a capital paraibana, então denominada Parahyba do Norte. Concluiu seus estudos na Escola Normal no ano de 1916, passando a atuar inicialmente como professora primária e aos poucos ascendendo na carreira profissional, notabilizando-se, sobretudo, pelo exercício da docência na cadeira de Língua Portuguesa.

No capítulo *Julita Ribeiro: reflexões sobre as lições das coisas (1921-1922)*, as autoras Erinalva Lopes dos Santos e Maria Lúcia da Silva Nunes tomam por principal fonte de pesquisa o jornal *O Educador*, que circulou na Paraíba entre os anos de 1921 e 1922. O estudo descortina as especificidades da atuação da educadora no ensino primário, assim como suas ideias pedagógicas, a partir da análise dos artigos escritos por ela e publicados nesse periódico de sua época.

Em *Madre Odila Araújo Pereira: memórias de uma dama da instrução cristã na Campina Grande dos anos 1930*, o autor Ramsés Nunes e Silva, a partir da análise da história de vida da educadora oriunda de Pernambuco, ultrapassa a cultura historiográfica que agrega estudos voltados para o âmbito da atuação intelectual das freiras e volta-se para as particularidades do papel exercido por educadoras religiosas, considerando as especificidades de suas identidades e de suas práticas. Pertencendo à congregação Damas da Instrução Cristã, a religiosa educadora teve atuação marcante na educação paraibana, com destacada preocupação com as práticas de modernização da educação, no contexto do seu espaço-tempo.

No capítulo *A educadora Irmã Margarida Maria Marcelo e o seu legado educacional no Colégio Nossa Senhora das Neves*”, o estudo empreendido por Tatiana de Medeiros Santos e demais autores analisa as concepções e práticas educativas dessa religiosa educadora, oriunda do estado de Pernambuco. Irmã Margarida atuou por muitos anos como educadora e diretora do emblemático Colégio Nossa Senhora das Neves, localizado na capital paraibana. Uma das particularidades do estudo apresentado é que tem como principal fonte de pesquisa as narrativas de memória da própria educadora biografada, obtidas a partir de entrevistas orais.

Em *Zila da Costa Mamede (1928-1985): educação e literatura*, os autores Charliton José dos Santos Machado e José Luiz Sanfelice se debruçam sobre a história de vida dessa escritora paraibana que alcançou reconhecimento nacional. Zila Mamede, como é mais conhecida, nasceu em Nova Palmeira, localidade do Seridó Paraibano e ainda criança migrou com sua família para o estado vizinho do Rio Grande do Norte, fixando-se na capital potiguar, onde obteve notoriedade por seus escritos e por sua atuação como bibliotecária, residindo aí a sua interface com a educação. A escritora publicou quatro livros: *Arado (1975)*, *Exercício da palavra (1978)*, *Corpo a Corpo e Navegos – Poesia reunida (1978)* e *A herança (1984)*. Zila Mamede contribuiu com a organização de várias bibliotecas e dirigiu por muitos anos a biblioteca central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que em reconhecimento à sua contribuição, recebeu o seu nome.

No último capítulo da obra, intitulado *Teresa Aquino e a luta pela educação de idosos na Paraíba*, Da-

niella de Souza Barbosa Suassuna e Charliton José dos Santos Machado discorrem sobre a trajetória de vida dessa educadora paraibana que venceu preconceitos próprios ao seu espaço-tempo para cursar Agronomia e atuar nessa área predominantemente masculina, destacando-se também na docência e sobretudo, já após a aposentadoria no ensino superior, na luta pelos direitos dos idosos na Paraíba. Foi a idealizadora do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade (NIETI), órgão suplementar da UFPB, criado em 1994 e responsável por promover e representar a causa dos idosos paraibanos.

A crítica possível de ser suscitada à obra, caso se justificasse, seria a não existência, nas biografias apresentadas, das análises das estruturas sociais e culturais mais amplas e relacionadas ao contexto histórico em que cada mulher estava inserida. Contudo, em todos os capítulos da obra é possível constatar a técnica científica que culminou em estudos significativos, capazes de revelar nuances dessas estruturas, resultando em revelações importantes.

Por todo o exposto, recomenda-se a leitura dessa obra, que possibilitará ao leitor o acesso a uma produção científica qualificada e a ampliação de seus conhecimentos no campo da pesquisa histórica em educação.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Para que(m) contar a história de mulheres professoras/literatas paraibanas? Prefácio da primeira edição. In:

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. (Orgs.) *Educação e educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009. P. 7-14.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (organizadores). *Educação e educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.) *Vida de professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manoel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992.

17 DO SILÊNCIO À VOZ: PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap17>

THAIS JUSSARA DE OLIVEIRA GUEDES

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba; psicopedagoga pela UNIFIP Centro Universitário e pedagoga pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Ponta Porã – FECLEPP. Atualmente atua na Secretaria de Educação (SEDEC) no município de João Pessoa/PB, e como orientadora escolar na Rede Municipal de Educação do mesmo município.
thais_jussara@hotmail.com

Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória é um livro para ser lido sem pressa. De estrutura simples, e aparentemente despreziosa, traz uma capa elegante que chama a atenção pelo tom envelhecido e pelas fotografias em preto e branco. Seu conteúdo é composto por uma coletânea de textos originários a partir das discussões estabelecidas na disciplina Tópicos em História da Educação: história oral e memória, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, e no Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação – HISTEDBR, que resultaram na produção de relevantes trabalhos.

Adentrando ao campo teórico-metodológico da história oral por meio do registro de múltiplas vozes, os textos apresentam instigantes temáticas interdisciplinares que transitam entre a educação profissional feminina, práticas escolares, histórias de vida, história de instituições escolares, luta pela emancipação feminina, formação de professores, memórias do claustro e usos da história oral, dentre outros. Em sua maioria, o trabalho textual se reporta ao discurso de pessoas comuns, trazendo como marca formal assente entrevistas transcritas – a história oral – e transformadas em textos (auto) biográficos, confessionais, reflexivos, de base epistemológica e de memórias, em muito longínquos do enrijecimento e sisudez frequentes nas escritas voltadas para o público acadêmico.

O texto *Contar a vida: memória e empoderamento*, de José Vaz de Magalhães Neto, é um prefácio e uma apresentação do que está por vir nos textos e nos dá o tom da obra:

Uma ética do bem dizer se instaura a cada reconstrução mnêmica, trazendo para a berlinda os diferentes embates discursivos que tentam dar conta do percurso social dos indivíduos atado ao contexto sócio-histórico específico da factualidade empírica das suas memórias e suas consequências no presente (NETO, 2008, p.10).

Com as marcas do individual – idade, local de nascimento, cor da pele, religião, vivências familiares, experiências profissionais – e suas singularidades esculpidas nas entrelinhas dos textos, as memórias e discursos registrados dialogam com o passado a partir de uma concepção de presente, intermediando as representações culturais e conduzindo o leitor a percorrer caminhos astuciosamente envolventes, que nos conduzem à compreensão da história das coletividades e das transformações da realidade social. Versando sobre a história como um processo construído pelos próprios homens e mulheres, de maneira compartilhada, multifacetada, ambígua e contraditória, o sujeito histórico é pensado como um indivíduo complexo que se constrói histórica e socialmente, num processo em que as dimensões pessoal e cultural, são e estão, intrinsecamente concatenadas.

A partir do segundo texto, o livro reúne quinze artigos que podem ser classificados em quatro categorias: Histórias de Vida e Representações, Memórias, Experiências Pedagógicas e Epistemologia da História Oral. Os textos permitem não apenas uma expansão do conhe-

cimento acerca do método da história oral na pesquisa histórica, mas também um profícuo debate a respeito de acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, momentos, sendo estes à luz de declarações de pessoas que deles coparticiparam.

Na categoria Histórias de Vida e Representações encontra-se o texto *História de Vida do Vaqueiro Aboiador, Leonel*, de Maria Laura de A. Maurício, que retrata as vivências de um vaqueiro cantador de aboio, prática da cultura popular e tradição nordestina para chamar o gado, atualmente em declínio pelas profundas mudanças sociais e modernização do espaço rural. *A luta pela emancipação feminina: autobiografia de uma mulher cega*, escrito por Adenize Queiroz de Farias, narra as adversidades enfrentadas por uma mulher, pobre e cega, o que significa triplamente vulnerável, e as estratégias efetuadas por ela “[...] ao longo do processo de construção da própria identidade na perspectiva da ocupação de seu lugar social” (FARIAS, 2008, p. 186).

Abordando as histórias de vida enquanto ferramentas investigativas para compreender fatos e eventos a partir das representações, o texto *Trabalhando feito homem: histórias de vida e representações*, o caso das mulheres do Estreito – Campina Grande-PB nos traz a realidade das mulheres desta comunidade, que provêm a casa por meio do trabalho na agricultura devido à ausência dos maridos. Neste artigo, Jussara Natália Moreira Bélens utiliza a história oral como instrumento metodológico, ao dialogar diretamente com as mulheres e possibilitar que suas experiências sejam publicizadas sem a mediação de pessoas ou instituições permeadas por uma cultura de práticas e discursos androcêntricos.

Trabalhando contextos diversificados, estes três textos ressignificam vivências singulares e atribuem valor às histórias de vida e aos sujeitos, sem modelá-los como heróis ou vítimas, mas tratando-os como pessoas dignas de respeito. Parafraseando Almeida (2007, p. 13), sublinhamos a importância do registro da história de cidades interioranas, cidades do sertão, pois com isso, as riquezas socioculturais produzidas pelas pequenas localidades “[...] não deixam de ser compartilhadas, apesar da escassez e falta de acessibilidade à diversidade da cultura científica”.

Ao adentrarmos a categoria da Memória encontramos seis artigos, dos quais quatro rememoram experiências vividas em instituições escolares trazendo, ora o depoimento de professores/professoras, ora o discurso de alunos/alunas: *A escola primária de São Gonçalo (Sousa-PB) na década de 1950: contribuições da história oral*, *Rompendo o silêncio: em busca da memória de professoras de um grupo escolar da Paraíba*, *Nem tanto vigiar, nem tanto punir: vozes internas do Colégio das Damas de Nazaré da Mata -PE (1934-1980)* e *Entre a ordem e a disciplina: práticas e representações disciplinares no cotidiano escolar de ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)*. Estes textos traduzem a dinâmica do trabalho docente e da organização escolar do período pesquisado. Faz-se mister citar que, diante da precariedade da manutenção dos acervos documentais da maioria dos arquivos escolares, inclusive dos mantidos pelos poderes públicos e pelas instituições educativas, a História Oral torna-se ferramenta de significativa importância no desenvolvimento de ações e pesquisas para preservar a memória ainda existente.

Ainda falando sobre a temática da memória tem-se *Memórias do Claustro*: o pensar e o sentir das freiras paraibanas através dos cadernos de receitas, que analisa os manuscritos de cozinha (cadernos de receitas) das freiras paraibanas no século XX, desvelando as memórias de diversas ordens religiosas indicando fragmentos da tradição e cultura de uma época. Já *A educação profissional feminina e as memórias de um ex-tecelã da Companhia de Tecidos Rio Tinto-PB* retrata a formação profissional operária promovida por meio do SENAI-SESI que funcionava na fábrica, como também as relações de poder e os interesses dos industriais, trazendo as conjunturas específicas de um determinado contexto histórico. A utilização da história oral temática contribuiu, principalmente, para compreender a inserção da mulher no processo fabril e as relações de trabalho num ambiente dominado pela cultura eminentemente masculina, visto que “[...] o indivíduo é sempre membro de um grupo cultural ou comunidade, e seu comportamento é uma resposta a estímulos sociais definidos” (DOLLARD, apud KOSMINSKY, 1986, p. 33). Foi possibilitado, ainda, acessar as diferentes disposições de importância ou de percepção acerca do ingresso das mulheres no contingente operacional da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), sendo captadas mais detalhadamente do que se tivessem sido utilizados apenas documentos formais. Além da entrevista com a ex-tecelã da CTRT, o texto dispõe de fotografias que traduzem os lugares, os valores, as representações e os costumes da sociedade e época analisadas.

Trabalhando com depoimentos na categoria voltada para a compreensão de experiências pedagógicas apresentam-se os artigos *Tecendo saberes*: a história

oral temática na formação, *A história dentro da história: evidências orais de Mirian Lucia Trindade sobre a atuação do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade nos anos 1990...*, *História Oral: contribuições para a construção de ambientes virtuais na perspectiva da pedagogia multicultural* e *A contribuição da História Oral para a compreensão da formação dos professores de geografia na atualidade*. Estes artigos possibilitam aos leitores a percepção do contexto educacional atrelado ao momento social e histórico retratados, captando os significados construídos pelos entrevistados acerca das experiências pedagógicas das quais fizeram parte. Revelam-se as diferentes realidades escolares históricas nas quais os depoentes se achavam inseridos, intentando vivências e interpretar os acontecimentos passados dos quais foi testemunha ou partícipe.

Diferentes perspectivas da História Oral e de sua aplicação são apresentadas na categoria Epistemologia da História Oral, onde o texto *História Oral: contribuições para a construção de ambientes virtuais na perspectiva da pedagogia multicultural*, de Mabel Ribeiro Petrucci, discorre sobre os usos da história oral para a construção de uma história cultural regional através dos ambientes virtuais. Refletindo inicialmente sobre os contributos da memória e da história oral para a historiografia, a autora desloca o enfoque concedido às fontes escritas para a memória e a fonte oral, vislumbrando-as como meio de compreender os sentidos e significados subjetivos das experiências vividas. Assim, aproxima as narrativas orais ao campo dos estudos culturais e da comunicação, percebendo ambos como transdisciplinares, uma vez que atualmente há necessidade de se pensar o

sujeito e a sociedade relacionando-os às expressões da cultura e às suas possibilidades comunicativas.

O artigo *Pesquisa em música: possibilidades do uso da história oral*, que tem autoria de Vania Cláudia Camacho, discute o uso e a validade da metodologia da História Oral em teses, dissertações e publicações nas instituições de ensino que possuem Pós-graduação em Música no Brasil.

O texto *A História Oral e a questão da individualidade* está voltado para reflexões de natureza teórica e metodológica, destaca a compreensão da “vocação totalizante da história oral”, face à “fragmentação e dissipação de significados”, o apagamento do sujeito e o “privilegio da superfície”, tendência da sociedade moderna (ALBERTI, 2004). Em sua narrativa, Cristiano Ferronato aborda o caráter social da memória, o modo de pensar hermenêutico e a ideia de indivíduo-sujeito como valor para a constituição da identidade. Reforça, assim, as noções de “memórias em disputa” e de que há “um trabalho de enquadramento da memória” (ALBERTI, 2004).

Finalmente, *Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória* não desaponta o leitor, visto que o tema e a abordagem dos autores dão forma a textos dotados de fluência, o que torna sua leitura agradável e prazerosa. Pode-se afirmar que todos os textos servem tanto para a leitura de iniciantes, como para especialistas. Entretanto, são textos que presumem certo conhecimento introdutório do tema por parte dos leitores, mesmo que não padeçam de erudição aprofundada.

O livro indica as potencialidades da história oral como um campo favorável “para o estudo da subjetividade e das representações”, além de instrumento e recurso

“a uma pluralidade de memórias e perspectivas do passado” (ALBERTI, 2005). Propõe olhares ousados sobre situações, sujeitos e espaços da vida cotidiana, favorecendo a ampliação de diálogos acerca da história oral sem, contudo, descuidar das questões primordiais que a circundam.

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Memórias da Rural: narrativas da experiência de uma Escola Normal Rural pública (1950 – 1960)*. 2007 Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2007.

FARIAS, Adenize Queiróz de. A luta pela emancipação feminina: autobiografia de uma mulher cega. In: *Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p.181-194.

KOSMINSKY, E. Pesquisas Qualitativas: a utilização da **técnica de** histórias de vida e de depoimentos pessoais em Sociologia. *Ciência e Cultura* 38(1):30-36. 1986.

MACHADO, Charliton José dos Santos *et al* (Org.). *Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

NETO, José Vaz de Magalhães. Contar a vida: memória e empoderamento, *In*: MACHADO, Charliton José dos Santos *et al* (Org.). *Do silêncio à voz: pesquisas em história oral e memória*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p.9-13.

18 GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: DESAFIOS HISTÓRICOS E SABERES INTERDISCIPLINARES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap18>

VANUSA NASCIMENTO SABINO NEVES

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação e mestra em Gestão de Organizações Aprendentes, ambos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada e Graduada em Enfermagem (UFPB) e Graduada em Direito (UNIPE). Especialista em Enfermagem Pediátrica pela Universidade Federal de Pernambuco; em Linhas de Cuidados em Enfermagem Saúde Materno, Neonatal e do Lactente pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais. Enfermeira no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW/UFPB).
pbvanusa@gmail.com

A obra resenhada congrega 16 textos apresentados nas conferências e mesas redondas do I seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais. Tal evento, planejado e conduzido pelos grupos de pesquisas Flor e Flor – Estudos de Gênero, vinculado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDRBR/GT), ligado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aconteceu em João Pessoa, Paraíba, nos dias 4 a 6 de setembro de 2007. Nele, cerca de 800 participantes de vários estados brasileiros, refletiram sobre o tema central “desafios históricos e saberes interdisciplinares”, explanado em 280 comunicações orais, ordenadas em 14 eixos temáticos.

No texto preambular, os organizadores Charliton José dos Santos Machado, Idalina Maria Freitas Santiago e Maria Lúcia da Silva Nunes apresentam o livro e detalham o objetivo do Seminário em comento. Ademais, enfatizam as nuances que perpassam as questões de gênero no Brasil, as quais demandam reflexões interdisciplinares consubstanciadas na diversidade de pontos de vista, práticas e saberes.

A redação concernente à conferência inaugural: *Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças* (p. 21-34), de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, problematiza o “ser macho” a partir da estrutura física e do perfil comportamental concebido social e culturalmente para os ho-

mens, que acirra a dicotomia masculino/feminino. Nesse quesito, salienta que o padrão de homem “ideal” é concebido como viril, rude, violento, destituído de sentimentos ternos e sem fraquezas aparentes; mas isso é deletério; porque, dentre outras perdas subjetivas e para outrem, reverbera em violência, inclusive contra a mulher. No final, propõe que as diferenças anatômicas, fisiológicas e de construção social entre machos e fêmeas sejam substituídas pelo ser humanos melhores.

Representa-se o tema Gênero e formação docente por duas escritas. A primeira, *Magistério do gênero: impactos da vida de discentes e docentes*, de Adla Betsaida M. Teixeira (p. 35-48), analisa o problema da desigualdade histórica entre homens e mulheres sob a ótica da micropolítica escolar, – das disputas de poder pelos grupos integrantes da escola –, que desqualifica o magistério por associá-lo ao que é feminino. Na escola, as questões de gênero expressadas no conservadorismo também afetam os alunos em razão de notabilizar as diferenças e impor sanções para quem diverge do heteronormativo. Como desafio, aponta a necessidade de ruptura com o discurso pseudocientífico de validação de identidades exclusivas para o masculino e para o feminino. A segunda publicação desta mesa, *Se a escola não desse uma ajuda...: homo/transfobia na escola pública*, de Fernando César de Andrade (p. 49-64), com base num caso paradigmático de homofobia em uma escola pública, analisa os aspectos velados e expressos dessas ofensas procedentes de todas as direções, igualmente dos professores. Logo, postula uma escola inclusiva, com currículos transversais, autocrítica dos seus preconceitos e valorativa de todos.

Em Gênero, raça e etnia estão agrupadas quatro produções. O texto *A cor da desigualdade nos processos seletivos das universidades públicas ainda atravessa o atlântico negro?*, de Mirian de Albuquerque Aquino (p. 65-77), reflexiona sobre a desigualdade na distribuição do conhecimento na esfera social e denuncia que a educação brasileira é excludente, inobstante seu discurso de igualdade social e racial. Alerta que o racismo, raiz de tantos males, perpetua-se na contemporaneidade. Bem pior, nas universidades, a não inclusão racial é mais cruel, pela existência de dois grupos: a equipe da excelência acadêmica e a do baixo desempenho formado pelos negros, pobres e outros vulneráveis. Os integrantes da primeira são selecionados para ocuparem a dianteira das oportunidades formativas e da inserção profissional, todavia os componentes da segunda são alijados dessas oportunidades. A publicação *A conquista da liberdade: alforrias de mulheres escravizadas na cidade da Paraíba, século XIX*, de Solange Pereira da Rocha (p. 79- 86), revisita a historiografia de mulheres escravizadas na Paraíba oitocentista, cujo legado consubstancia-se em conflitos e resistência pela reconquista da humanidade que lhes foi cruelmente usurpada. A transcrição *Educação e etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de história*, de Waldeci Ferreira Chagas (p. 79-97), a partir das experiências formativas na disciplina de História, referencia a escola como o local onde a etnicidade deve ser respeitada; porém, apesar da obrigatoriedade da “Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” (p. 89), verifica-se que essa prática ainda está vulnerável e, de certa forma, desconhecida pelos docentes. Assim, solicita uma escola

que situe os negros no devido lugar de protagonistas da História. O escrito *A responsabilidade de universidade com a diversidade: cotas para afro-brasileiros na UFPB*, de Wilson Honorato Aragão (p. 99-108), discute a implementação das cotas raciais na UFPB e as imputações de contradições no discurso de igualdade, sob alegação de que as cotas desconsideram o mérito dos alunos mais qualificados para o acesso à universidade. Para refutar as alegações contrárias às cotas, o texto em discussão argumenta acerca dos baixos índices de acesso dos negros ao ensino superior e a desigualdade histórica que os acomete. Nessa ótica, incentiva a formação docente e práticas educativas antirracistas, por serem favoráveis à democratização social

O tema Gênero, educação e literatura agrega dois textos. No título *Gênero, educação e literatura*, de Maria Arisnete Câmara de Moraes (p. 111-118), fundamentado nos escritos de Isabel Gondim e Ana Ribeiro de Góes Bettencourt, consta um apanhado histórico acerca das relações de gênero e do papel da mulher ao longo dos séculos XIX e XX na educação brasileira, onde a “boa” educação necessariamente contemplava a devoção ao marido, aos filhos e aos princípios cristãos. Já o texto *Samarica Parreira – uma mulher no sertão de Luiz Gonzaga*, de Maria Claurênia Abreu de A. Silveira, (p. 119-129) arrazoza sobre o poder e o saber da parteira Samarica e acerca da performance verbal de Luiz Gonzaga, que enaltece a cultura e a religiosidade do povo nordestino. Além disso, o fato de “nascer menino” é festejado devido a garantia da sucessão paterna.

Em Gênero, sexualidade e cultura: uma agenda contemporânea três artigos se agrupam. O primeiro,

Perfis das personagens mulheres da literatura brasileira de autoria feminina: dependência, vingança, solidão, de Antônio de Pádua Dias da Silva (p. 133-153), analisa o perfil psíquico feminino a partir da representação de mulheres na literatura de Ivana Arruda Leite, onde a ficção se aproxima da realidade particular e coletiva, com destaque para a necessidade de combater a ordem patriarcal de domínio dos homens sobre as mulheres. Já o artigo *Sexualidade e educação: itinerários de pesquisa*, de Luiz Pereira de Lima Júnior (p. 153-168), reflete sexualidade e educação segundo conagraçamento de Michael Foucault, onde sexualidade é um dispositivo de poder regulado por diversas práticas propositais de cunho social, educativo, religioso e do Estado, que se refletem na maneira de pensar e de agir das pessoas. Por último, nessa seção, o artigo *Relações de gênero na perspectiva dos/as professores/as do ensino fundamental*, em coautoria de Ellis Regina Ferreira dos Santos e Idalina Maria Freitas Lima Santiago (p. 169-183), é fruto de uma pesquisa descritiva analítica com professores de escolas da rede pública e particular. Nele, as questões de gênero são retratadas na dinâmica socioeducacional escolar e analisadas sob o enfoque curricular dos temas transversais. Dentre as inferências, o evidente despreparo dos docentes para a prática educativa na diversidade de gênero reclama capacitação para os docentes e currículos inclusivos.

Na obra, a matéria Gênero, educação e história organizou-se em três publicações. *Ama-se apenas por engano: amor e sedução no início do século XX*, de Jomar Ricardo da Silva (p. 187-194), com base em Cassi Jones, personagem sedutor do romance Clara dos Anjos escri-

to por Lima Barreto, procura compreender a sedução de homens sobre as mulheres que, em certos casos, é a causa raiz de fenômenos sociais como suicídio, assassinatos e prostituição. O artigo *Mestras do sertão: a carreira docente de mulheres formadas pela Escola Normal de Feira de Santana entre 1930 e 1949*, de Antônio Roberto Seixas da Cruz (p. 195-217), reconstrói a docência das professoras normalistas, adjetivadas pelo cumprimento virtuoso das funções impostas pela sociedade como compatíveis com a natureza feminina, maternal e educativa. A redação *Deficiência e maternidade: uma análise feminista na APAE-CG*, de Lígia Pereira dos Santos (p. 219-227), discute a invisibilidade do trabalho das mães dos portadores de necessidades especiais, cuja maternidade é solitária e extenuante. Na concepção de gênero, não são valorizadas, apesar de assumirem cumulativamente as funções domésticas e do cuidado continuado com o filho com necessidades especiais.

A conferência de encerramento, *Gênero, educação e ciência*, por Maria Eulina Pessoa de Carvalho (p. 230- 248), problematiza gênero, educação e ciência. Na transcrição, salienta-se a ínfima participação da mulher na produção cultural e científica nacional e internacional, conforme verificada, por exemplo, nas premiações científicas majoritariamente para homens, que relegam historicamente a mulher à subalternidade. Para superar essas distorções, é indispensável criticidade científica e educacional, já que a produção do conhecimento é dialógica e a formação dos cientistas é tarefa das escolas e das universidades.

As reflexões interdisciplinares contidas na obra são atuais e relevantes para a compreensão e formula-

ção de estratégias de tratamento da problemática ainda persistente, de menosprezo à diversidade.

Os titulares dos textos integrantes da obra, com riqueza de informações, objetividade e linguagem compreensível argumentam as questões de gênero em confluência com a educação ao longo dos mais diferentes cenários brasileiros. Ainda mais, ao denunciar as vulnerabilidades que ainda permeiam a docência escolar e universitária e por respeito aos direitos e à dignidade da pessoa humana, pugnam por mudança de atitude, que se contraponham às práticas patriarcais, sexistas e racistas nos diversos espaços sociais.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010, 256 p.

19 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: PRÁTICAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES II

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap19>

ENOQUE BERNARDO SANTOS

Doutor e mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba; licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba e em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professor da Rede Municipal de Ensino de Itabaiana e supervisor escolar na Rede Municipal de Ensino de Juripiranga/PB. Pesquisa sobre memória e prática docente.
enoquebs@hotmail.com

ADRIANA OLIVEIRA URBAN

Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; graduada em Pedagogia pela Universidade Aberta Vida e em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora Acadêmica.
oliveiraurban@gmail.com.

A docente é, antes de tudo, uma forte! Esta seria a afirmação de Euclides da Cunha tivesse ele relatado, em vez de a Guerra de Canudos (CUNHA, 1990), as biografias das mulheres que exerceram a profissão docente na Paraíba do Século XX. Mulheres que construíram suas vidas ensinando a ler, escrever e sobreviver nos mais diversos contextos, com diferentes olhares, trazendo contribuições várias à história da educação na Paraíba.

Em 2009, Maria Lúcia da Silva Nunes e Charliton José dos Santos Machado organizaram o primeiro volume, que semelhantemente ao segundo, sobre o qual nos debruçamos, reuniu alunos e colegas pesquisadores ligados ao HISTEDBR, e que também versa sobre trajetórias de educadoras na Paraíba.

Discorrer sobre a relevância da obra parece uma redundância, tendo em vista que já é um tema de pesquisa consagrado e reconhecido pela sua importância, mas vale citar os autores que na apresentação da obra afirmam: “Continuar contando a história da educação na Paraíba através das histórias das educadoras é insistir no rompimento de um silêncio histórico que perdurou tempo demais” (MACHADO; NUNES, 2011).

Há mais de dez anos desde sua publicação, o segundo volume de *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações* traz oito artigos que abordam as trajetórias docentes de mulheres, a partir das lentes da História Cultural, trabalhando

variadas fontes de pesquisa tais como cadernos de aula, fotografias e depoimentos, e, por isso mesmo, traz também procedimentos metodológicos indo da história oral às fontes iconográficas. A variedade de fontes enriquece a obra, tornando mais interessantes as narrativas dos caminhos percorridos pelas educadoras, pois recebem detalhes, informações muito específicas de quem compartilhou com as mestras seu viver do magistério, tornando as biografadas muito próximas, dignas de elogios e discordâncias.

O primeiro artigo é sobre a educadora paraibana Maria Tércia Bonavides Lins, escrito por Viviane Freitas da Silva, Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Charliton José dos Santos Machado, sob o título *História da Educação na Paraíba: o legado da educadora Maria Tércia Bonavides Lins (1903-1982)*, que trata sua biografia com ênfase nas contribuições para a educação paraibana, identificadas especialmente na educação escolar e na formação intelectual de gerações contemporâneas a ela.

Maria Bronzeado Machado (1916-1986): o magistério como predestinação, de autoria de Adriana Marcineiro Vilar, Viviana Soares e Maria Lúcia da Silva Nunes, segundo artigo apresentado, aborda a concepção de magistério da professora estudada a partir de suas produções literárias, fazendo um paralelo entre o magistério como sacerdócio e predestinação de um lado e a docência como ocupação profissional numa perspectiva mais objetiva.

O terceiro artigo, *Alguém sabe quem foi Joana Carvalho Moreira?* de Amurielle Andrade de Sousa e Charliton José dos Santos Machado, enfoca a trajetória biográfica da referida professora na cidade paraibana de Alagoa Grande. A influência de Joana Carvalho Moreira

é atestada na dedicação à educação escolar de várias gerações alagoa-grandenses.

Débia Suênia da Silva Sousa, em seu exercício de escrita, escreve o quarto artigo que tem como título *Carmelita Gonçalves: religiosidade e educação em Cajazeiras* – PB. No texto, a autora relembra a vida docente imbricada à religiosa da professora Carmelita, que exerceu o magistério no Colégio Nossa Senhora do Carmo, de confissão católico romana, portanto, um grande exemplo para entendermos a atuação de tantas outras docentes, que fizeram de sua atuação profissional um exercício e uma prática em favor da catequese católica.

No quinto artigo, Tatiana de Medeiros Santos escreve um instigante texto, intitulado: *O preparo da mestra: percorrendo os caminhos da educadora Maria Eulália Cantalice Cavalcanti na cidade de Guarabira* – PB. A professora biografada ensinou, conforme declarou à autora desse artigo, em todas as escolas de Guarabira, sendo proprietária por trinta e cinco anos da Escola Santa Tereziinha, contribuindo para a formação escolar de um número expressivo de estudantes naquele município paraibano.

As autoras do sexto capítulo são Maria do Socorro Nóbrega Queiroga e Fabiana Sena. Elas escrevem sobre *Infância e disciplinamento: as lições da educadora Dona Nenê em Pombal* – PB. A trajetória de Dona Nenê, que dirigiu sua própria escola de 1957 a 1987, é contada abordando de forma mais aproximada o processo de disciplinamento da infância, e da rigidez das normas escolares no século XX.

No sétimo artigo, intitulado *Josefa Heleno da Silva: tecendo relações entre história oral e gênero na vida de uma professora*, as autoras Kiara Tatianny S. da Costa, Kedna Karla F. da Silva e Simone Vieira Batista utilizam a

metodologia da história oral para registrar e buscar compreensão das práticas e representações de Josefa Heleno na cidade paraibana de Juazeirinho, contribuindo para a construção da história da educação daquele município, e mostram que a partir da história oral é possível escrever e interpretar a história da educação.

Fechando o livro, temos o último artigo *Maria José Mamede Galvão*: as contribuições educativas de uma paraibana no Rio Grande do Norte – RN, em que os autores Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes, Fabiana Sena e Maria do Socorro Nóbrega Queiroga trazem o método biográfico, e através da história oral registram a trajetória da citada professora paraibana radicada no Rio Grande do Norte, sendo muito atuante na cidade de Currais Novos, vivendo a docência como profissão de influência não somente escolar, mas também intelectual.

Findando a leitura desta obra, é possível afirmar que cada artigo é uma aula de história da educação, uma lição de vida dada pelo legado dessas educadoras. A obra ainda mostra que a história da educação paraibana é formada a partir de múltiplas experiências, e que a escrita é uma forma de leitura do passado.

Referências

CUNHA, Euclides da. *Canudos*: diário de uma expedição (1897), Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.) *Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX*: práticas, leituras e representações. II. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

20 OLHARES: GÊNERO, SEXUALIDADE E CULTURA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap20>

JOSECLEA DA SILVA NASCIMENTO PORFÍRIO

Mestranda em Antropologia e graduanda em Pedagogia Educação do Campo na Universidade Federal da Paraíba. Licenciada em Ciências Sociais pela instituição citada.
josysilvajsn@hotmail.com



livro resenhado trata-se de uma coletânea de artigos que visam contribuir com novos olhares sobre sexualidade e relações de gênero, apontando de que forma essas questões se interligam aos campos culturais. Composto por 12 capítulos, resultado de pesquisas de vários professores/pesquisadores brasileiros dispostos a socializar suas reflexões e experiências acerca das questões de gênero que ultrapassam o espaço das universidades e se desenvolvem em outros campos.

Iniciando a coletânea, o Capítulo I: *Disciplina e controle do sexo no ciberespaço*: mapeando a sexualidade nos artefatos que abordam a orientação sexual, o autor Luíz Pereira de Lima Júnior analisa como a sexualidade materializa-se nos diversos artefatos (sites, chats, lista de discussões etc.) que abordam questões relacionadas a sexo e orientação sexual. Parte da análise dos discursos sobre sexo e sexualidade, enfatizando os estudos sobre o controle do sexo para em seguida apontar os artefatos que abordam essa temática no Brasil. Com isso, evidencia a internet como um espaço de debate e construção de poder-saber sobre sexo/sexualidade.

No capítulo II: *Homens querem casa e mulheres querem filhos?* Relacionando pesquisas sobre gênero, masculinidades e reprodução, o autor Pedro Francisco Guedes do Nascimento busca relacionar as questões sobre masculinidade, gênero, feminismo e reprodução discutidas em suas pesquisas e experiências etnográficas.

ficas. Primeiramente, relata sobre sua trajetória como pesquisador e sua inserção nesse campo investigativo, apresentando alguns aspectos dos trabalhos produzidos acerca dos modelos de masculinidade desenvolvidos no mestrado em Antropologia Cultural pela UFPE e no Terceiro Programa de Treinamento em Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos (Fundação Carlos Chagas); e sobre tecnologias reprodutivas, tema da tese de Doutorado em Antropologia Social na UFRGS. Finalizando o capítulo, o autor apresenta um debate sobre paternidade em grupos populares e relaciona as discussões sobre gerar filhos e ser o provedor da casa a um perfil de masculinidade.

O capítulo III intitulado: *Tem viado no gramado dos campos de futebol!?* Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas, autoria de Adriano de Léon, trata-se de uma experiência metodológica na investigação e análise do fenômeno da formação da identidade sexual no futebol. Nessa perspectiva, dialoga com a metodologia que abrange dois estágios: 1º, a apreensão do fenômeno através de técnicas que visam a criação de um *campus* de pesquisa; 2º, análise desse *campus*, a partir de um referencial teórico pertinente. Tendo como arquivo de análise a decisão judicial emitida por um juiz de Direito da cidade de São Paulo em agosto de 2007, no qual, rejeita a queixa-crime feita pelo meio-campista Richarlyson. A decisão em análise revela um discurso homofóbico baseado em aspectos de masculinidade padrão presentes no futebol brasileiro e que considera comportamentos gay incompatível ao esporte.

O capítulo IV: *Direitos Reprodutivos na Estratégia Saúde da Família em Campina Grande/PB*, de Idalina Maria Freitas Lima Santiago, refere-se a um estudo que

busca saber se a Estratégia Saúde da Família (ESF) está consolidando efetivamente ações relacionadas aos direitos reprodutivos das mulheres de Campina Grande/PB. Dessa forma, o artigo é subdividido em três partes: a 1ª aponta as concepções e noções sobre direitos reprodutivos, saúde sexual e reprodutiva; a 2ª reflete acerca dos percursos e marcos históricos da política de saúde no Brasil, dando ênfase à saúde da mulher, destacando a importância dos movimentos feministas na luta pelos direitos reprodutivos da mulher; e a 3ª e última parte apresenta os resultados da pesquisa que analisou a efetivação das ações da ESF na saúde da mulher em Campina Grande/PB, a partir da ótica das usuárias desse serviço.

Intitulado *Olho do poder nos espaços de disciplina-mento feminino*: memórias de uma homicida, o capítulo V, de autoria de José Gerardo Vasconcelos, questiona a função ressocializadora do nosso sistema prisional, evidenciando que apesar de ter o objetivo ressocializador, as prisões continuam exercendo o papel punitivo que causa sofrimentos físicos aos condenados. Apresenta a história e os relatos de Laurinda Teixeira Rodrigues, uma homicida do Presídio Feminino Desª Auri Moura Costa, no Ceará, condenada pelo assassinato do marido, apontando suas relações estabelecidas dentro da cadeia.

O capítulo VI, *Gênero, sexualidade e formação de professoras e professores: navegando pelas artes*, de Cláudia Maria Ribeiro, analisa as discussões sobre gênero e sexualidade inseridas no currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil – modalidade a distância do Consórcio Pró-Formar. A pesquisa foi desenvolvida através da análise da Estrutura Curricular do curso e das atividades realizadas e material

produzido por 172 licenciandas e 4 licenciandos do Polo de Larvas – MG, durante os estudos dos fascículos das disciplinas de Linguagem Artísticas e Linguagem Corporal, na qual, obras de artes eram problematizadas a partir da discussão de gênero e sexualidade. Enfatiza-se que a articulação entre as disciplinas contribuiu para ampliar as concepções dos/das licenciandos/das sobre gênero e sexualidade.

No capítulo VII *Relações de gênero na sala de aula: reminiscência da escola (Paraíba – 1957/2007)*, os autores Cristiane Souza de Menezes, Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes trazem uma análise das relações de gênero no cotidiano de escolas paraibanas no período de 1957 a 2007. Fundamentando-se teoricamente na Nova História Cultural e tendo como metodologia a história oral, através de entrevistas semiestruturadas com 10 alunos do sexo masculino entre 15 e 60 anos da Educação de Jovens e Adultos de João Pessoa/PB, a pesquisa identifica a demarcação de lugares físicos e simbólicos para homens e mulheres nos espaços escolares.

No capítulo VIII, intitulado *Entre fadas e bruxas: memórias e representações de professoras sobre a escola primária*, dos autores Antônio Roberto Seixas da Cruz e Irani Rodrigues Menezes, é apresentado um trabalho realizado através de depoimentos de professoras alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana, que fizeram o curso primário na década de 1970. A partir das memórias das depoentes, buscou (re) construir como eram essas escolas; o perfil das professoras lembradas consideradas como “fadas” ou “bruxas”; além de compreender como essas representações e

memórias da vida escolar influenciaram ou não a vida profissional e pessoal das professoras depoentes.

Adentrando a discussão de gênero na literatura, o capítulo IX *Mulher e literatura: considerações sobre o tema*, a autora Ilane Ferreira Cavalcante discorre sobre algumas formas de representações femininas presentes na produção literária das escritoras contemporâneas Marize Castro, Diva Cunha, Anchella Monte e Ana de Santana, buscando estabelecer um contraponto com textos literários do início do século XX.

O capítulo X intitulado *Palavras de mulher: panorama das letras femininas portuguesas*, de Conceição Flores, apresenta um panorama dos escritos femininos portugueses, a partir da Idade Média, para compreender como se deu o silenciamento da voz feminina. Trazendo escritos femininos do século VI ao século XX buscou resgatar e visibilizar a produção literária dessas mulheres.

O texto apresentado no capítulo XI, intitulado: *Cadernos de receitas: librillos da memória feminina*, escrito por Beliza Áurea de Arruda Mello, faz parte de uma pesquisa desenvolvida pela autora juntamente com alunos do PIBIC-UFPB, cujo objetivo é revelar a memória da vida privada urbana de famílias, através de cadernos de receitas escritos por mulheres de João Pessoa/PB durante o século XX.

Finalizando o livro, o capítulo XII, *A formação continuada e a identidade narrativa de uma professora-pesquisadora da escola pública em Boa Vista-Roraima*, trata-se de uma autobiografia escrita pela professora/pesquisadora Gilvete de Lima Gabriel, na qual apresenta sua trajetória de vida, tecendo fatos importantes ocorridos no percurso pessoal, profissional e de pesquisa, para

dessa forma contribuir com a reflexão acerca da formação de professores/as.

Através da breve apresentação de cada capítulo, percebe-se que eles dialogam entre si, contribuindo para a construção de novos olhares sobre gênero e sexualidade em diversas dimensões culturais e sociais como: família, esportes, internet, escola e literatura. Nesse sentido, a leitura desse livro mostra-se extremamente necessária para se compreender como as discussões acerca desse tema reverberam nas esferas políticas, jurídicas, sociais e culturais da nossa sociedade. Além de fomentar as questões de gênero e sexualidade que estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, seja na televisão, nas redes sociais ou nas rodas de conversas com os amigos e familiares. Dez anos após seu lançamento, a leitura dos artigos é bem atual, de fácil compreensão e essencial para aqueles e aquelas que desejam saber mais sobre o assunto.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.) *Olhares: gênero, sexualidade e cultura*. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.

21 ENSAIOS EM MEMÓRIA E ORALIDADES

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap21>

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, mestra em História pelo Programa de Pós-graduação em História e graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Professora da Rede Pública de Ensino no estado da Paraíba.
rose_netsr@hotmail.com



livro resenhado é resultado de uma trajetória de pesquisas de autores que, a partir de seus próprios percursos teórico-metodológicos, realizaram discussões relacionadas a dois eixos temáticos: memória e oralidades. O primeiro estudo, intitulado *História, Literatura e Educação como fontes para pesquisas biográficas*, tem como autora Gildênia Moura de Araújo Almeida e apresenta-nos a ideia de que numa pesquisa é possível a utilização de diferentes modelos de fontes, sendo necessário também diferentes olhares no sentido de adentrarmos novos caminhos para a obtenção de importantes resultados.

Almeida enfatiza a importância de se estudar a História e, para isso, dialoga em seu texto com autores como Heródoto ao tratar a “narrativa real, histórica” e Le Goff para se pensar a relação passado e presente. Outro pesquisador com quem Almeida dialoga é Paul Veyne ao definir a História como “um conto, uma narração, porém, um conto com acontecimentos verdadeiros (ALMEIDA, p. 21, 2014).

Outra discussão apresentada no texto de Almeida diz respeito à História e Literatura, pois segundo a autora essa relação “não se exclui, mas também não se completa no sentido de que servem como via dupla do conhecimento humano”. Ainda de acordo com a autora, ao narrar um fato, ocorre uma semelhança entre o historiador e o literato, pois ambos conseguem reunir fatos,

selecionar e estabelecer conexões necessárias utilizando-se da retórica no diálogo com o leitor.

O segundo texto que compõe o livro trata-se de um trabalho monográfico denominado *Eglantine do Rêgo Barros e o Ensino Médio nos anos 1950-1960: memórias da educação pernambucana*, cujos autores são Cristiane Souza de Menezes e Charliton José dos Santos Machado. O trabalho sobre a professora Eglantine do Rêgo é uma biografia fundamentada teórico e metodologicamente na Nova História Cultural. Os autores utilizaram-se da história oral, sobretudo, de uma história das memórias no sentido de conhecer a trajetória da Dona Eglantine, nascida no dia 23 de setembro de 1914, na Estrada do Matumba, nº13, no bairro de Beberibe, Recife e, enquanto educadora, atuou durante 24 anos no Colégio Estadual de Olinda (CEO). Os autores fazem um panorama mostrando como estava a situação educacional no Brasil, mais precisamente, em Pernambuco, evidenciando ao longo do texto a importante contribuição da educadora no âmbito da expansão do ensino médio em Pernambuco entre os anos de 1950 e 1960. Menezes e Machado recorrem à história oral, mas também a documentos manuscritos e assinados pela própria professora Eglantine e que se encontravam no acervo da Família Rêgo Barros, para discorrer sobre sua atuação enquanto gestora, mas também sua relação com os funcionários e alunos do Colégio Estadual de Olinda (CEO), com a Secretaria de Educação ou a Diretoria Regional de Ensino (DERE).

Outro texto que faz parte da Coletânea do livro é *“Memórias de leitura e escrita de professores: formação e construção de suas práticas”* de Maria Daniela Angelo Ramos. A autora faz uma discussão sobre a importância

do trabalho com a memória de professores, utilizando-a em entrevistas autobiográficas. Dessa forma, Ramos traça uma importante reflexão acerca da utilização da memória para entender o contexto das experiências profissionais de educadoras na Paraíba. A autora se apropria de conceitos a partir de autores como Bosi (2010, p. 48), haja vista que “[...] a memória se constitui como um importante elemento formador desses sujeitos enquanto produtores de linguagem e fazedores da história”. Outro autor também utilizado foi Halbwachs (1990) para discutir a importância da lembrança relacionando à ideia de representação, tendo em vista que não somos os mesmos de outrora, pois nossas ideias e concepções mudam de acordo com o novo olhar para a realidade.

Alexandre Urquiza de Sá, em seu texto *Lina Rodrigues do Nascimento: alfabetização nos quilombos Ipiranga e Guruji, a solução tem raiz africana* (1909-1993), debruçou seu olhar para a biografia da educadora Lina Rodrigues do Nascimento e seu importante papel no processo de alfabetização dos Quilombos Ipiranga e Guruji. Sá em sua pesquisa identifica que a escola localizada no município do Conde é uma homenagem à referida professora. Ele utiliza como metodologia da história oral a entrevista realizada com as filhas da educadora Lina. O texto ressalta como ocorreu o processo de entrevistas, a importância da professora Lina nas comunidades quilombolas e como aconteciam as aulas. Também enfatiza a palmatória utilizada como método de punição nas aulas da educadora. Ao ser nomeada em 22 de abril de 1949, Lina Rodrigues passa a ser conhecida como Regente de Classe, Referência I dos Quilombos Guruji e Ipiranga.

No texto “*Peregrinações pelas memórias dos moradores do assentamento rural Alvançan Goiabeiras*”, as autoras Nadja Rinelle Oliveira de Almeida e Lia Machado Fiuza Fialho apresentam a história do assentamento que fica localizado no município de Santana de Acaraú/CE, a partir da entrevista com dois assentados, o senhor Pedro Celestino e a senhora Suzete Lira.

A pesquisa de Almeida e Fialho enfatiza a história do assentamento a partir da história oral em que os entrevistados descrevem como ocorreu a desapropriação das terras, sendo esse a ideia central que move a pesquisa. Ao longo do texto, os autores chamam atenção para a disputa política e partidária que envolvia o assentamento, bem como a importância do apoio recebido do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do Movimento de Educação de Base (MEB), tendo esse último contribuído no movimento de conscientização do povo brasileiro através do processo de alfabetização de jovens e adultos, relacionando-se à população urbana, mas também rural.

No texto *Memória e oralidade biográfica de Afonso Pereira: a implantação educacional na zona rural paraibana na década de 1950*”, as autoras Maria Elisabeth Melo da Fonseca e Betânia do Carmo Rodrigues Gomes debruçam-se sobre a história de vida de Afonso Pereira enquanto educador e criador de escolas na década de 1950, iniciando-se com a Fundação Padre Ibiapina. A história oral é a metodologia utilizada pelas autoras no sentido de compreender as narrativas acerca da memória dos indivíduos. A ideia central do texto é compreender não apenas a trajetória do educador Afonso Pereira, mas as experiências coletivas relacionadas a outras vidas.

Para isso, foram utilizados autores como Halbwachs (2012), Alberti (2003), Pollak (1992), Thompson (1992), no sentido de compreender a relação entre indivíduo e sociedade em contextos socioeconômico, político e cultural diferentes. Dessa forma, ao longo da pesquisa, as autoras ressaltaram a importância do educador Afonso Pereira e sua preocupação na implantação de várias escolas rurais, destacando-se a Fundação Padre Ibiapina enquanto entidade reconhecida.

O texto *Biografia de vulnerabilidade social: a vida de um jovem filho de ex-presidiária*, cujos autores são Lia Machado Fiuza Fialho e Charliton José dos Santos Machado, retrata a experiência de internação e a forma de aprisionamento que impossibilita o alcance da autonomia e sua recuperação após essa fase. Dentre as mais diversas experiências dos jovens, os autores resolveram trazer à baila a biografia de um jovem, cujo codinome é Paulo. Nesse sentido, a pesquisa biográfica elaborada pelos autores a partir da história oral trata da trajetória de vulnerabilidade social de Paulo, sendo considerada ao longo do texto a relação familiar, o seu envolvimento com as drogas e o seu processo de ressocialização. Para discutir a vulnerabilidade em que o personagem Paulo está inserido, Fialho e Machado apresentam alguns autores que estudam sobre a importância da Família, utilizando-se de estudiosos como Rutter (1981), Branco, Wagner e Demarchi (2008), Steinberg (2000), Carvalho e Gomide (2005). A partir desses autores compreendemos os estudos acerca da literatura sobre Família, o comportamento dos jovens e os conflitos com a lei.

Albertina Correia Lima e suas contribuições no cenário educacional e nos movimentos feministas da Pa-

raíba (1889-1975), de Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Tatiana de Medeiros Santos, surgiu quando as autoras participaram da disciplina Tópicos em História da Educação: biografia e sociedade ministrada pelos professores Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes. A pesquisa parte de uma construção biográfica acerca da educadora Albertina Correia Lima e está fundamentada na Nova História Cultural. Nascida em 1889, na cidade de Parahyba do Norte, Albertina tornou-se educadora, escritora e advogada, lecionando em várias instituições como a Escola Normal e o Liceu Paraibano. Mendes e Santos destacam que Albertina Correia Lima contribuiu, através de sua escrita, para os jornais *Correio da Manhã* e *A União*. Revistas como *Era Nova*, *A Imprensa*, e a do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) também receberam escritos da referida educadora através de artigos que falavam sobre o feminino. É interessante ressaltar que Albertina Correia Lima destacou-se no cenário educacional por ser uma das mulheres a ocupar espaços considerados masculinos. Dessa forma, teve uma vida dedicada à educação e ao movimento feminista, lutando para que a mulher tivesse seu espaço garantido na sociedade.

O texto *Estrutura e funcionamento do Mobral em Fortaleza* – a versão dos sujeitos protagonistas da História 1970-1985), dos autores Luciana Kellen de Souza Gomes e José Rogério Santana objetiva trazer à baila a importância da memória dos professores através de suas experiências com o MOBREAL, em Fortaleza. Sendo assim, a partir da memória, os autores propõem pensar as relações sociais no âmbito educacional, levando-se em consideração as experiências individuais e coletivas. Para

discutir a tríade história, memória e educação foram utilizados autores como Lopes e Galvão (2001), Thompson (1992), Amado (1990). Para pensar a história oral enquanto percurso teórico e metodológico da historiografia educacional, autores como Rodrigues (1978), Cambi (1991) e Le Goff (1990) fizeram parte dessa discussão. O texto se debruça sobre a história do MOBREAL, criado pelo Ministério da Educação na década de 1970, sendo considerado a “salvação” para os problemas educacionais. Dentre os protagonistas da história, Gomes e Santana destacam a atuação da professora Maria Cândida que analisa o cenário educacional do Ceará, bem como a professora Maria de Fátima que ao discorrer sobre o MOBREAL afirmou não saber, no início, do que se tratava, pois “não tinha planejamento, a gente aprendeu fazendo”. Ao longo do texto os autores enfatizam como ocorreu a fundação do MOBREAL, o processo de recrutamento das professoras alfabetizadoras, o “salário” pago a cada alfabetizador do Programa e a sua extinção por problemas de ordem financeira e jurídica.

O último texto que compõe a Coletânea é intitulado *Memória e Oralidade na Prostituição*, cuja autoria é de Elizabeth Alcoforado Rondon. Trata-se de um artigo que evidencia as mulheres que conviviam com a prostituição em Recife, mais precisamente na região de Rio Branco. Utilizando-se da História Oral, Rondon explica ao longo de seu texto alguns aspectos tais como “a zona como espaço de confinamento, a permissividade e controle da prostituição; o olhar saudosista sobre o cenário prostitucional”, entre outros. Outro ponto interessante do artigo de Rondon diz respeito à utilização da história do tempo presente, sendo que a partir da oralidade e da

memória dos boêmios e prostitutas foi possível destacar o cenário de prostituição no Recife Antigo.

Adentrar na obra *Ensaio em memória e oralidades* foi uma experiência riquíssima, através da qual compreendemos a escrita da história ser possível a partir de diversas abordagens, em que as fontes escritas e orais tornaram-se fundamentais no processo do fazer historiográfico.

Referência

FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos; ALMEIDA, Gildênia Moura de; SANTANA, José Rogério (Org.) *Ensaio em memória e oralidades*. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

22 PELOS FIOS DA MEMÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap22>

STELLA MARCIA DE MORAIS SANTIAGO

Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba; graduada em Pedagogia pela universidade citada. Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba – HISTEDBR/PB/UFPB; e do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS/UFCG).

stellammsan@gmail.com

SIMONE JOAQUIM CAVALCANTE

Doutora em Educação pela Programa de Pós-graduação em Educação e mestra em História pelo Programa de Pós-graduação em História, ambos na Universidade Federal da Paraíba. Graduada em História e especialista em História: educação, cultura e história afro-brasileira pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana. Professora da Universidade Federal de Campina Grande.

simonecavalcantejp@gmail.com

Lembrar para não esquecer é primado da história e função social dos pesquisadores e pesquisadoras da obra coletiva *Pelos Fios da Memória*, organizado por Lia Machado Fiuza Fialho, Charliton José dos Santos Machado, Josier Ferreira da Silva e José Rogério Santana. A obra é composta por nove capítulos, apresentando diferentes temas de pesquisa, na área da história e da história da educação, desvelando-se em memórias, biografias, oralidade, práticas culturais e memória digital social.

No capítulo *Entre papéis e oralidade: considerações sobre a relação memória e história*, Itacyara Viana Miranda, parte da leitura fílmica de *Narradores de Javé*, uma pequena cidade localizada no sertão da Bahia, analisando o papel da história oral, como fonte para a construção da memória coletiva de grupos sociais “de baixo” e seu caráter de validade. Entretanto, “[...] debate a relação de importância da escrita em detrimento ao relato oral” (MIRANDA, 2014, p. 19), como campos de narrativas em disputas e da hegemonia da cultura escrita – “[...] uma escrita científica com uma norma e uma metodologia definida que permitisse a aceitação e a aprovação dos fatos descritos pela população da cidade”, capaz de elevar a cidade à condição de patrimônio histórico (MIRANDA, 2014). No decorrer do texto, apresenta-se a função social da escrita e da oralidade, tomando como referencial de análise a realidade de Javé por ter sucumbido diante das manobras políticas dos poderes instituídos, pois apesar

dos relatos tornarem-se base para a escrita da história e memória da cidade, não foi suficientemente crível. Destarte, “[...] nos parece que a visão que predominou nos dizeres do personagem se aproximou muito mais da literatura do que de uma escrita científica” (2014, p. 20). Miranda, apresenta as possibilidades de utilização da história oral e sua importância para contemplar relatos de outros personagens que não fazem parte das elites dominantes. Por fim, conclui ressaltando os papéis e oralidade sobre a relação memória e história, menos opostos e mais complementares – “[...] transformar esses relatos em fontes e construir uma história da cidade” (2014, p. 21), fortalecendo a memória coletiva.

Em *A memória da assistência ao estudante na Paraíba: uma proposta metodológica*, de autoria do Francisco Chaves Bezerra, são apresentadas as questões inerentes à Fundação Casa do Estudante da Paraíba, criada em 1937, utilizando-se para isto da abordagem da História Cultural. O autor menciona ainda que não há fontes documentais escritas que tratem da história da instituição, embora a memória dela esteja em toda parte, desde as fotos antigas estampadas nas paredes ou nos recônditos das gavetas de armários institucionais. “É preciso, entretanto, perceber a instituição como agente histórico e cultural na formação de jovens estudantes, mas, principalmente, como elemento constitutivo da própria cultura histórica paraibana na década de 1980” (BEZERRA, 2014, p. 38). Para o autor, as histórias relatadas são importantes compêndios de informações do lugar, haja vista a pouca documentação escrita existente e a satisfação em tratar da memória da instituição por aqueles que dela fizeram parte ao longo do tempo.

Nos Fios da memória: contribuições da educadora Ana Maria Meira Leal com a História da Paraíba, escrito por Haquel Myriam de Lima Costa Palhari e Charliton José dos Santos Machado, foi produzido a partir das reflexões na disciplina Tópicos: (auto)biografia, história de vida e sociedade, e resultado da dissertação de mestrado da autora, alinhado ao projeto Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, do Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba – HISTEDBR/GT-PB. Palhari e Machado abordam fragmentos da biografia da professora, escritora e historiadora Ana Maria Meira Leal na cidade de João Pessoa, de 1988 a 2012, no intuito de “[...] resgatar historicamente, por meio da memória, a atuação e contribuição da educadora no debate educacional na Paraíba” (2014, p. 46). A professora Ana Maria Leal, no início da formação educativa, foi incentivada por sua família, em especial seu pai que, segundo ela, defendia a importância da educação junto aos seus filhos. Graduada em História, lecionou em alguns colégios da capital, agregando em suas aulas a discussão sobre a história local, notadamente a História da Paraíba, introduzindo a temática nas escolas, apesar das dificuldades, como por exemplo, falta de conteúdos nos livros didáticos. Palhari e Machado, através de relatos (auto)biográficos da vida de Ana Maria Leal estabelecem “[...] diálogo entre o individual e o sociocultural, trazendo à baila o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, para ir construindo a sua identidade num diálogo com seus contextos” (2014, p. 55). Assim, “[...] além de proporcionar ao biografado (indivíduo) se tornar mais visível inclusive para si próprio, pois, é nessa relação dialógica, que o

indivíduo se revela para si e para o outro”, como os fios da memória da educadora Ana Maria Meira Leal, na história da educação na Paraíba.

Apontamentos para construção biográfica do educador José Joaquim Teles Marrocos, de Josier Ferreira da Silva, analisa a militância do educador, intelectual, abolicionista cearense da cidade de Barbalha, José Marrocos “[...] descendente de escravo e filho de religioso [que] sinaliza, em sua biografia, as relações de poder institucionalizadas decorrentes da forma de apropriação do território e que gera os antagonismos sociais” (SILVA, 2014. p. 62). A construção da sua biografia parte do cenário da política e da promoção do ensino, através da identificação no meio social, como educador e intelectual forjado na conjuntura política e religiosa sertaneja, da época. “Nestas condições, a sua atuação política e intelectual, prima pela defesa de suas origens, na condição de educador abolicionista [...] sem abandonar a orientação católica em suas ações” (ibidem). Silva afirma que a inserção de José Marrocos na conjuntura social, política e cultural do século XIX é relevante “[...] para a construção da história da educação do Ceará e do Nordeste, condicionado pela especificidade das suas ações nas comunidades sertanejas na condição de teólogo, abolicionista e educador”. Ainda assim, “[...] vale ressaltar, que na condição de abolicionista, José Marrocos teve forte interatividade no campo cultural e educacional [...] atuando no processo de criação do Gabinete de leitura, onde se constituiu num dos professores da sua escola” (2014, p. 64). Por fim, entende-se que José Marrocos viveu ao longo da sua trajetória educativa e profissional entre “dois mundos” – das heranças paterna e materna – e entre a

prática religiosa e o debate abolicionista e republicano, do qual fez parte.

Em o “*Surgimento e memória de uma militante: Maria Salete Van Der Poel*”, de Fernanda de Paula Gomides, revelam-se as memórias de uma educadora e professora paraibana que, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), atuou contra o regime de estado autoritário em várias trincheiras de combate, sobretudo, na defesa da educação brasileira/paraibana – uma incansável cidadã em busca de justiça social. Puxando pelos fios da memória, adverte-se que Maria Salete foi perseguida e fichada na Delegacia de Ordem Política e Social da Paraíba (DOPS-PB). Portanto, devemos lembrar para não esquecer que a sua luta desafiou o poder da alvorada antidemocrática, daquela época – “[...] a gente tinha uma imensa generosidade e acreditávamos que era possível fazer o Brasil mais igual. Eu tenho orgulho [...] da gente ter lutado e de ter participado de todo um sonho de construir um Brasil melhor” (Maria Salete Van der Poel *apud* GOMIDES, 2014, p. 89). Seu relato manifesta-se como um sonho despedaçado sobre a imagem revelada de um país que num dado período histórico se desvirtuou do seu caráter democrático. Contudo, sua narrativa é parte constituinte da nossa história e memória nacional/local – uma memória social coletiva que lacerou as gerações do passado e do tempo presente.

Em *Josefa Diogo de Lima: histórias e memórias de uma educadora que mudou a trajetória do Colégio Confessional Nossa Senhora da Luz na cidade de Guarabira/PB*, de Tatiana de Medeiros Santos e Márcia Cristiane Ferreira Mendes, delinea-se a trajetória dessa educadora, na história local. “Josefa Diogo de Lima nasceu no

Rio Grande do Norte, na zona rural de Currais Novos, em 25/07/1936. A educadora informou que o ano de seu nascimento é o mesmo ano em que foi fundado o Colégio Nossa Senhora da Luz” (SANTOS; MENDES 2014, p. 94). Santos e Mendes utilizaram como marco teórico-metodológico a Nova História Cultural e o método da história oral, tornando possível ecoar a narrativa da própria educadora, constituindo-se fonte para a pesquisa. A história e a memória de Josefa Diogo são apresentadas como um processo de formação contínua, da época da educação escolar básica, das primeiras letras, em ambiente doméstico à época dos cursos ginásial, pedagógico e o curso comercial, lastreando sua formação profissional, pois tornou-se bancária, professora e depois proprietária-administradora do CNSL. Por fim, evidencia-se que Josefa Diogo foi protagonista da própria trajetória educativa e profissional, como professora e administradora do CNSL – uma instituição que se prefigura como marco educacional na cidade de Guarabira, no interior da Paraíba.

Práticas culturais na cidade de Fortaleza: espaços de sociabilidade e integração cultural, texto de Carlos Rafael Vieira Caxile e Lia Machado Fiuza Fialho, em que analisam essas práticas culturais como evento histórico, na passagem do século XIX para o século XX, em tempos de transição política, econômica, social e cultural no Brasil. Os Congos e Maracatus são expressões da cultura popular, intercruzando-se entre o profano e o sagrado – influxos e amálgamas da cultura popular negra, afro-descendente. Anunciados como cenários de resistências e contestações, traçam itinerários de símbolos e cortejos, “[...]manifestações projetam importantes relações sociais e políticas. Nessas festas, os símbolos ganham novos

sentidos” (2014, p. 110), pois “sempre foi costume entre os africanos e afrodescendentes, desde os tempos coloniais, elegerem seus soberanos de cor” (2014, p. 114). Caxile e Fialho, no transcorrer do texto, corroboram a ideia de que “[...] essas majestades não possuíam nenhum prestígio político nem civil sobre seus companheiros, mas era grande sua importância simbólica”. Concluem evidenciando que “[...] os maracatus retratam uma África mítica que se constitui enquanto referencial para a construção de narrativas identitárias, resultando na invenção daquilo que se considera afro” (2014, p. 116), no recriar de símbolos entre práticas e representações da cultura popular brasileira.

Crack: registros e conflitos de uma dependente, de Tereza Maria da Silva Ferreira e José Gerardo Vasconcelos, aborda o uso, abuso e dependência de drogas como importante problema social, político, econômico e cultural na atualidade (FERREIRA; VASCONCELOS, 2014). A pesquisa em foco traz o depoimento de uma dependente do crack “[...] tecendo sua história de vida, seu contexto familiar, relacionando vivências, fatos e determinantes educativos e culturais que corroboram a memória e história de vida dessa dependente” (2014, p. 122). Ferreira e Vasconcelos aportam-se na pesquisa biográfica e do método história de vida, para trazer à baila o depoimento de uma mulher que por um lado, “[...] na primeira vez que usou já sentiu o poder do prazer viciante que o crack lhe causou” (2014, p. 124); por outro, se viu no “fundo do poço”, avaliando e refletindo sobre sua própria degradação física, psicológica, afetiva, profissional e material em razão do uso do crack – “[...] ainda muito admirada do rápido e poderoso efeito do crack. Disse ser tão rápida a degrada-

ção que o crack deixa principalmente física” (Aparecida de Jesus *apud* FERREIRA; VASCONCELOS, 2014, p. 125). Entre lembranças e esquecimentos, problematiza-se a questão da cultura do crack, evidenciando que o uso é disseminado nas veias abertas da sociedade, concluindo que Aparecida de Jesus, “[...] experimentou o crack, por intermédio de amigos e não por meio de traficantes, como tanto é disseminado pela mídia”, em seus usos e abusos que deixam conflitos e marcas indelévels nos dependentes e seus familiares.

Os museus virtuais na propagação da memória digital social, analisados por Karla Colares Vasconcelos, Lia Machado Fiuza Fialho e José Rogério Santana, aborda a memória como um campo fértil para a compreensão da história, no tempo e no espaço constituído, assim como a concepção de memória coletiva na intrínseca relação dos sujeitos com o passado vivido, mais democrático na análise do presente e o que está por vir no futuro. Apresentam-se os diferentes conceitos sobre a ideia de memória, lançando luz sobre o pensamento dos antigos aos contemporâneos (reflexões hermenêuticas), da era das sociedades dos relatos orais como registro de memórias à era da sociedade da informação e comunicação, da memória digital e dos museus virtuais, como propagação da memória digital social. “Entendemos, com efeito, a memória como um fenômeno social em que o ambiente virtual traz a resignificação da existência humana” (VASCONCELOS; FIALHO; SANTANA, 2014, p. 136). Ressalta-se, na era digital, a importância dos museus virtuais como ferramenta para “construir um ambiente de cultura, história e memória coletiva”, a partir das fontes históricas digitais, ou memória digital. Ainda assim,

“compreender o papel do museu na sociedade contemporânea, bem como percebê-lo como um local destinado à preservação da memória coletiva e espaço sociocultural” (2014, p. 139), formador de uma consciência histórica.

Referência

FIALHO, Lia Machado Fiuza MACHADO, Charliton José dos Santos MACHADO; SILVA, Josier Ferreira da; SANTANA, José Rogério (Org.). *Pelos fios da memória*. Fortaleza: Editora UFC, 2014.

23 DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO, CULTURA E HISTÓRIA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap23>

MARIA JANILMA PEREIRA NOGUEIRA

Doutora em Sociologia, mestra em Sociologia e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba; especialista em História Cultural pela Universidade Estadual da Paraíba. Desenvolve pesquisa na área de gênero, raça e cultura política.
maria_janilma@yahoo.com.br

Dialogar sobre questões de gênero é algo de extrema importância dada a urgência do tema na sociedade atualmente, onde é possível observar tamanha a violência que as pessoas têm destilado contra as outras. Na esteira destas discussões, as questões culturais e históricas também precisam ser levadas em consideração, porque somos seres que se construíram tendo aspectos culturais e históricos de pano de fundo, o que resulta na identidade que temos hoje. O cruzamento das categorias de gênero, cultura e história culminaram no livro aqui resenhado, a saber: *Diálogos sobre gênero, cultura e história*.

O referido livro é uma coletânea de artigos que atravessam o tema proposto no título. São oito momentos em que os autores refletem e debatem sobre assuntos que se mostram urgentes na sociedade do século XXI. Organizado por Maria Lúcia da Silva Nunes, Charliton José dos Santos Machado e Larissa Meira de Vasconcelos, foca em temas como: Estudos de Gênero, Feminismo e Imprensa.

O primeiro capítulo do livro é escrito pela renomada historiadora e filósofa, Margareth Rago. Intitulado *Foucault, a governamentalidade neoliberal e o contra-discurso feminista*. A discussão é orientada de maneira articulada na tensão que se processa entre o discurso do feminismo de que é preciso romper com as barreiras estabelecidas e sustentadas por uma sociedade alicerçada no patriarcalismo, “[...] uma luta por autonomia, por liber-

tação em relação à imposição da suposta natureza feminina” (RAGO, 2015, p.21), com o sujeito neoliberal, já que ser neoliberal é conformar-se e submeter-se à ordem econômica e política da “[...] teoria do capital humano, trazida pelo capitalismo neoliberal”. O debate que Rago propõe é o de refletir a partir do termo foucaultiano de “governamentalidade” as formas de construção de subjetividade/identidade das mulheres dentro do feminismo e na luta por afirmação de cidadania. A autora infere que o feminismo está para além das conquistas dos direitos, mas preocupa-se com a criação de uma singularidade feminina e da possibilidade de criação de estilos de vidas diferentes, que possibilitem outros “[...] vínculos de amizades e de sociabilidades que escapem da competitividade, da violência e do narcisismo do nosso mundo” (RAGO, 2015, p. 24). Novos modos de existir subjetivamente para as mulheres foram construídos pelo feminismo. O próprio movimento também precisou e precisa problematizar-se já que não deve ser posto como movimento único, porque não existe um único modo de ser mulher. Sobre isso, Rago destaca o movimento de mulheres negras e indígenas que atuam no intuito de afirmação dessas mulheres, diferenciando-se das mulheres brancas, e que têm demandas diferentes também. A autora finaliza o trabalho afirmando que o movimento feminista, mesmo precisando alinhar-se às demandas que surgem dentro do próprio movimento, o feminismo no Brasil, é um dos “movimentos mais importantes do mundo” (RAGO, 2015, p. 26).

Diversidade: raça, gênero, desvios e desafios na escola é o capítulo de autoria de Denise Botelho e Francineide Marques. Neste capítulo, as autoras discorrem sobre a necessidade de enfrentamento das injustiças

sociais cometidas contra os negros, grupo considerado minoria social. Neste percurso a discussão é perpassada por questões de gênero quando as autoras apresentam a situação das mulheres negras na sociedade. Tratadas de forma sempre estereotipadas, as mulheres negras carregam um duplo estigma social que é capaz de colocá-las em nichos cada vez mais hostis. Segundo as autoras, as mulheres negras são submetidas a diversas mazelas sociais, e “[...] a educação tem sido totalmente omissa em resgatar e/ou fortalecer as identidades das pessoas negras, quicã de meninas, jovens, mulheres e idosas negras” (BOTELHO; MARQUES, 2015, p. 44). Botelho e Marques chamam a atenção para o fato de que a sociedade brasileira possui um cenário de dureza contra quem se apresenta “diferente” às normas estabelecidas. Assim como é para as mulheres negras, gays, lésbicas, trans etc., também enfrentam dificuldade em se afirmar no contexto social. As autoras apontam para que sejam feitas reflexões sobre o assunto, sobre o preconceito, a discriminação e as várias formas de violência pelas quais esses grupos têm passado ao longo do tempo. Na visão delas, a “escola pode ajudar na luta contra o racismo, o machismo, a xenofobia, a intolerância, o sexismo, a *lgbttfobia*” (BOTELHO; MARQUES, 2015, p. 48) e as mais diversas formas de discriminação às quais parte da população brasileira é submetida. É um processo lento, infelizmente, mas concordo com as autoras que o ambiente educacional é uma boa base para começarmos a derrubar as barreiras mais duras existentes na sociedade, ou seja, as barreiras do ódio gratuito, do preconceito e da opressão.

O terceiro capítulo do livro trata de um percurso feito por José Antônio Novais da Silva sobre *A saúde da*

mulher no Egito antigo e a Lei n° 10.639/2003. A referida Lei designa a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas disciplinas que fazem parte da grade curricular no ensino fundamental e médio. O autor vai apresentando ao longo do texto como os cuidados à saúde da mulher eram feitos no Egito antigo. Dada a importância que as mulheres egípcias tinham para a família fazia delas alvo de atenção especial em relação também à saúde. A área da saúde da mulher era bem desenvolvida, segundo Silva, pois foram encontrados papíros médicos com diversas descrições que culminaram no que “hoje chamamos de saúde reprodutiva feminina”. Silva continua descrevendo como eram os papíros e do que se tratavam. O seu intuito é demonstrar que é possível e necessário que a história e cultura afro-brasileira seja contemplada na sala de aula. Nossas crianças e jovens precisam aprender que há outras histórias além daquelas contadas pelos homens brancos que tinham na Europa seu referencial. Os antigos egípcios eram negros e Silva deixa claro que escolheu tal civilização para mostrar que é possível fazer valer a lei n° 10.639/2003. Ao longo do capítulo o autor demonstra uma argumentação que pode ser feita tanto na aula da disciplina de História quanto na disciplina de Biologia, ou seja, o que falta é um maior interesse dos gestores escolares e professores para que não deixem passar a importância das civilizações que também contribuíram para a formação da nossa sociedade.

#Sim, gorda pode!: corpo e subjetividade em tamanhos grandes é o quarto capítulo. De autoria da historiadora Alômia Abrantes, o texto trabalha o movimento *Sim, gorda pode!*, que repercutia nas redes sociais. Um

movimento de afirmação do corpo gordo analisado de forma a refletir sobre as noções de saber e poder que perpassam o corpo numa sociedade que tem a magreza como padrão e “desejo” de muitas mulheres e homens. Abrantes coloca que o corpo gordo é naturalmente percebido como feio, doente, em condições que limitam a pessoa dentro daquele corpo, por isso, para muitos não caberia questionar, o ideal seria o emagrecimento para se ter mais saúde e alegria. A autora aponta para a “operação da linguagem [...] que faz nomear o corpo gordo como o Outro que precisa ser combatido e excluído” (ABRANTES, 2015, p. 78). Ela destaca alguns canais, blogs de mulheres que se afirmam gorda e que demonstram ser possível algo como a moda para mulheres “fora dos padrões”, porque “Sim, gorda pode!”.

José Gerardo Vasconcelos e Marta Maria de Araújo assinam o quinto capítulo, intitulado *A vida de Regina Célia Zanetti: militância e clandestinidade no contexto pós-1964*. Os autores apresentam sucintamente a trajetória de vida de Zanetti como exemplo de que ser militante numa época em que o país estava tomado por forças militares era estar fadado a viver de modo clandestino. Deixar a família e amigos em nome de um ideal era muito sofrido, era conviver com a solidão e o isolamento. Ser clandestino é sempre partir do zero, segundo aponta os autores. Através das memórias de Zanetti, militante que acreditava e defendia a redemocratização, Vasconcelos e Araújo discutem as dificuldades enfrentadas no cotidiano de alguém que ousava querer um país melhor, após o golpe que amedrontou o Brasil por anos. É latente a ênfase colocada, sobretudo, no abandono social e político sofrido por quem vivia na clandestinidade.

O sexto capítulo de autoria de Lia Machado Fiuza Fialho e Lorena Brenda Santos Nascimento, cujo título é *O que as professoras da educação básica sabem sobre gênero?* Neste capítulo, as autoras apresentam pesquisa realizada em uma escola de educação básica, onde elas aplicaram roteiro de entrevistas, gravadas e transcritas, usando a história oral como norte, alicerçadas na metodologia qualitativa. A atenção está voltada para as práticas docentes em relação à temática proposta. Elas demonstram ao longo do texto a resistência de alguns docentes em participar da pesquisa, o que revela o quanto falar sobre gênero em âmbito escolar ainda incomoda; bem como apresentam as poucas docentes que participaram. A partir da análise dos dados, é perceptível a necessidade e urgência de discussão sobre relações de gênero no contexto escolar. Os resultados demonstram pouca aptidão das professoras em lidar com o tema e orientar de forma correta o alunado, o que resulta numa comunidade escolar despreparada para trabalhar com as diferenças.

Educação, candomblé, imagens e história é o título do sétimo capítulo assinado por Charliton José dos Santos Machado e Emanuel Luís Roque Soares. Este capítulo possui um viés biográfico, e trabalha as práticas educativas da Ialorixá Galdina Silva (Mãe Baratinha). Os autores mencionam que no processo de investigação encontraram “um farto arquivo de fotos e filmes” (MACHADO; SOARES, 2015, p. 142) que, segundo eles, respaldou a pesquisa, demonstrando como Mãe Baratinha era e como ela construiu seu terreiro, na Bahia, além de confirmar a importância desse tipo de fonte para a construção de um campo histórico e biográfico.

Por último, temos o oitavo capítulo intitulado *Em prol da leitura e da formação de leitoras: ações da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (1933-1939)*. Os autores Maria Lúcia da Silva Nunes, Larissa Meira de Vasconcelos e Charliton José dos Santos Machado discutem sobre a história da leitura no contexto paraibano, apresentando ações desenvolvidas pela Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF). É uma pesquisa de caráter histórico-documental, que se orientou a partir do paradigma indiciário, tendo em vista que a APPF “[...] não manifestou abertamente que a sua preocupação era formar mulheres leitoras” (NUNES; VASCONCELOS; MACHADO, 2015, p. 151). A fonte de análise utilizada é uma página de jornal veiculada entre os anos de 1933-1939, na qual os autores identificam e analisam ações que demonstram incentivos à leitura desempenhadas pela APPF, além do material de leitura que foi utilizado tais como: jornais, livros, revistas (NUNES; VASCONCELOS; MACHADO, 2015). A escolha do jornal *A União* se deu porque as sócias da APPF começaram a se mostrar nas páginas do referido jornal, seja como autoras dos textos publicados ou mesmo como notícias dele. A APPF, de acordo com os autores, demonstrou cumprir um dos seus mais importantes objetivos que era o incentivo e o estímulo à educação das mulheres paraibanas.

Dado o exposto, observamos a importância das discussões que foram apresentadas e como o cruzamento de categorias como gênero, cultura e história resultam em análises urgentes e necessárias da sociedade.

Referência

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (Org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

24 EU CONTO, VOCÊ CONTA: LEITURAS E PESQUISAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap24>

EMANUELLA SANTANA VIEIRA

Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve estudos na área de Sociologia da Educação e Formação Profissional; Formação Docente; Identidade Profissional.
manusv26@yahoo.com.br



livro resenhado traz os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (Histedbr – GT-PB). Tais trabalhos foram originados das pesquisas e leituras do eixo de pesquisa Histórias de Intelectuais, (Auto) biografias e Estudos de Gênero do referido grupo e tem como finalidade compartilhar as reflexões sobre escrita (Auto) biográfica.

Composto por duas partes, a primeira contém os estudos acerca das tendências (Auto) biográficas por meio das reflexões teórico-metodológicas. Nesse primeiro momento são abordados os estudos e possibilidades do uso da pesquisa (Auto) biográfica como metodologia. No texto *Caminhos metodológicos na pesquisa biográfica*, a autora Maria Arisnete Câmara de Moraes apresenta como pensou e organizou seu estudo acerca da vida e obra de Isabel Gondim, uma educadora do Rio Grande do Norte que viveu entre os anos de 1839 a 1933. Através de um levantamento da bibliografia desenvolvida pela professora Isabel Gondim, buscou nos acervos pessoais da família, nos jornais e revistas da época, reconstruindo a trajetória da vida e da sua obra de importância e contribuição para a sociedade da época.

No texto intitulado *Levantamento e produção dos estudos prosopográficos em História da Educação* de Ana Luiza de Vasconcelos Marques, encontramos uma apresentação da prosopografia como uma tipologia em

meio à diversidade de biografias e sua utilização na História da Educação. O gênero biográfico toma novo “fôlego” na atualidade e as histórias individuais podem servir de análise micro, a princípio, atingindo o macro do contexto social na época do biografado. Apresenta o uso da biografia modal como método ainda pouco usado na historiografia devido a sua complexidade para estudos de grupos de indivíduos e de seu contexto social tendo um indivíduo como destaque.

No texto *Narrativas autobiográficas: pesquisa e formação*, a autora Jéssica Luana Fernandes nos traz uma proposta de reflexão sobre o uso das narrativas autobiográficas como dispositivo e instrumento de formação e como metodologia de construção de conhecimento de si próprio, a partir de sua experiência enquanto participante pesquisadora em um projeto de iniciação científica – Pibic, Diálogos autobiográficos, em que os participantes realizaram as escrituras de suas narrativas.

No capítulo *História e Biografia: relações de sentidos e possibilidades*, de Rodrigo Ferreira da Silva, encontramos a retomada da escrita biográfica dotada de rigor científico e de grande contribuição para o campo da História e para a sociedade. Questiona o que, como e o porquê biografar ou ser biografado, e o cuidado que se deve ter nesse processo. Traz a discussão entre a História e a biografia com aproximação com a Literatura e a retomada do uso da biografia pelos historiadores proporcionando estudos de trajetórias de vida de indivíduos comuns e não apenas de indivíduos da elite ou outro tipo de destaque social, mostrando que todos são importantes e dotados de história, e que suas trajetórias de vida têm muito a revelar.

O texto *Pesquisas com fontes (auto) biográficas*: alguns apontamentos teóricos-metodológicos, de Ingrid Karla Cruz Biserra, apresenta uma análise como vem se desenvolvendo os estudos com fontes (auto) biográficas da linha de pesquisa História da Educação do PPGE / UFPB. As (Auto) biografias, relatos e histórias de vida, depoimentos e narrativas de formação se tornaram escopo das produções acadêmicas em âmbito nacional e local em que as memórias e as práticas de sujeitos, em especial educadoras/es, são objetos de estudo, abordando os aspectos relacionados à formação, à identidade docente e suas experiências profissionais.

Reflexões e possibilidades sobre uma outra escrita (auto) biográfica, de Mariana Marques Teixeira, trata do uso do método (auto) biográfico e da importância de se ter certeza pela escolha desse método devido ainda existir muitas críticas ao seu uso no âmbito acadêmico. Mas, que se apresenta como uma opção de pesquisa que objetiva tratar da trajetória de vida de sujeitos comuns ou não, para uma melhor compreensão de seu espaço, problemas, culturas e conjunturas sociais de seu tempo.

No texto *(Auto) biografia: ciência e arte de retratar indivíduos e de revelar nuances da complexidade sócio-histórico-cultural*, Iolanda de Sousa Barreto indica que o uso da biografia remonta à Antiguidade e perdura até os tempos atuais como um campo fecundo portador de grande significado sócio-histórico. Com o uso da biografia nos tempos atuais foi possível dar visibilidade a outras personagens, dentre elas as mulheres e seus feitos, que antes não tinham vez em um mundo marcado pelo patriarcado.

O artigo intitulado *Biografia: o retorno à academia e suas consequências*, de Luís Augusto de Mendonça Ribeiro, aborda o percurso histórico do uso da biografia, seu papel para o campo da História e as questões éticas que cercam a escrita biográfica, no que concerne à mudança no âmbito jurídico em relação aos indivíduos biografados em livros não autorizados, as chamadas biografias não autorizadas, seus usos e implicações.

A segunda parte do livro apresenta estudos que abordam o uso, as possibilidades e as experiências com as escritas (auto) biográficas. O texto *Manoel Balthazar Pereira Diegues Júnior (1852-1922): itinerários e itinerâncias na construção de uma identidade docente*, de Edna Telma Fonseca e Silva Vilar, apresenta a trajetória de vida desse educador, sua atuação como docente e fomentador de instituições e programas de incentivo à docência bem como da defesa da instrução pública no Estado de Alagoas, suas contribuições e legado histórico.

O texto *Narrativas (auto) biográficas e história das mulheres: um 'exercício de admiração'?* de Amanda Sousa Galvêncio aborda os temas femininos na trajetória intelectual de Eudésia Vieira (1894-1981), revisando sua biografia e problematizando as relações que constituem a escrita (auto) biográfica, a literatura e o texto bourdesiano sobre a ilusão biográfica.

Eu gosto de me sentir livre e não atada: a voz de uma mulher com deficiência física, de Adenize Queiroz de Farias, tem por objetivo abordar as questões que envolvem gênero e deficiência, por meio de uma reflexão para a força que ambos exercem no processo de vulnerabilidade feminina. Para isso, traz a história de vida da educadora Irmã Ana Fisher, mulher paramenha, religio-

sa com deficiência física adquirida após um acidente de carro, abordando a vulnerabilidade, o empoderamento e as oportunidades às pessoas portadoras de algum tipo de deficiência.

As autoras Wanderléia Farias Santos e Kedna Karla Ferreira da Silva apresentam no texto intitulado *Fragmentos da vida profissional de Clementina Augusta Coutinho de Medeiros* uma biografia realizada através de fragmentos da trajetória de vida dessa educadora, organizados a partir da história oral e memória de sujeitos contemporâneos da educadora, realizando uma reflexão sobre as representações e os processos históricos acerca da atuação profissional de Clementina em seu tempo.

No texto *José Lins do Rêgo: tecendo mundos por meio da memória e da autobiografia*, o autor Samuel Rodrigues da Rocha aborda a memória como matéria-prima da produção literária de José Lins e como suas obras podem ser trabalhadas pelos estudos biográficos discutindo as relações entre memória, autobiografia e literatura.

A trajetória biográfica do professor Mário Moacyr Porto: contribuições para a história da educação paraibana, de autoria da Juliana Augusta Dionísio de Lima e Maria Elizete Guimarães Carvalho, traz um estudo biográfico educacional do professor Mário Porto, ex-reitor da UFPB, sua trajetória no magistério, formação e atuação docente, relacionando os acontecimentos históricos de sua época com seu engajamento nas lutas educacionais.

Em *Intelectuais e educação: a atuação de Carlos Dias Fernandes na literatura e na imprensa paraibana no século XX*, Amanda Sousa Galvêncio e Jean Carlo de Carvalho Costa apresentam a trajetória intelectual do

escritor e jornalista Carlos Dias Fernandes, realizando um apanhado sobre o que foi escrito ao seu respeito em jornais e revistas, em verbetes biográficos e escritos acadêmicos, dentre outros textos, organizando, assim, uma interpretação da sua atuação profissional por meio da análise desse material documental.

No texto *Nos traços do Jenipapo: etnia e gênero – práticas escolares da gestão de mulher Potiguara na Escola Burity em Rio Tinto – PB*, a autora Rosemary Marinho da Silva apresenta-nos a trajetória de vida e escolar da pedagoga e gestora escolar indígena Potiguara Sanderline Ribeiro, que através do seu relato autobiográfico possibilitou uma análise das relações de gênero e de etnia em seu fazer profissional no contexto educacional.

Edvaldo do Ó e o ensino superior em Campina Grande – PB: apontamentos para uma pesquisa biográfica, de Ramon de Alcântara Aleixo, apresenta uma análise da biografia bem como de fontes e arquivos orais a respeito do professor Edvaldo do Ó e de sua relação com o ensino superior na cidade de Campina Grande-PB, durante o período da institucionalização da União Universitária Campinense em 1952 e o final de sua atuação enquanto reitor na Universidade Regional do Nordeste (URNe) em 1969.

O texto *Alusões à santidade em biografias tradicionais*: os primeiros relatos sobre a vida de Pe. Ibiapina, de autoria de Danielle Ventura de Lima Pinheiro, apresenta a proposta de análise dos primeiros relatos biográficos sobre a trajetória de vida do Pe. Ibiapina, tentando identificar as alusões a sua santidade dialogando com o texto de Michel de Certeau sobre a escrita hagiográfica católica.

No texto *O discurso emancipatório de Analice Caldas de Barros como arma para o empoderamento feminino na Paraíba de 1937*, Shirley Targino Silva traz uma breve análise da trajetória de vida da educadora paraibana Analice Caldas por meio de seus escritos à época na imprensa e pela sua participação político-social em relação aos empoderamento da mulher e sua emancipação. Os seus escritos contribuíram para os estudos da história das mulheres e revelam acontecimentos importantes no contexto socioeducacional paraibano do século XX.

Ancelmo Rodrigues da Silva e Severino Bezerra da Silva, em *Memória e Experiência do Pronera*, tratam da memória-experiência tendo como foco a Educação no e do campo concernente às questões ligadas à alfabetização, escolarização e profissionalização atreladas às experiências individuais dos sujeitos do campo, a luta pela conquista da terra, identidades socioculturais, conhecimentos escolares e saberes locais dentre outras questões.

E por fim o texto intitulado *Quem não estuda não vence: retalhos biográficos de Júlia Ramos (1895-1984)*, de Maria Lúcia da Silva Nunes, Viviana Soares da Silva e Charliton José dos Santos Machado, traz a narrativa de fragmentos de memória oral sobre a trajetória de vida da educadora Júlia Ramos e sua contribuição à educação de crianças no bairro da Torre, um dos mais antigos e tradicionais da cidade de João Pessoa – PB. Atualmente existe um Centro de Referência de Educação Infantil – CREI que recebeu o nome da educadora.

Referência

NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (Org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto) biográficas*. Fortaleza: Editora EDUECE 2017.

25 DESAFIOS DA ESCRITA BIOGRÁFICAS: EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap25>

FERNANDA DANIELLA DE FRANÇA BEZERRIL

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação, mestra em Sociologia e licenciada em Ciências Sociais, pela UFPB. Professora concursada da Rede Pública de Ensino do estado da Paraíba. Experiência nas áreas de Sociologia e Educação, principalmente nos seguintes temas: educação feminina, mulheres, opinião pública, voto feminino, governo representativo e direito político.
fernandafrancacs@gmail.com



trabalho sobre a escrita biográfica trata-se de um relato que resgata muito mais que trajetórias pessoais, são contextos socioculturais de grande riqueza que se fazem presentes nessas pesquisas.

A presente obra aqui resenhada, *Desafios da Escrita biográfica*, é organizada pelo professor Charliton José dos Santos Machado, fruto de sua supervisão em pós-doutorado de professores de diversas universidades brasileiras, entre as quais UFC, UECE, UFRB, UFRR, UFCG, UEPI.

A obra é dividida em onze capítulos e um prefácio, pela Professora Dra. Samara Mendes Araújo Silva, que faz uma apresentação sobre escritas autobiográficas e a possibilidade de refletir sobre si na narrativa do outro. Segundo a prefaciadora, os onze pesquisadores foram instigados por uma “nova” percepção da historiografia sobre as biografias e a autobiografia e buscam refletir sobre a cotidianidade e os aspectos sócio-históricos que esses trabalhos apresentam em suas narrativas. De acordo com Samara Silva, os textos organizados por Charliton Machado passam por uma espécie de “pacto biográfico”, em que os autores perfazem o trabalho do historiador que em sua pesquisa não se limita a relatar os dados adquiridos, mas fazem a verificação e o cruzamento dos dados históricos, antes da configuração do texto final apresentado. Chama atenção para os desafios enfrentados pelos pesquisadores nessa construção, pois além de seus

repertórios que vêm de diversos campos da educação, e de vários espaços socioculturais, ofertam oportunidades de reflexão sobre o uso da escrita biográfica como recurso teórico-metodológico da pesquisa histórica.

O primeiro capítulo do livro é do organizador, o professor-pesquisador Charliton Machado, e traz como título: *Breves reflexões sobre pesquisas (auto)biográficas*, no qual apresenta como foi construída sua trajetória de pesquisa com biografias, e, nisso, ele termina por empreender uma (auto)biografia. Como o próprio autor afirma, a preocupação nesse tipo de pesquisa resultou de sua tese de doutorado desenvolvida entre 1998-2001, no PPGEd na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lançado como livro em 2005. Após esse trabalho, em 2009, no pós-doutorado na Unicamp, sob a interlocução do professor José Luís Sanfelice, juntamente, com os estudos e pesquisa no Grupo de pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), realizou uma pesquisa de cunho biográfico sobre a escritora e poeta Zila da Costa Mamede, e assim configurando uma trajetória em pesquisas com abordagens (auto)biográficas, em uma relação dialética com o contexto e os indivíduos. Segundo Leite (1984, p. 12): “São significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto”.

Nos próximos dez capítulos são apresentadas pesquisas que tomam essa metodologia em que a biografia não se configura apenas como relato da vida de um ilustre, mas é uma análise do contexto social e do estudo da construção social daquele momento narrado pelo objeto

de estudo biografado. Assim a obra segue com o estudo de José Gerardo Vasconcelos, intitulado: *Francisco Siqueira de Lima: um educador encarcerado*". Trata da biografia de Francisco Siqueira e sua trajetória após a prisão, em 1975, no Rio de Janeiro, momento em que se engaja num projeto de letramento de presos. Este detento negociou um projeto de alfabetização de presidiários, que assim o quisessem. E este professor, que nunca tinha ouvido falar em Paulo Freire, executou sua metodologia, pois segundo ele, tratava os detentos com muita liberdade. Este trabalho apresenta como ambiente a cadeia, que pode deixar de ser um lugar de destituição de humanidade, para ser um lócus de escolarização. Bem como um preso, (assassino e ladrão) também pode ser uma poeta e um professor.

O capítulo escrito por Gildênia Almeida traz a figura do Capitão Duarte, falando sobre educação, imprensa e amor proibido. A autora apresenta de forma acadêmica, em sua pesquisa, uma linda história de amor do Capitãozinho e Dona Chiquinha. Almeida demonstra de forma exemplar como a vida e obra de uma pessoa está entrelaçada em realizações de cunho histórico, pois o Capitão Antônio Duarte Bezerra, que vinha de família militar, reformado por motivos de saúde, encanta-se ao conhecer a professora, literata e poetisa Francisca Clotilde, com quem constrói uma trajetória de amor, entre a educação e a vida política, de grande destaque na sociedade fortalezense, do final do século XIX. Porém, o casal sofreu várias intempéries da sociedade patriarcal e seu conservadorismo, sendo deixados ao esquecimento ao longo dos anos.

Em seguida a obra traz o texto da professora e pesquisadora Salânia Maria Barbosa Melo, intitulado *Formação docente, práticas e saberes de 'Tia Miroca': a guardiã das memórias da Princesa do sertão*. A autora resgata a história da educação em Caxias – MA desde antes do Marquês de Pombal, quando se fecham todas as instituições de ensino no país, e a cidade passa cerca de 70 anos sem instituição pública de ensino, com reabertura das cadeiras de primeiras letras em 1823. A Primeira Escola Normal de Caxias só ocorreu entre os anos de 30 e 40 do século XX, sendo a primeira escola normal destinada às mulheres, aberta ao público apenas em 1950. A autora remete essa demora na abertura de escolas normais devido a uma tradição elitista do bacharelismo no Brasil. Mas, coube a Maria das Mercês da Silva Lima, a Tia Miroca, formar-se em 1935, na Escola Normal Livre de Caxias – MA, e assim, cumprir sua missão educadora com as crianças da cidade, dessa forma, confundindo-se a vida de Tia Miroca com a história da docência no referido município.

No capítulo seguinte, o texto de Lia Machado Fiuza Fialho faz uma explanação sobre a metodologia da pesquisa biográfica, com uma preocupação na história oral de menores infratores em situação de reclusão, intitulada: *Biografia e história oral com jovens em conflito com a lei: desafios e possibilidades*. A autora escolheu pesquisar a história de um jovem infrator que aos 17 anos já havia cometido 20 homicídios, optou por uma narração oral enfrentando o debate metodológico se seria possível fazer a História Oral de um jovem, e assim, escolheu fazer um ensaio de uma narrativa histórica com o uso da oralidade como técnica metodológica. Fialho explica

como esse tipo de pesquisa implica na seleção criteriosa do biografado, que entre esquecimentos e lembranças, cabe ao pesquisador avaliar o que de fato deve ser registrado como importante para a construção de sua narrativa. Apresenta ainda os diversos desafios enfrentados em sua pesquisa e expõe com atenção como enfrentar cada etapa desse trabalho.

Em sequência, o trabalho de Josier Ferreira, *O Internato do Sagrado Coração de Maria: ações do padre Ibiapina e Zé Marrocos na institucionalização da educação confessional no Cariri*, traça de forma entrecruzada as “missões” de Padre Ibiapina e Zé Marrocos, ambos empenhados na construção de um legado educacional que marca a região do Cariri. Ao analisar os vínculos que eram criados entre a Igreja e o Estado conclui que são áreas indissociáveis no Brasil da época. Pensando especificamente o internato do Sagrado Coração de Maria, este surge como forma institucionalizada da educação no Crato, idealizada pelo Padre Ibiapina em uma troca de ideias com o processo educacional realizado em Cajazeiras, na Paraíba, tendo o Padre Rolim como seu ‘principal’ idealizador.

Robson Carlos da Silva, com trabalho intitulado *O legado educacional de mestre Caramuru em Luís Correia/PI: memórias, reminiscências e narrativas (auto) biográficas*, dar a conhecer o mestre de capoeira, poeta, artesão, líder comunitário e educador popular piauiense, Inocêncio de Carvalho Neto – Mestre Caramuru, tendo como principal fonte de pesquisa as histórias orais, além de registros fotográficos, diários, projetos, entre outros documentos, subsidiado pelas referências da Nova História Cultural.

No capítulo *Baratinha, a filha de oxum*: introdução a uma pesquisa acadêmica, Emanuel Luís Roque Soares demonstra familiaridade com seu objeto de pesquisa e inicia explicando o processo de acesso a suas fontes orais e à documentação fornecida pela Mãe de Santo Preta de Oxagiã, filha de Mãe Baratinha, de quem o pesquisador recebera boa parte de suas fontes para o desenvolvimento de seu trabalho etnográfico. O autor descreve e perfaz as fases e características dessa mãe de santo que também era educadora de seu terreiro, no trato e na empreitada da transmissão e formação daqueles que iriam manter o terreiro vivo mesmo após sua morte.

Em *Escolhas metodológicas em biografia*, Keila Andrade Haiashida apresenta um debate sobre “Como escolher o biografado?”. Ela que em seu pós-doutorado desenvolveu uma biografia sobre o professor Luiz Oswaldo Sant’Iago Moreira de Souza, educador potiguar, apresenta as escolhas metodológicas derivadas da necessidade de responder as questões que se apresentam ao longo de sua pesquisa e reflete sobre a escolha do biografado. Dessa forma, a autora, ainda, expõe que o sentido da biografia não se limita ou se esgota no personagem, mas na relação com as estruturas sociais e culturais daquele momento histórico.

Vitrais biográficos de uma professora quilombo-la: história, memória, prática educativa e identificação étnico-racial, de Antônio Roberto Xavier, apresenta a biografia de uma das primeiras professoras quilombo-la reconhecida. A professora Maria José Alves da Silva, mesmo em sua época não havendo o debate racial tal como temos hoje, encarou esse debate em suas atitudes. Sabia-se negra, e o que estava enfrentando no momento

de sua atuação como professora. Nunca alisara o cabelo, preferindo mantê-lo em sua forma original, dessa forma colaborando com a construção de autoimagem positiva da mulher negra.

Em *Formação de professores no Ceará: produção do conhecimento na Pós-graduação*, Tania Maria Rodrigues Lopes escreve sobre as evidências de que as narrativas orais foram fundamentais na reconstituição de vários aspectos da História da Educação no Ceará, entendendo que toda história se faz importante para compreender o presente. Nesse capítulo final fica exposto o quanto os trabalhos que compõem a obra não são vozes isoladas no tempo, mas densas narrativas que reconstroem experiências propiciadoras de revisita ao passado na tentativa do entendimento da nossa história atual.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.) *Desafios da escrita biográfica: experiência de pesquisa*. Fortaleza: Ed. UECE, 2018.

26 GÊNERO E CULTURA: QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap26>

MANUELLE ARAÚJO DA SILVA

Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE), vinculada à Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), no setor de estudos Pesquisa Educacional. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), licenciada em História pela mesma instituição citada e licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisadora associada à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atualmente, integra o Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba - HISTEDBR/PB e o Grupo de Estudos e Pesquisas História e Documento - GEPHD/CE.

Email: manuelle.araujo@uece.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3953757579907516>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4701-2589>

Gênero e cultura são categorias intercambiáveis: estabelecem múltiplas conexões de sentido. A obra resenhada é atenta ao cerne dos motes políticos, históricos e educacionais em diferentes contextos, pondo-os em debate. As zonas de litígio entre as relações de gênero e as questões culturais suscitam olhares minuciosos, atentos e vigilantes. Dessa forma procederam os autores e organizadores da obra intitulada *Gênero e Cultura: questões políticas, históricas e educacionais*, que reuniram no referido livro investigações compromissadas com os elos e as rupturas socioculturais que perpassam, sobretudo, os fios das questões de gênero.

Os organizadores da referida coletânea, lançada em 2018 pela editora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), são: Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes e Ajanayr Michelly Sobral Santana. Ambos possuem amplas incursões em pesquisas histórico-educacionais e movimentaram a articulação de diversos outros saberes no livro ora resenhado.

A obra consiste em uma coletânea de artigos, conectados pelo fio da problemática em exame, através da mobilização de diversos campos do conhecimento. Neste livro são articulados saberes provenientes da Pedagogia, História, Sociologia, Ciências Sociais, Serviço Social, Filosofia e até mesmo da Química. A multiplicidade de formações dedicadas a pesquisas distintas, contudo direcionadas a partir um mesmo mote, corrobora para a

construção de perspectivas múltiplas e refinadas, socializadas nos onze artigos reunidos que contam com autores representantes de instituições de ensino do Nordeste e do Centro-Oeste brasileiro. Os escritores que colaboraram nesta obra são vinculados a instituições da Paraíba (UFPB, UEPB e UFCG), do Ceará (UFC e URCA), de Sergipe (UFS e UNIT) e da Bahia (UFBA) e de Goiás (UFG). Como é possível inferir, a distância geográfica entre os autores não foi fator impeditivo ao diálogo das ideias.

O capítulo de abertura da obra resenhada atine à autoria de Regina Nobre Vargas e Anna M. Canavarro Benite. No artigo intitulado *Estudos sobre gênero e relações étnico-raciais: em análise o ensino de Química*, as autoras enfrentam padrões curriculares descompromissados com aspectos socioculturais. A partir dos recursos metodológicos da pesquisa participante, as escritoras desempenham um diálogo profícuo entre o ensino de Química e a desconstrução do mito da democracia racial, debatendo sobretudo os conceitos de gênero e raça, bem como as questões identitárias neles imbuídos. As autoras contribuem para a construção de uma nova perspectiva de ciência e de cientista, pluralizando-os, assim como desvelam, debatem e combatem o racismo em sala de aula. Comunica-se, neste artigo, a urgência da construção de um “currículo escolar em que se reconheça a diversidade étnico-racial”.

O segundo artigo da obra, cuja autora é Zuleide Fernandes de Queiroz, intitula-se *Mulher, feminismo negro e formas de resistências: negras no Cariri cearense*. Nele, há intensa contribuição para a problemática de gênero, do feminismo negro, da mulher negra e suas formas de luta e resistência, a partir do contexto sociocultural cea-

rense, sobretudo no Cariri, com ênfase no Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC – 2001). Utilizando pesquisa qualitativa e documental, a autora opera embasamento teórico sobretudo em Beauvoir, Davis e Toledo, pondo em diálogo os conceitos de gênero e raça, desvelando suas interações, possibilidades, limites e fissuras. A partir da socialização de seus estudos, ressalta-se a importância do entendimento de que o “[...] movimento feminista não conseguiu contemplar as reivindicações e necessidades da mulher negra”.

O terceiro capítulo do livro ora resenhado intitula-se *As artes do sinuoso: sexo, Foucault e teoria Queer*, cujo autor é Adriano de Leon. Nele são desenvolvidas reflexões sobre sexo, sexualidade, discurso e controle sobre os corpos a partir de Foucault, que escrutinou os saberes científicos sobre sexualidade e subverteu a naturalização de seus conceitos. Em seu artigo, percorre-se o trajeto analítico desenvolvido por Foucault acerca da temática da sexualidade, advertindo, ainda, sua estreita relação com o conceito de identidade. Em razão dessa premissa, o escritor do capítulo em questão esquadrinha a Teoria Queer, enumerando suas cinco ideias centrais. O pensamento de Foucault é compreendido como forma de resistência e “[...] mais do que explicações teóricas, são fontes vivas de uma ação cotidiana contra toda a sorte de conceitos rígidos que encarceram ideias e principalmente indivíduos.”

No quarto capítulo do livro, cujo título é *O corpo abortado de si: biopolítica do feminino*, as autoras Juliana S. Monteiro Vieira e Dinamara Garcia Feldens também encontram subsídio teórico em Foucault, para desempenhar debates sobre corpo feminino, inteiramente

inserido em um campo político, e seus correlatos aprisionamentos, assim como uma discussão conceitual acerca da biopolítica, do biodireito e do biopoder. A partir de uma revisão teórica, as autoras desvelam estratégias empreendidas na História do Brasil utilizadas para “[...] legitimar o corpo feminino como um lugar exterior ao sujeito, um corpo passivo que perpetua uma dominação masculina.”

O quinto escrito da obra ora resenhada intitula-se *Movimentos feministas e mulheres jovens: limites e possibilidades*. Nesse escrito, a autora Idalina Maria Freitas Lima Santiago elege como intento investigativo principal analisar a participação de mulheres jovens em movimentos de mulheres e feministas, enfocando o contexto da cidade de João Pessoa – PB. Desenvolvendo reflexões relativas às proficuidades e aos limites presentes na referida atuação, a autora mapeia organizações não governamentais (ONG's), associações locais, assim como redes, fóruns e outras organizações sócio-políticas direcionadas aos e às jovens existentes no recorte geográfico mencionado, refinando seu olhar acerca da participação de mulheres jovens nesses contextos. A partir da perspectiva teórico-metodológica analítica, descritiva e documental, além de utilizar diversas técnicas de pesquisa, a escritora destaca ausências no tocante a projetos construídos especificamente para a juventude e, sobretudo, para o público juvenil feminino no contexto analisado. Contudo, a autora observou que essas organizações sociopolíticas buscam agregá-los(as) às suas atividades, sendo a juventude alocada em ações com vistas ao público geral e às mulheres jovens em ações destinadas às mulheres.

O sexto capítulo do livro em questão denomina-se *O gênero biográfico a serviço da construção de modelos de masculinidade em jornais paraibanos e pernambucanos (1870-1880*”, tem na autoria Matheus da Cruz e Zica e Patrícia Barros de Oliveira. Em perspectiva histórica, neste escrito os autores investigam as relações de legitimidade entre escrita biográfica e a perpetuação de modelos de masculinidades, no contexto da imprensa oitocentista recifense (jornais *O Trabalho* e *A Lanceta*) e paraibana (jornais *A Opinião* e *Liberal*). As representações advindas da imprensa do período são compreendidas como formadoras ou, ainda, modificadoras de opinião pública acerca de estereótipos de gênero. Os autores destacam que os processos de seleção, intrínsecos à imprensa, buscavam convencer linguisticamente os seus leitores sobre a construção de papéis de gênero que hierarquizavam o masculino em detrimento do feminino.

O sétimo escrito da obra ora resenhada intitula-se *A Creche da Madame Francisca Ermira Kohler: biografia de uma prostituta que virou educadora e política na cidade de Horizonte – Ceará*. Nesse artigo, os autores Mayara Alves e José Gerardo Vasconcelos debruçam-se sobre as narrativas de si de uma “[...] lutadora social, mulher, mãe, separada, de muitos amores, com viagem internacional, recheada pela leitura inerente a todos os processos reservados para o que era ser mulher na sociedade capitalista do século XIX”. A partir da observância dos processos de submissão e resistência, os autores atentam-se e problematizam a construção dos papéis sociais atrelados ao feminino no contexto espaço-temporal do Ceará no século XIX. No referido texto, os relatos biográficos são compreendidos como modalidades narrativas

e a biografia como uma microrrelação social, conforme Ferrarotti (2014), fazendo surgir, portanto, múltiplas discussões sobre a relação entre indivíduo e História.

O oitavo capítulo do livro denomina-se *Docência e Administração no Grupo Escolar Gama e Melo (1928/1939)*: sinais do patriarcado e relações de gênero na organização escolar. Nesse escrito, as autoras Maria Lúcia da Silva Nunes e Charya Charlotte Advíncula perscrutam a complexidade dos modelos educacionais no âmbito dos grupos escolares, no contexto espaço-temporal da cidade de Princesa (PB), no início do século XX. A ênfase do referido artigo recai sobre as tessituras vinculadas às relações de gênero no cerne de uma sociedade patriarcal e suas reverberações em âmbito escolar. As autoras buscam compreender, portanto, as vinculações entre questões de gênero e a instrução pública, sobretudo visando compreender a construção e a definição dos lugares que eram ditos como legítimos socialmente às mulheres desse período, a partir da documentação consultada no Arquivo Público do Estado da Paraíba.

O nono escrito da obra ora resenhada intitula-se *A Escrita Feminina na Imprensa Campinense*, cuja autoria é de Ajanayr Michelly Santana e Charliton José dos Santos Machado. Nele, elege-se como cerne das reflexões o lugar das mulheres na imprensa situada na cidade de Campina Grande (PB), a partir da trajetória, da atuação e dos escritos de Terezinha Brasileiro Souza entre os anos de 1948 e 1951. A investigação dessa escrita jornalística direcionada aos temas e ao público feminino, possibilitou aos seus autores o desempenho de uma “cartografia da escrita feminina” na imprensa, frente a um cenário eminentemente masculino, desvelando embates e fronteiras

relacionados à questão de gênero no contexto espaço-temporal referenciado.

O décimo capítulo do livro denomina-se *A Educação Doméstica: “o lar e a economia” no Boletim de Educação da Paraíba de 1937* e conta com a autoria de Shirley Targino. O enfoque do artigo é direcionado à análise dos escritos da educadora paraibana Albertina Correia de Lima, sobretudo aqueles publicados no Boletim de Educação nº 1, posto em circulação no efervescente ano de 1937. O processo de emancipação feminina atrelado à escrita jornalística e ao âmbito educacional paraibano é questão motriz para a autora, em sua contribuição à História das Mulheres.

O capítulo que conclui a coletânea em questão intitula-se *As Implicações dos Grupos-Referência no Processo de Construção Autobiográfica e Intercultural*, cuja autoria é de Gilvete de Lima. Centra-se na análise das relações entre narrativas autobiográficas, identidade e formação docente. Utilizando sobretudo os estudos de Paul Ricoeur, a autora analisa os denominados grupos-referência a partir de sete meandros: familiares, comunitários, religiosos, escolares, profissionais, acadêmicos e reflexivos, bem como suas relações e implicações no processo de construção da identidade docente de mulheres. Nas palavras da autora: “Acolher as dimensões do eu profissional das professoras, sua identidade, é possibilitar-lhes identificar um lugar onde possam habitar e “[...] partilhar com outro uma nova experiência” (RICOEUR, 1994, p. 119).”

A presente coletânea possui denso e irrefreável compromisso com as questões socioculturais do nosso tempo. Suas reflexões não se confinam ou arrefecem nas

letras de suas páginas. A partir da leitura desta obra, descortina-se uma nova forma de se interpretar o mundo, bem como identificar e combater as teias que sustentam e perpetuam as injustiças que nos rondam e nos sufocam a cada instante. Os debates presentes em *Gênero e Cultura: questões políticas, históricas e educacionais* estimulam a construção de leitores insaciáveis pelo rompimento das estruturas e discursos aprisionadores, que ferem e cerceiam. No limite, a obra em questão nos torna ávidos por liberdade e justiça social.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (Org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: Editora da EdUece, 2018.

27 EXERCÍCIO DA ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap27>

RAYANE DAYSE DA SILVA OLIVEIRA

Cientista Social e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Possui experiência no campo dos estudos críticos de gênero e sexualidade, políticas públicas e direitos humanos.
rayaneoliveirasocial@yahoo.com



obra apresentada consiste em uma coletânea de artigos que mobilizam um debate multidisciplinar sobre os estudos (auto)biográficos. Publicada pela Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE) em 2019, a coletânea possui um total de 398 páginas e está apresentada em 21 capítulos, divididos em duas partes. Na parte I – Biografias, Memórias e Perspectivas Metodológicas são apresentados 06 artigos, todos focados no debate teórico-metodológico; na parte II – Biografias e Memórias, há um total de 15 artigos, onde são abordadas perspectivas empíricas a partir de pesquisas voltadas ao gênero (auto) biográfico.

A coletânea é resultado dos esforços de 35 pesquisadores/as, destes/as, Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes e Ajanayr Michelly Sobral Santana, que organizam a obra e assinam artigos, além de outros/as 32 pesquisadores/as que apresentam textos na coletânea. O livro *Exercício da escrita (auto) biográfica* é, pois, resultado dos esforços coletivos e da colaboração desses profissionais, liderados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBBR/GT-PB.

A apresentação, assinada pela organização, traz uma linguagem objetiva e de fácil leitura e funciona como uma chamada sobre o que há de fundamental no livro, além de sintetizar para o/a leitor/a o que será encontrado em cada capítulo. Os capítulos, por sua vez,

possuem formato semelhante e contam, em maioria, com introdução, tópicos de desenvolvimento e considerações finais. No que diz respeito ao objeto central da obra, isto é, a escrita (auto)biográfica, ela é conceitualmente descrita, em vários momentos, como um gênero narrativo que vai além do relatar a si mesmo e funciona como um instrumento de produção histórica, podendo, em alguns contextos, operar como uma narrativa de trajetórias sociais, o que torna essa abordagem narrativa produtora do ponto de vista da pesquisa social e histórica, uma vez que tais escritos se preocupam em ir além da escrita de si mesmo e mobilizam questões mais amplas. Por tais questões, esses escritos têm estado em bastante evidência desde a década de 1980 até o presente, tanto no campo acadêmico quanto no meio comercial de produção e circulação de livros em geral, fato que localiza a obra em tela como extremamente pertinente para o debate metodológico atual.

Para além da sua evidente utilidade metodológica, as críticas acerca das limitações do gênero (auto)biográfico existem e são contempladas na coletânea, que busca expô-las para auxiliar na compreensão do papel, do percurso e do contexto histórico de utilização das (auto)biografias, sobretudo, no modo como esse gênero foi visto por um período significativo da sua trajetória histórica de uso enquanto controverso, problemático e difícil de ser utilizado.

Devido a um conjunto de acontecimentos (dentre eles, a evolução do conhecimento histórico, as mudanças nas formas de escrever a história e a ascensão do individualismo), temos que os escritos (auto)biográficos passaram a ser considerados como um gênero produtora

e com potencialidade de produzir tanto pesquisas acadêmico-científicas quanto obras de outros tipos, de maneira que o atual interesse que esses escritos suscitam tornou-se sólido e amplo.

A escrita (auto)biográfica conseguiu estabelecer em seu percurso de utilização uma posição no debate historiográfico, e atravessar a depreciação por que passou, deixando de ser vista como um recurso unicamente descritivo de narrativas individuais delimitadas sem pretensões mais amplas, para se firmar enquanto um procedimento metodológico que considera o indivíduo em um contexto social mais amplo e que interage com outros sujeitos.

Dada a relevância das discussões sobre a escrita de si, é particularmente interessante a amplitude que a coletânea contempla, indo desde o percurso histórico dos relatos (auto)biográficos (o que engloba as críticas tecidas ao gênero, bem como o seu posterior estabelecimento como ferramenta metodológica produtora), passando pela pertinência da sua utilização, apontando os desafios da operação (auto)biográfica, além das diferentes perspectivas que podem ser abordadas por meio desses escritos: histórica (inclusive da história da educação), sociológica, antropológica etc., apresentando até mesmo a sua utilização em contextos empíricos a partir de pesquisas voltadas ao gênero (auto)biográfico.

Em suma, a coletânea *Exercício da escrita (auto)biográfica* brinda-nos com profícuas discussões e análises acerca dos elementos de estudos biográficos, autobiográficos, escrita de si, identidade narrativa e memórias. Dirigida para um público diversificado, é um guia para aqueles que desejam conhecer mais sobre estes es-

tudos a partir de um enfoque tanto teórico-metodológico quanto empírico. A obra em tela merece crédito e estima desde as notas de apresentação até o último capítulo.

Referência

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (Org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: Editora EdUECE, 2019.

28 PAISAGENS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS, IMPRENSA E LITERATURA

<https://doi.org/10.47149/978-85-7826-896-1/cap28>

AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba, e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional. Especialista em História Cultural pela Universidade Estadual da Paraíba. É professora da Rede Pública de Ensino do estado da Paraíba e município de Cabedelo-PB. Sócia efetiva do Instituto Histórico de Campina Grande.
mimysobral@gmail.com

Estudar a história de mulheres é ativar desejos, fazer emergir nossa condição, é se inspirar em mulheres fortes, determinadas que convivem ao nosso entorno, é perceber um pouquinho de cada uma delas nas nossas pesquisas (NUNES, 2020). Para tanto, em meio às paisagens sobre atuações femininas, ficamos atraídos por cada interpretação, olhar sobre as fontes e os vestígios de mulheres que buscaram, através de suas práticas e representações, as (re) significações das relações de gênero.

Com relevantes pesquisas sobre atuações femininas na atualidade, Nunes conseguiu reunir textos sobre a visibilidade e dizibilidade de mulheres e suas representações e práticas cotidianas, em que elas fizeram história com suas trajetórias de vida, marcaram presença na sociedade e questionaram padrões, buscaram espaços, almejaram serem vistas e ouvidas, sonharam com a liberdade de ser e com igualdades de direitos.

Ao falar sobre sua paixão pela literatura e da vontade de narrar sobre as histórias de mulheres educadoras, literatas e/ou escritoras, Nunes possibilitou pesquisas nesse campo discursivo: “Um objeto de pesquisa nasce de um interesse, uma curiosidade, uma necessidade, uma questão, um desejo de conhecer, ou saber mais sobre algo que afeta nossa vida, de outras pessoas, ou da sociedade de um modo geral” (NUNES, 2020, p. 16). Reconhecendo a possibilidade da mesma, pesquisas foram desenvolvidas na linha em história da educação, que não

se limitaram a um “[...] mundo fechado e exato” (NUNES, 2020, p. 25), mas percebeu a ficção em seus aspectos sociais, culturais, políticos e educacionais.

Com estudos sobre mulheres na educação, Nunes influenciou as suas orientações no interesse de pesquisar sobre essa temática, e focou em projetos sobre histórias de mulheres paraibanas educadoras. Com seu olhar sensível sobre as mulheres em suas tramas, encontrou riquíssimos cotidianos de nossa gente e o reconhecimento das lutas femininas. Contudo, pesquisadores/as que se debruçam nessa área encontram dificuldades de buscar vestígios de mulheres o que levou a procurar outras fontes para além da literatura.

Apesar das muitas pesquisas nesse campo, investigar sobre as histórias de mulheres ainda é considerado desafiante e conflitante. Assim, essa coletânea se tornou instigante e importante para o campo da história da educação, pois conseguiu reunir fontes riquíssimas da presença feminina, bem como de mulheres que se apropriaram de espaços como lugares de lutas e de falas.

O livro resenhado é resultado de pesquisas inovadoras dos/das orientados/as de Nunes sobre as questões de gênero, através de vários campos teóricos e fontes de pesquisa. Nessa obra organizada, a professora/autora uniu textos que romperam com as formas meramente descritivas sobre o gênero, por meio do qual o que mais interessou foram as construções dos significados identitários de mulheres que irromperam estereótipos e se lançaram em espaços até então poucos conquistados por elas, com amplas pesquisas nos campos da memória, imprensa e literatura.

A maioria dos textos articula as vivências e experiências de mulheres como sujeitos históricos, que viveram os fatos e momentos estudados, com questões teórico-metodológicas construídas por teias discursivas perscrutadoras de suas atuações, das histórias e vozes de mulheres criadoras de seus caminhos no campo educacional, que romperam barreiras e buscaram estratégias que as colocaram como autoras de suas próprias vidas.

Esses/as autores/as trouxeram escritas tecidas por fios metodológicos presentes em questões em torno de temas que procuraram desnaturalizar os significados historicamente postos sobre o que é ser mulher, com narrativas historiográficas que buscaram a participação feminina, e de uma análise exaustiva de vestígios que compuseram suas vidas, essas marcadas por lutas pelo (re) conhecimento e legitimidade de seus trabalhos e escritos.

Por meio dessas abordagens, Nunes incentivou pesquisas que nos apresentaram um fazer histórico provocador de perguntas sobre o objeto de estudo em busca de respostas, possibilitando aos leitores/as o acesso às histórias de vida de mulheres que, de maneira diversificada, imprimiram suas marcas na construção de suas identidades como professoras e/ou escritoras na sociedade brasileira e em especial no estado da Paraíba.

As fontes trabalhadas foram reconhecidas pelo movimento da história cultural. Deste modo, jornais, revistas, manuais de economia doméstica, relatos orais, fotografias, literatura, cordéis, entre outras fontes que vêm sendo abordadas pelos/as historiadores/as da história da educação nas últimas décadas se fizeram presentes nesta obra, situando-se como resultados da elaboração

produzida pelos/as autores/as, possuindo um caráter provisório e mutável, abertos às novas questões.

Esses percursos estiveram presentes em quase todos os textos, onde os/as autores/as construíram seus passos em suas trajetórias de pesquisas. Silva abordou as concepções sobre educação e contribuições à escolarização da Paraíba na década de 1930. Santos trouxe o tema da economia doméstica em prol do bem-estar da família, bem como as noções de higiene, costura e alimentação, vinculadas aos controles dos comportamentos das mulheres na década de 1950. Por sua vez, Soares, Santos e Izidro trouxeram discussões sobre formação, profissionalização e práticas docentes, das professoras Neuza Medeiros Alves, Maria Eulália e Nilza Fernandes de Sousa, respectivamente. Santos discorreu sobre a educadora, historiador e escritora Carmem Coelho de Miranda Freire e sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Por fim, Macau estudou o romance “Outros Cantos” de Maria Valéria Rezende, que objetivou analisar o papel da memória para a construção do referido romance.

Suas análises caminharam no sentido de desconstruir “verdades” sobre os femininos, em torno dos fatos e dos objetivos de estudo em contínuos exercícios de conhecer a vida e práticas profissionais dessas mulheres e de “dar voz” às mesmas que durante muito tempo foram silenciadas na/pela história. Não buscaram a verdade em si, mas vidas construídas pelas adversidades de gênero.

Os jornais, literatura de cordel e os manuais de economia doméstica, que trouxeram os contextos sociais e políticos de uma época, foram fontes riquíssimas para perscrutar as representações femininas, possuindo tex-

tos escritos por mulheres que se apropriaram desses espaços como lugares de lutas e de falas. Destarte, muitos jornais possibilitaram ecoar vozes de mulheres ao reservarem suas páginas para que elas pudessem falar sobre si, discutindo acerca dos lugares do/para o feminino na sociedade.

Rastreamos também em suas análises as reminiscências de mulheres que tiveram suas importâncias e seus espaços de atuação, com a memória em constante movimento, pois ao mesmo tempo em que os sujeitos rememoram, também analisam e reelaboram suas percepções sobre o que é e como foi o passado. Nesse sentido, as lembranças não são mimeses, ou seja, não construíram a realidade passada trazendo-a para o presente tal qual aconteceu, mas, como problematizou Gagnebin (2001), representou um meio de aprendizado sobre a vida dessas mulheres. A memória assim, como atividade de resignificação do presente, ou, ainda, como leitura de um passado que sempre está se atualizando.

Dentre as autoras com suas histórias de mulheres, o texto de Rocha se destacou por apresentar outro olhar, sobre a produção das masculinidades no discurso literário de José Lins do Rego a partir das narrativas em *Menino de Engenho* (1931) e *Doidinho* (1933). Aquele apresentou importantes contribuições para as discussões de gênero, em que as identidades relacionadas nas obras desse regionalista trouxeram os códigos de masculinidades compondo-se uma série de traços e imagens que remeteram para “[...] os valores que fragmentariamente circulam em nossa sociedade e são elementos de nossas práticas e formas culturais, dando origem a ações e formas de pensamento que continuam sendo constitutivas

da produção de subjetividades” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.22).

Foi por meio dos fios das lembranças e dos vestígios deixados, sejam eles palpáveis ou não, que os/as autores/as nos possibilitaram o acesso a vidas singulares de lutas, conquistas, questionamentos e desafios propiciando o encontro entre dois sujeitos, a pesquisadora e a pesquisada, a educadora e o educando, o/a leitor/a e o personagem de ficção, que do “choque” desses encontros emergiram histórias intrínsecas eternizadas nas páginas de uma coletânea.

Os/as narradores/as produziram uma obra discursiva, nos quais as fontes postas por meio de histórias de vida foram diluídas de maneira minuciosa e paciente, em que procuraram, juntamente com os relatos orais, dar sentido a essas existências que romperam padrões e que buscaram em ambientes desfavoráveis suas carreiras e deram vozes as suas ações.

A partir da construção de lembranças das educadoras e escritoras, podemos ter acesso às experiências de vida fortemente ligadas às lutas femininas por espaço e igualdade de gênero. São relatos que possibilitam o enriquecimento das abordagens dos textos, tendo em vista que algumas experiências não deixaram registros escritos ou são escassos, portanto, estão situados nas práticas ordinárias e cotidianas às quais apenas os relatos orais possibilitaram acesso.

Desse modo, atravessam quase toda a coletânea da obra relevantes discussões no campo da história da educação e a importância da memória, da imprensa e da literatura para o estudo sobre os gêneros, que permitem aos pesquisadores/as o contato com um trabalho minucioso

na busca por fontes de pesquisas e, sobretudo, o contato com uma importante discussão para as pesquisas sobre histórias de mulheres e de gênero na linha em história da educação.

Nunes, ao propor a construção dessa obra, dispôs de textos que deram movimento e fluidez aos relatos, contado histórias que não tiveram como propósito a busca de uma verdade, mas na elaboração de sentidos de verdades e dos desejos e afetos femininos, tratando-se de abordagens teórico-metodológicas que privilegiaram a arquitetura discursiva na qual se elaboraram discussões de determinados temas, sendo eles, em sua maioria, as experiências de vida de mulheres educadoras e escritoras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria F. L.; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANE, Maria Stella; NAXARA, Márcia Regina. *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campina, SP: Editora da Unicamp, 2001.

NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org.). *Paisagens da História da Educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: Editora da EdUECE, 2020.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 15 de setembro de 2023.

Maria Lúcia da Silva Nunes

Maria Lúcia da Silva Nunes



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 15 de setembro de 2023.

Maria Lúcia da Silva Nunes

Maria Lúcia da Silva Nunes

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.

16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XÁVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.

32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Ílele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAI GNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto,*

- you conta*: leituras e pesquisas (auto)biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
 51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
 52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
 53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
 54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
 55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
 56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
 57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
 58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
 59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
 60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
 61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
 62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
 63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
 64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
 65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
 66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jociana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
 67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.

68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camilla Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais*: abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares*: Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).

85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).
92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuzza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jociana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).

102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Lívia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).

117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (E-book).
131. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlénia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 411 p. ISBN: 978-65-86445-97-8. (E-book).
132. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educa-*

- cional: tecituras colaborativas na pós-graduação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-65-86445-99-2.*
133. SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. *Por uma educação linguística libertadora: os estudos gramaticais no ensino básico à luz da pedagogia de Paulo Freire. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-788-9 (E-book).*
 134. FREIRE, Vitória Cherida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Maria Luiza Fontenele: formação educacional e política. Fortaleza: EdUECE, 2021. 212 p. ISBN: 978-85-7826-790-2 (E-book).*
 135. XAVIER, Antônio Roberto; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita; SOUSA, José Weyne de Freitas (org.). *Planejamento, políticas públicas e gestão sustentável: demandas sociais contemporâneas. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-787-2 (E-book).*
 136. XAVIER, Antônio Roberto; SANTOS, José Cleilson de Paiva dos; SILVA, Ana Maria Alves da (org.). *Saberes tradicionais, políticas e ações sustentáveis: múltiplos atores, diversas abordagens. Fortaleza: EdUECE, 2021. 229 p. ISBN: 978-85-7826-786-5 (E-book).*
 137. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-85-7826-796-4.*
 138. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-85-7826-795-7.*
 139. GAUTHIER, Jacques; AMARAL, Augusto Luís Medeiros; AMARAL, Raquel Ávila; ARAÚJO, Natan; GAUTHIER, Maria do Rosário da Soledade; STEIN, Yanée Maudia. *A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa. Fortaleza: EdUECE, 2021. 248 p. ISBN: 978-85-7826-792-6 (E-book).*
 140. MACIEL, Jocyana Cavalcante da Silva; BRANDENBURG, Cristine; BARON, Miriam Viviane. *Caminhos para o protagonismo em seus espaços da educação e saúde. Fortaleza: EdUECE, 2021. 172 p. ISBN: 978-85-7826-799-5.*
 141. VIEIRA, Arlindo Mendes; MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra; LIMA, Maria Socorro Lucena; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Tecituras decoloniais da formação de professores: incertezas, desafios e lutas. Fortaleza: EdUECE, 2021. 258 p. ISBN: 978-85-7826-812-1 (E-book).*
 142. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-85-7826-803-9 (E-book).*
 143. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-817-6. (E-book).*
 144. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-818-3.*
 145. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-822-0.*

146. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-821-3. (E-book).
147. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Perspectivas sobre formação docente: experiências contemporâneas e contextos curriculares*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 270 p. ISBN: 978-85-7826-826-8 (E-book).
148. MACIEL, Maria Jose Camelo; LIMA, Jaqueline Rabelo de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; CARVALHO, Marília Nogueira. *Prática docente no ensino superior: bases, relatos e memórias da formação*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 574 p. ISBN: 978-85-7826-823-7 (E-book).
149. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (org.). *Educação e trabalho na paraíba*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 311 p. ISBN: 978-85-7826-830-5. (E-book).
150. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-841-1 (E-book).
151. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-839-8.
152. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4 (E-book).
153. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4.
154. MOREIRA, Francisca de Assis Viana; LOPES, Tania Maria Rodrigues; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação a distância e a formação em pedagogia: Experiências da universidade estadual do ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 323 p. ISBN: 978-85-7826-838-1 (E-book).
155. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; MORAES, Ana Cristina de; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Docência(s): experiências e sentidos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 240 p. ISBN: 978-85-7826-843-5 (E-book).
156. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Ensino e pesquisa na pós-graduação: teoria, prática e práxis*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 350 p. ISBN: 978-85-7826-849-7. (E-book).
157. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 469 p. ISBN: 978-85-7826-851-0.
158. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 292 p. ISBN: 978-85-7826-853-4. (E-book).

159. XAVIER, Antônio Roberto; MUNIZ, Karla Renata de Aguiar; OLIVEIRA, Lucineide de Abreu (org.). *Covid-19, políticas públicas e sustentabilidade: desafios à ciência e aos recursos tecnológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 254 p. ISBN: 978-85-7826-858-9. (E-book).
160. BESERRA, Raquel Carine Martins; KACZAN, Maria Anita Vieira Lustosa; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação em tempos de pandemia*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 258 p. ISBN: 978-85-7826-863-3. (E-book).
161. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-859-6.
162. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-860-2. (E-book).
163. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Retratos da escola pública brasileira em tempos neoliberais*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 261 p. ISBN: 978-85-7826-869-5. (E-book).
164. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 292 p. ISBN: 978-85-7826-871-8.
165. MORAES, Ana Cristina de; LIMA, Izabel Cristina Soares da Silva; QUEIROZ, Juliane Gonçalves (org.). *Cultura(s), educação e arte nos caminhos da (auto)formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-872-5. (E-book).
166. COSTA, Maria Aparecida Alves da; FIALHO, Lia Machado Fiuza (autoras). *Maria Cinobelina Elvas: docência na Escola Normal (1981-1988)*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-879-4. (E-book).
167. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-877-0.
168. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-878-7. (E-book).
169. ALVES, Maria Alda de Sousa; ANDRADE, Michely Peres de; OLIVEIRA, Anderson Souza (org.). *Narrativas e práticas de ensino em Ciências Sociais: diálogos com a pesquisa e a extensão*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 290 p. ISBN: 978-85-7826-883-1. (E-book).
170. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Mobile collaborative learning e a prática docente com o suporte de tecnologias móveis*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 312 p. ISBN: 978-85-7826-886-2. (E-book).
171. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Software educativo livre para o ensino de Geometria*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 228 p. ISBN: 978-85-7826-884-8. (E-book).
172. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-887-9.

173. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-885-5. (E-book).
174. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 470 P. ISBN: 978-85-7826-890-9. (E-book).
175. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lucia da Silva (org.). *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 257 p. ISBN: 978-85-7826-896-1. (E-book).